

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

WELLINGTON LUCAS DOS SANTOS

Retratos da juventude: um estudo sobre os jovens da periferia de Campo
Mourão – PR.

Campo Mourão
2020

WELLINGTON LUCAS DOS SANTOS

Retratos da juventude: um estudo sobre os jovens da periferia de Campo
Mourão – PR.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.
Área de concentração: Instituições, políticas públicas e participação.

Orientadora: Simone Pereira da Costa Dourado.

Campo Mourão
2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S237r

Santos, Wellington Lucas dos

Retratos da juventude : Um estudo sobre os jovens da periferia de Campo Mourão – PR / Wellington Lucas dos Santos. -- Maringá, PR, 2021.
105 f.tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Pereira da Costa Dourado.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2021.

1. Juventude. 2. Desigualdade. 3. Urbanização. 4. Periferia. 5. COVID-19. I. Dourado, Simone Pereira da Costa , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências

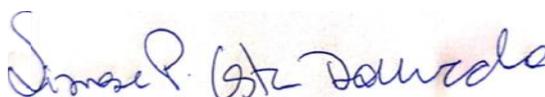
CDD 23.ed. 305.23

WELLINGTON LUCAS DOS SANTOS

**Retratos da juventude: um estudo sobre os jovens da periferia de Campo
Mourão – PR.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA



Prof^ª. Dr^ª. Simone Pereira da Costa
Dourado Universidade Estadual de
Maringá (Presidente)



Prof. Dr. Fagner Carniel
Universidade Estadual de Maringá (UEM)



Prof^ª. Dr^ª. Márcia Stengel
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC
Minas)

Aprovada em 22 de fevereiro de 2021
Realizada por videoconferência conforme Resolução nº 026/2020 – PGC

Dedicatória

*Aos meus pais Helio e Suely,
por seu suporte e apoio incondicional.*

*Aos jovens informantes da pesquisa,
por sua inestimável colaboração.*

*Aos pesquisadores das ciências humanas,
que tiveram suas pesquisas comprometidas,
pela pandemia.*

*Aos profissionais e pesquisadores da saúde,
por sua batalha incansável,
diante do vírus e do negacionismo.*

*A todas as vítimas do COVID-19 (in memoriam),
e suas famílias enlutadas.*

AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim desta jornada, é hora de agradecer a todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho, desde o processo de seleção até os últimos ajustes do texto. Ninguém faz nada sozinho, foram tantos amigos e colaboradores, que mesmo de longe ajudaram com palavras de incentivo e apoio nas horas difíceis, deram dicas e compartilharam experiências e materiais, enfim, auxiliaram de algum modo, mesmo que indiretamente.

A minha orientadora Simone, meu especial agradecimento pela orientação nos dois anos de trabalho, por sua contribuição ímpar não só para a pesquisa, mas, para minha formação acadêmica. Sua paciência e dedicação, sempre acolhendo minhas ideias e me orientando em minhas dificuldades, me ajudou a ter foco na pesquisa e, com liberdade e autonomia, pude realizar este trabalho de forma alegre e prazerosa.

Por meio de Fagner Carniel e Walter Praxedes, presto minha gratidão e nomeio todos os professores que, da educação básica a pós-graduação, participaram da minha formação e foram exemplos de inspiração e profissionalismo. Especialmente aos dois aqui nominados, que durante o exame de qualificação, apontaram sugestões e dicas fundamentais para a escrita desta dissertação.

Aos colegas, Alisson, Arruda, Castanho, Felipe, Fabrício, Gaspar. Por todo apoio em tempos de isolamento social, também pelas dicas e trocas de figurinhas com sugestões e recomendações mútuas.

Aos informantes que colaboraram para a pesquisa, minha eterna gratidão por seu tempo e disponibilidade em compartilhar um pouco de suas vidas.

À minha namorada Amanda, companheira de todas as horas que sempre me apoiou e me fez companhia em todos os momentos, meu muito obrigado.

Por fim, a minha família, especialmente meus pais Helio e Suely, e minha irmã Kássia, sou grato pelo apoio material e emocional, e por todo suporte durante os momentos mais difíceis desta pesquisa.

Retratos da juventude: um estudo sobre os jovens da periferia de Campo Mourão – PR.

Resumo

Essa pesquisa tem o objetivo de compreender a juventude e sua relação com a cidade. Empreende investigação das trajetórias e experiências dos jovens de 15 a 19 anos da periferia de Campo Mourão no interior do Paraná, evidenciando os conceitos elaborados por esses jovens para se referirem a vida urbana. Analiso a composição de teias de sociabilidade juvenil, e de que modo a classe social e o desempenho escolar interferem nas escolhas feitas pelos jovens. A meta é descrever os pontos de encontro da juventude, observando a dinâmica da urbanização e seu envolvimento com as relações sociais, o peso da origem socioeconômica e territorial nas interações e práticas juvenis, além de examinar como o grupo geracional transita pelo ambiente citadino de modo a infundir em locais de convivência e circulação pública características próprias de um espaço de socialização juvenil. Averigua, ainda, o peso da COVID-19 na vida dos jovens.

O trabalho está inserido na linha de pesquisa Instituições, políticas públicas e participação e pretende contribuir para as pesquisas no campo de investigações sobre as juventudes brasileiras e a construção do fenômeno urbano em cidades de porte médio do interior do Brasil.

Palavras-chave: Juventude. Urbanização. Sociabilidade. COVID-19.

Retratos de jóvenes: un estudio sobre jóvenes de las afueras de Campo Mourão – PR.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo comprender la juventud y su relación con la ciudad a través de una investigación de las trayectorias y experiencias de jóvenes de 15 a 19 años de la periferia de Campo Mourão en el interior de Paraná, destacando los conceptos desarrollados por estos jóvenes para referirse a la vida urbana. Busco comprender la composición de sus redes de sociabilidad y cómo la clase social y el desempeño escolar interfieren con sus elecciones. El objetivo es describir los puntos de encuentro de los jóvenes observando las dinámicas de urbanización y su implicación con las relaciones sociales, el peso del origen socioeconómico y territorial en las interacciones y prácticas juveniles, además de examinar cómo el grupo generacional se mueve por el entorno de la ciudad con el fin de infundir en los lugares de convivencia y circulación pública características propias de un espacio de socialización juvenil, comprobando cuál fue el peso del COVID-19 en la vida de los jóvenes. El trabajo es parte de la línea de Instituciones de investigación, políticas públicas y participación y tiene como objetivo contribuir a la investigación en el campo de las investigaciones sobre la juventud brasileña y la construcción del fenómeno urbano en ciudades medianas del interior de Brasil.

Palabras clave: Juventud. Urbanización. Sociabilidad. COVID-19.

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

CEJU	Centro da Juventude
COAMO	Cooperativa Agropecuária Mouroense
CONEP	Conselho Nacional de tica em Pesquisa
CONJUVE	Conselho Nacional da Juventude
COPEL	Companhia Paranaense de Energia
COPEP	Comit Permanente de tica em Pesquisa com Seres Humanos
COVID-19	<i>Corona Virus Disease 2019</i>
DER/PR	Departamento de estradas de rodagem do Paraná
DGTC	Departamento de Geografia, Terras e Colonização
DSTs	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	ndice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	ndice de Desenvolvimento Humano
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econmico e Social
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
MA	Estado do Maranhão
NRE	Núcleo Regional de Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PGC	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
PNAD	Contínua Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios contínua
PR	Estado do Paraná
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEED-PR	Secretaria de Educação e do Esporte do Paraná
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SP	Estado de São Paulo

UEM	Universidade Estadual de Maringá
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 JUVENTUDE E ESPAÇO NA VIDA URBANA.....	16
2.1 FALANDO UM POUCO SOBRE A ESCOLHA DO CAMPO E TRAÇANDO A PRIMEIRA HIPÓTESE COMPARATIVA.....	24
3 ENTRE FLORES E ESPINHOS: AS DIFICULDADES NO TRABALHO DE CAMPO E AS MUDANÇAS NA PESQUISA.....	37
3.1 O COVID-19 E A JUVENTUDE.....	46
4 UM TRABALHO DE CAMPO INUSITADO: O ENCONTRO COM OS ENTREVISTADOS.....	50
5 A ENTREVISTA COM OS VOLUNTÁRIOS.....	65
5.1 O PRIMEIRO DIÁLOGO E A ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE.....	66
5.2 A IDA À CAMPO E A ENTREVISTA COM OS INFORMANTES.....	71
5.3 A PANDEMIA, A PERIFERIA E A JUVENTUDE.....	78
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXO 1.....	99
Modelo de questionário da pesquisa.....	99
ANEXO 2.....	104
Roteiro para entrevista com informantes da pesquisa.....	104

1 INTRODUÇÃO

O Trabalho aqui apresentado tem o objetivo de estudar a juventude da periferia de Campo Mourão, uma cidade do interior paranaense, como ela se relaciona com o espaço urbano de seu município, de que modo se encontra, o que pensa sobre ser jovem e, posteriormente, como seus momentos de estudo, lazer e circulação foram afetados pela pandemia do COVID-19.

O objeto de investigação deste trabalho é a juventude de 15 a 19 anos, moradora dos bairros da periferia de Campo Mourão, com cerca de 95 mil habitantes segundo estimativa oficial¹ de 2020. O foco reside em analisar como estes jovens vivem sua juventude e de que modo sua condição de morador de periferia e demais condicionantes sociais como renda, estratificação e segregação espacial, contribuem para esta experiência.

A questão da pesquisa reside em descobrir como a juventude se reconhece, de que modo vive, a partir de determinadas condições socioeconômicas, e se enxergam o peso de sua origem e classe social nos trânsitos pela cidade e nas relações sociais que estabelecem.

Utilizamos o conceito de juventude de modo flexível e reflexivo, não propomos cunhar uma definição generalista sobre a juventude para só assim traçar nossos objetivos, ser jovem não é uma experiência única para todos os que tem idade para tal, trabalhamos com uma conceituação plural de juventude e suas inflexões sociais.

As condições sociais em que são inseridos os indivíduos influenciam sensivelmente suas escolhas, gostos, trânsitos e possibilidades, de modo que um jovem branco de classe média, morador do Leblon no Rio de Janeiro, tem uma experiência de ser jovem muito distinta de uma jovem negra que vive na favela do Sol Nascente em Brasília. Portanto, não há como criar uma representação homogênea da juventude, falarei nos capítulos seguintes sobre a dificuldade em definir o termo jovem.

Meu interesse pela juventude se deu logo ao entrar na sala de aula como professor de Sociologia ainda cursando a graduação, confesso que foi um desafio entrar numa sala de aula para ensinar pessoas com só dois ou três anos a menos que eu. Às vezes me sentia mais pertencente ao grupo dos alunos do que dos professores que passaram da juventude há algum tempo, para alguns docentes que foram meus professores no passado não tão

¹ IBGE Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/campo-mourao/panorama>.

distante, me ver como colega de trabalho era um exercício complexo e quase sempre se restringia apenas aos assuntos ligados à docência, talvez fosse custoso perceber que o tempo estava passando depressa.

A proximidade etária com os alunos fez com que o diálogo fosse mais fácil em alguns momentos e mais difícil em outros, sempre que um conflito entrava em voga a atividade professoral se colocava como sinônimo da autoridade e respeito, mesmo assim perguntas como “Quantos anos o senhor tem professor?”, “O senhor já é formado?” ou ainda constatações como “Eu lembro de você no colégio, você se formou tem uns 2 anos né” eram comuns na convivência com os alunos, sobretudo, quando atuei no colégio em que concluí o Ensino Médio no curso de Formação de Docentes, o antigo Magistério.

A linha tênue que separa a juventude e a vida adulta e suas responsabilidades era sempre ultrapassada e recuada dado o interesse dos jovens pelo assunto, o mesmo indivíduo que se queixava não ter idade para entrar em baladas ou consumir álcool e que tentava justificar sua maturidade para fazê-lo, era o mesmo que recorria a pouca idade para argumentar a falta de compromisso ou o esquecimento para pedir mais prazo ao entregar uma atividade atrasada.

O discurso de que os primeiros anos da juventude são uma etapa de transição estava tacitamente disposto e compreendido pelo ideário dos indivíduos, tal mentalidade era sempre utilizada como meio de evocar um local de fala específico e barganhar interesses e benefícios no diálogo com os professores e os mais velhos, os jovens sabem que estão em um campo e que precisam disputar espaço com outros grupos geracionais a todo tempo, alguns adultos fazendo uma leitura equivocada confundem a dissimulação do jovem como desinteresse e apatia, o que contribui para uma representação ingênua da juventude.

Convivendo com os jovens na sala de aula e vendo sua curiosidade e interesse pelas questões sociais que vão da política à economia e ao debate ambiental e um engajamento em disputas dentro do ambiente escolar, percebi que não há como afirmar que “o jovem de hoje não tem interesse pelas coisas”, um bordão dito constantemente pelos mais velhos. O contexto social que os adultos e idosos de hoje viveram sua juventude passou por um momento de profundas mudanças sociais e políticas e exigiu um enfrentamento direto, em contrapartida, a juventude de hoje vive maior estabilidade política e uma gama de acesso a bens e serviços e uma rede de proteção e políticas públicas que foram constituídas em um período recente, ainda que circulem em constante ameaça dada as incertezas econômicas e sua influência nas políticas públicas.

Uma fala que sempre me causou desconforto e que foi posta em xeque já nos primeiros encontros com os jovens em sala de aula é a do jovem como sinônimo de problema, tal leitura surgiu na virada dos anos 1980 para os 1990 com a explosão demográfica no Brasil aliada a instabilidade econômica, a adoção de uma agenda Neoliberal e o aumento vertiginoso das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce e a criminalidade.

Na época, a análise do jovem como potencial responsável pelos altos índices de criminalidade e violência, contribuiu para que a juventude no Brasil pudesse se estabelecer como uma problemática sociológica, atualmente há um consenso entre os estudiosos de que tal visão encontra-se datada e insuficiente para responder as perguntas sobre como a juventude, sobretudo de periferia, se relaciona com a violência e de que forma podemos entender este fenômeno.

Dentre tantas pesquisas podemos citar os estudos de Cardoso e Sampaio² (1995), que realizaram um inventariado bibliográfico comentado com mais de 300 obras, desde leituras canônicas até trabalhos inovadores passando pela literatura de ficção até autobiografias, distribuídas em temas como juventude e escolaridade, juventude e as relações de trabalho, a cultura jovem, participação social e política e situação da juventude no Brasil e no mundo.

Sposito³ (2002) também coordenou um projeto que catalogou trabalhos concentrados nas áreas de Sociologia e Psicologia que tratavam de questões como a inserção no mundo do trabalho e da escola, a participação política e os processos de exclusão socioespacial. Camarano⁴ (2006) teve como objeto de análise a juventude do ponto de vista da transição do jovem para a vida adulta destacando o que é próprio do contexto juvenil e aquilo que se confunde com outras etapas da vida, com a ajuda de outros pesquisadores discutiu as dificuldades que o jovem enfrenta na passagem para o

² CARDOSO, Ruth, & SAMPAIO, Helena Santana. *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: Edusp, 1995.

³ SPOSITO, Marília. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude e escolarização. In Osmar Fávero, Marília Pontes Sposito, Paulo Carrano & Regina Reyes Novaes, *Juventude e contemporaneidade*, p. 7-34. Brasília: MEC/INEP/Comped, 2002.

SPOSITO, Marília, & CARRANO, Paulo. Juventude e políticas públicas no Brasil. In Osmar Fávero, Marília Sposito, Paulo Carrano & Regina Novaes (Orgs.), *Juventude e contemporaneidade*, p. 179-215. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

⁴ CAMARANO, Ana Amélia. *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

meio adulto e suas responsabilidades e, ainda, trouxe uma reflexão sobre as mudanças na sociedade brasileira e como estas influem na vida do jovem.

Um olhar mais atento é capaz de perceber que a juventude tem sido a população mais vulnerável à exposição que a origem social pode causar na trajetória de um indivíduo. Nos diálogos que eu estabelecia com os alunos era possível notar como os com melhor desempenho escolar e de regiões mais centrais da cidade tinham aspirações ao ensino superior e a busca de uma profissão mais qualificada enquanto os menos favorecidos se preocupavam com a emancipação que a conclusão dos estudos poderia trazer, entre os mais pobres a escolarização enfrentava sérios obstáculos como a renda familiar e a necessidade de trabalhar e estudar, o que pode contribuir na escolha do curso pretendido e nos anos de escolaridade.

O exercício de observar a vida e tentar captar as nuances que se esvaem no cotidiano é mais complexo que se imagina, a realidade passa muito ligeira diante de nossos olhos que quase não reparamos nos simples detalhes, mas, uma coisa que me chamou a atenção logo no início de minha observação é que a juventude está muito aquém de ser um bloco maciço e uniforme.

No cotidiano dos colégios como docente de Sociologia, vendo os diferentes rostos cada um com seus semblantes, as vestimentas ora alegres ora sombrias, os assuntos diversos nos papos de corredor, os trejeitos, as gírias, enfim, vi um grupo, ou melhor, grupos muito distintos entre si. Embora alguns elementos permaneceram semelhantes entre diferentes jovens de variadas localidades, suas experiências e a forma com que falavam do futuro era de algum modo condicionada a sua realidade e contexto social.

É com essa imagem pluralizada de juventude que trabalho na pesquisa, permito tratar a juventude como um conjunto de vivências com diferentes experiências sobre como é ser jovem, dada a realidade social e econômica em que se insere o indivíduo. Em meio a tanta diversidade de representações sociais sobre o jovem, nosso recorte metodológico caminha pela experiência de como é ser um jovem da periferia de uma cidade média do interior, com idade entre 15 e 19 anos e renda familiar de até três salários mínimos.

Esse trabalho é um pouco sobre como é possível enxergar os jovens como essa gente em construção, vislumbrar como se inicia a trajetória de um jovem pelas searas da cidade onde mora, de que forma circula pelo espaço e o que faz em suas horas vagas, além de ouvir um pouco sobre seus sonhos e anseios. Meu objetivo reside em buscar compreender a juventude periférica de uma cidade interiorana do Brasil fora dos grandes

centros urbanos, saber o que fazem, como pensam, olhar para seu rendimento escolar e investigar se há relação entre suas experiências juvenis e sua origem social. Se esses pertencimentos, jovem e periférico, interferem em suas escolhas, perspectivas e sonhos para o futuro. A pesquisa também colabora para construção de um cenário no qual a juventude urbana está inserida e que não é exatamente conhecido pelos estudos urbanos no Brasil. Pesquisas sobre juventude e periferia em cidades médias, particularmente, aquelas do interior do Brasil são pouco frequentes e sobre o contexto dessas pesquisas pesam algumas suspeitas: há periferia em cidades consideradas pujantes, pertencentes a “rica” região Sul do Brasil, e de porte apenas médio? Há uma cultura urbana, modos e estilos de vida metropolitanos em localidades marcadas pelo agronegócio? Meu trabalho mostra que há núcleos urbanos estruturados para além dos grandes centros e de suas regiões metropolitanas, que cidades jovens e médias reproduzem a lógica de se organizarem social e espacialmente de forma a gerarem processos de periferização e exclusão da população mais pobre e que, a juventude periférica se articula, circula e cria seus modos de vida e trânsitos nesses locais também.

Por força da pandemia de COVID-19 a pesquisa acabou tomando rumos novos e incorporando elementos que não estavam previstos anteriormente, a percepção do jovem de periferia sobre o isolamento social e os impactos desta medida em sua vida foi um desses elementos. Durante o texto, especificamente no trecho sobre as dificuldades que enfrentei na pesquisa por conta da COVID-19, falo sobre o papel da doença em minha análise e como ela foi determinante na definição da metodologia e dos informantes.

Pensando no modo como seria apresentado o resultado deste trabalho procurei escrever de modo simples e linear, traçando um caminho pelo objeto de pesquisa, objetivos, análise dos dados e algumas considerações acerca do que aprendi com a pesquisa, tudo isso em um constante diálogo com a bibliografia que segue nas notas e referências.

No início do texto abordo a discussão sobre juventude, seu surgimento e sua relação com as mudanças no ambiente familiar e na urbanização das sociedades ocidentais, além da representação de juventude construída pela sociedade e o poder público, sobretudo, a experiência da juventude de periferia.

Também trato da justificativa de escolha de periferia de uma cidade média interiorana como palco da pesquisa, de comparações de desempenho escolar com um município similar em outra região do país e de uma reflexão sobre a influência da desigualdade social e herança cultural nos estudos dos jovens.

Posteriormente, nos capítulos seguintes, trago as análises dos dados coletados no campo utilizando as entrevistas como ferramenta de coleta, nele estão desenhadas as problematizações sobre os temas abordados e os relatos dos informantes obtidos em suas respostas.

Por fim, nas considerações finais descrevo brevemente como a juventude da periferia se enxerga, quais são suas impressões sobre a periferia e como observam a presença do novo Coronavírus em suas vidas, seguido das referências que orientaram o trabalho como um todo.

2 JUVENTUDE E ESPAÇO NA VIDA URBANA

A concepção de uma primeira idade de vida é recente entre as sociedades ocidentais, somente com o advento do capitalismo e as grandes mudanças na divisão social do trabalho, principalmente o surgimento da burguesia e seu impacto nos laços familiares, é que a ideia de infância e juventude começa a aparecer.

Àries (1986), em seus estudos sobre a família no fim do período medieval observa que, os adultos viam a infância como os primeiros anos de vida, etapa que o indivíduo necessita de alguém para satisfazer suas necessidades físicas de sobrevivência, assim que se tornava autônomo o infante era inserido na vida adulta.

A transição da infância para a vida adulta se dava no fim da dependência dos cuidados de um adulto, o pequeno-homem logo era colocado para viver em meio aos adultos onde o saber se dava na observação e experimentação do mundo dos grandes, foi assim até o êxodo urbano causado pela revolução industrial e a institucionalização do saber por meio da escola.

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, [...]. (ARIÈS, 1986, p. 10).

O papel da família na inclusão social do infante era quase nulo se comparado com os dias atuais, os pais tinham apenas a função de cuidar para que a criança ultrapassasse a fase da mortalidade e os primeiros anos para, então, poder ser incluída no círculo adulto onde aprenderia as regras e jogos sociais do cotidiano.

A sociedade medieval não compreendia os menores como uma população que inspirasse carências e necessidades próprias, o meio social confundia os adultos com os mais novos, uma realidade longe de ser confundida com desprezo, mas, reflexo da mínima emancipação individual que colocava os pequenos na socialização com o mundo adulto.

O apego emocional em relação aos menores era frágil e durava pouco tempo dada as altas taxas de mortalidade infantil, o filho falecido logo poderia dar lugar a outro bebê, por isso, a criança só era contada com parte da família por volta dos 5 anos de idade.

Philippe Ariès relata que somente no século XVII surgem as primeiras preocupações estéticas em diferenciar adultos de crianças, nas telas e gravuras representando as famílias da alta burguesia é possível notar a mudança nas roupas que estão mais vivas, os traços mais delicados nos rostos dos pequenos e o semblante mais jovial para além do homem em miniatura de antes.

O processo do avanço do capitalismo sobretudo após a revolução industrial trouxe grandes mudanças na dinâmica das sociedades ocidentais, a era moderna inaugurou uma nova representação de família e de viver e morar que agora se baseia no espaço urbano e nos laços de sociabilidades impessoais.

A longa e contínua mudança do campo para as cidades criou estilos de vida cada vez mais dependentes e orgânicos entre si, as pessoas passaram a ser segregadas nos espaços urbanos por meio do nível de consumo, do acesso a bens e serviços públicos e no exercício da política e da cidadania, dada sua origem e classe social.

As mudanças na paisagem dos agrupamentos habitacionais destacam o valor da diversidade econômica que emana nos povoados em detrimento do rompimento com a dominação tradicional e a pacata vida rural, marcada pela pessoalidade e o calor das relações afetuosas, quase de parentesco, com as famílias limítrofes, as cidades brotam como um assentamento permanente do mercado nas cercanias das rotas comerciais, um recinto fortificado com costumes e dizeres autônomos que aglutinam em sua localidade ecos dos viajantes que por ela passam.

Max Weber (1967) olhando para o potencial mercante dos aglomerados traça um raciocínio de configuração das primeiras cidades como o epicentro da vida econômica, espaço de convivência entre a diversidade mercante com tendências a cultura da profissionalização e o lar individual da família, em uma relação entre tradição e modernidade.

Toda cidade no sentido que aqui damos a essa palavra é um “local de mercado”, quer dizer, conta como centro econômico do estabelecimento com um mercado local e no qual em virtude de uma especialização permanente da produção econômica, também a população não-urbana se abastece de produtos industriais ou de artigos de comércio ou de ambos e, como é natural, os habitantes da cidade trocam os produtos especiais de suas economias respectivas e satisfazem desse modo suas necessidades. (WEBER, M. 1967, p.68).

No desenvolvimento das cidades o âmbito urbano se estabelece em cadeia com os setores político-administrativos, econômicos e culturais, lapidando uma esfera que

denota instituições próprias que regem a autonomia urbana das localidades. A desenvoltura do aparato jurídico ancorado no ímpeto burguês liberalizante e seu caráter regulatório sobre os diversos contratos sociais estabelece aos poucos o aspecto associativo da cidade, um estamento primário de cidadania em oposição ao padrão anterior de correspondência com o território, situando a cidade como o cenário da política, mercado e intercâmbio cultural das civilizações capitalistas.

No Brasil majoritariamente agrário de dimensões continentais do início do século XX, a história mostra um processo complexo e voraz que em seis décadas moveu uma extraordinária massa dos campos para as cidades, um fenômeno que engendra um novo modo de vida das populações centrado no êxodo rural e intensa industrialização do pós-guerras mundiais. O exponencial crescimento da densidade demográfica nos territórios urbanos confere uma forma de sociedade que, impactada pela modernização das relações sociais de produção, opera um agitado palco social guiado pela fragmentação e dependência recíproca dos atores, o que força o homem a formular diferentes métodos de compreender e gerenciar o espaço geográfico e as convenções nele existentes.

O Brasil, como os demais países da América Latina, apresentou intenso processo de urbanização, especialmente na segunda metade do século XX. Em 1940 a população urbana era de 26,3% do total. Em 2000 ela era de 81,2%. Esse crescimento se mostra mais impressionante ainda se lembrarmos os números absolutos: em 1940 a população que residia nas cidades era de 18,8 milhões de habitantes, e em 2000 ela era de aproximadamente 138 milhões. (MARICATO, E. 2000, p 21).

Tomando como referência as considerações de Manuel Castells (1983), é possível notar que a manifestação da diversidade urbana imprime um novo modo de vida e urbanismo, conduzido pela alta compressão populacional e multiplicidade de sistemas de valores, atitudes e comportamentos além dos padrões consumo. A rápida concentração de um grande volume de pessoas em locais onde antes comportavam números menos expressivos, condenou a cidade a um acelerado arranjo espacial e populacional, que ao modernizar as áreas populares e tradicionais com pitadas de ornamentação e vanguardismo segregou os moradores em camadas, despachando os setores mais pobres para áreas distantes e com geografia desfavorecida.

Urbano designaria então uma forma especial de ocupação do espaço por uma população, a saber o aglomerado resultante de uma forte concentração e de uma densidade relativamente alta, tendo como correlato previsível uma diferenciação funcional e social maior. (CASTELLS, M. 1983, p. 40).

Os variados processos de produção social do espaço nas cidades brasileiras, refletem o papel dos centros urbanos dentro do desenvolvimento capitalista na periferia global, a cultura urbana dimensionada no conflito gera modalidades distintas de consumo e conjuntos simbólicos situados em uma relação entre espaço e sociedade, o peso da alta produção dado o progresso tecnológico coloniza a localidade por sua alta produtividade, gerando comportamentos efêmeros e descartáveis onde pode mais quem consome mais. As diversas formas de ocupação do espaço urbano, corroboram para o surgimento de diferentes gostos e estilos de vida, desses círculos saltam novas formas de vizinhança, associações e movimentos sociais que exemplificam a cultura da disputa pela consolidação de territórios próprios de convivência.

É na pluralidade cultural dos circuitos urbanos que emergem as múltiplas expressões simbólicas dos variados grupos, o território como campo fértil de análise, sobretudo o espaço da periferia, é um microssistema dentro do organismo vivo das cidades, produto das condições naturais somadas ao histórico empreendimento humano, que deve ser analisado tomando em consideração sua dependência e emancipação do todo urbano. No espaço geográfico das populações estão marcas de lutas e contendas, atividades passadas e ações presentes que propõem dinâmicas para a configuração da face da localidade, gestadas na passagem do avanço técnico-científico das disposições econômicas e práticas sociais, cunhando assim a real significância do meio, como aponta Milton Santos e Maria Laura Silveira (2006).

As configurações territoriais são o conjunto dos sistemas naturais, herdados por uma determinada sociedade, e dos sistemas de engenharia, isto é, objetos técnicos e culturais historicamente estabelecidos. As configurações territoriais são apenas condições. Sua atualidade, isto é, sua significação real, advém das ações realizadas sobre elas. (SANTOS, M. SILVEIRA, M.L. 2006, p. 248).

Neste meio conflituoso se insere a camada geracional da juventude, que confere aos espaços que transitam e habitam práticas ritualísticas e elementos próprios de uma cultura juvenil, em constante disputa de espaço com outros grupos geracionais e identitários, seu fazer enquanto agente da sociedade é orientado por sua posição de classe e origem social que moldam as trajetórias no curso das experiências com os espaços urbanos. A escola enquanto instituição de ordem social entrega ao jovem o primeiro contato com uma estrutura social, neste espaço escolar os jovens congregam o primeiro

palco de socialização entre seus pares, reunindo-se em grupos baseados em afinidades próprias.

Nas regiões periféricas das cidades de um país pobre e desigual como o Brasil a relação dos jovens com a escola está no centro de uma comunidade escolar que vai além da instrumentalização do saber, a escola é um ponto de encontro da comunidade, quase sempre a única presença do Estado, um ambiente que os pais veem como base de suporte, cuidado e proteção para seus filhos.

No convívio da escola que os jovens aprendem a se relacionar com o outro, respeitar limites e regras, descobrindo e construindo seus valores e princípios, exercendo a cidadania através de seus direitos e deveres e entrando em contato com o debate democrático e a pluralidade de ideias. É na escola que a mãe vai pedir a consulta com o oftalmologista para o filho, é na escola que os pais se queixam do desemprego, da falta de comida na mesa, da dificuldade em comprar os materiais e o uniforme escolar e de tantos outros estigmas vividos na periferia.

No cotidiano escolar e sua sociabilidade pulsante, os jovens constroem seu repertório com linguagens e códigos próprios que são vislumbrados na relação dos estudantes em afirmar suas posições de disputa de espaço contra a ordem escolar, que engessam a atuação dos discentes.

As práticas invadem ações diretas como o não cumprimento de prazos e regras, atrasos e baixa participação em eventos escolares. Além da indisciplina em sala, a condição de juventude torna-se um desafio à escola que muitas vezes não sabe como lidar com o imaginário dos alunos, alguns professores temem que ao dar espaço de fala aos adolescentes, acabem gerando ameaças à ordem escolar.

A tentativa de repelir a cultura jovem desvalorizando seus elementos característicos em um gesto de repressão contra a busca de espaço e sociabilidade dos jovens já se mostrou arcaica e ineficiente, o aquartelamento da juventude caminha para a uniformidade e a perda das competências e saberes individuais, longe da troca de experiências e da promoção de um intercâmbio de aprendizado e sem estimular a construção do conhecimento e a curiosidade não será possível ter sucesso na educação e inserção social do jovem. Interpretar as ações do jovem como atos motivados pela rebeldia é reduzir a potencial interação social de seus atores, negando as demandas específicas do grupo etário bem como um tremendo retrocesso no prisma analítico sociológico e psicológico.

Muitos conflitos são gerados pela incompreensão da realidade adolescente que se choca com o caráter autoritário e disciplinador da escola, sobretudo na periferia onde a condição do jovem é tida como revolta e insubordinação com mais frequência do que nas áreas mais abastadas. Assumindo o papel de formadora do cidadão ideal atento as normas sociais, a obsessão pelo controle faz da escola uma instituição de correção através de punições para os desvios de comportamento.

Refletindo sobre a escola como palco de sociabilidade jovem a luz de Alexandre Barbosa Pereira (2010), podemos problematizar o espaço escolar e sua função reprodutora da engenharia social ao sugerir que os alunos possam estar impondo seu ideário cultural nas práticas escolares, através de uma reinvenção do espaço escolar e de seus signos.

[...], a partir do momento em que a escola propicia que indivíduos de uma determinada faixa etária convivam cotidianamente, articulando relações de socialidade com seus pares, a escola também passa a sofrer a influência do modo como esses se relacionam entre si e com a instituição. (PEREIRA, A. B. 2010, p. 110).

Nos atemos primariamente ao ambiente escolar pois este é o campo inicial da vida em sociedade dos jovens, mesmo havendo poucos espaços na escola para a juventude se apropriar e conviver, são dentro dos limites do colégio que nascem os primeiros grupos juvenis entre a rotina escolar, nos contatos no pátio e no intervalo, que são importantes recortes espaciais e temporais para a juventude. Do palco estudantil saem variadas coletividades que vão ocupar os diferentes espaços de circulação das cidades, por meio dos elos de socialização criados na escola surgem os primeiros laços afeto que desencadeiam intervenções para além do espaço escolar.

Falar sobre juventude é tratar de uma questão de pesquisa fértil e complexa, muitos estudiosos (BOURDIEU, 1983; CAMARANO, 2006; DIÓGENES, 2009; GROppo, 2004; SPOSITO, 2002) têm se esforçado para construir uma análise que fuja da velha máxima da juventude sendo sinônimo de violência, consumo de drogas, gravidez prematura e desemprego. O olhar enviesado para o jovem e a sua rotulação como problema social, no sentido pejorativo do termo, pouco contribui para a compreensão mais profunda dessa faixa populacional como problemática sociológica.

A juventude tem se consolidado como objeto de preocupação nas sociedades modernas e contemporâneas, passando de problema social a objeto de estudo sociológico. No Brasil, com a expansão demográfica dos anos 80, a juventude passa a ser uma grande

parcela da população, virando sinônimo da causa do alto índice de desemprego, das taxas de criminalidade, do avanço das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e da gravidez prematura.

A problemática juvenil passou a reunir juristas, intelectuais e estudiosos cada vez mais inquietos com os rumos da etapa que marca a entrada da vida adulta. Com as legislações internacionais e os dispositivos nacionais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e mais tarde o Estatuto da Juventude, foram criados marcos legais para garantir a fatia jovem o pleno exercício da cidadania, ainda que com muitas dificuldades até hoje.

Ainda não há um consenso sobre a idade da juventude, o ECA determina que a adolescência vai dos 12 aos 16 anos, o Estatuto da Juventude define a etapa sendo dos 15 aos 29 anos, já os organismos internacionais definem o fim da juventude aos 25 anos, para fins legais fica estabelecido o que segue em legislação nacional. (GROPPO, 2004).

Para delimitar o recorte etário da pesquisa, trabalho com a definição do Estatuto da Juventude, cunhando o jovem como todo ente com idade entre 15 e 29 anos. Como se trata de um amplo leque etário, trato dos primeiros anos da juventude, que vão dos 15 aos 19 anos, etapa onde ocorrem vários acontecimentos, tais como a conclusão da escolaridade básica e a maioridade penal.

Mesmo com avanços em termos do reconhecimento da juventude como categoria de direitos e deveres no trato da participação pública cidadã, as legislações têm dificuldades em reconhecer as múltiplas realidades juvenis, dadas as diferentes condições sociais, espaciais e econômicas. (GROPPO, 2004).

À medida que os jovens vão ganhando espaço na sociedade, tem crescido sua participação ativa nos movimentos sociais e nas esferas políticas deliberativas da sociedade, de modo que a juventude tem conquistado a duras penas o exercício da cidadania política e social.

O recorte etário da juventude pode ser considerado como uma ferramenta interpretativa dos dispositivos jurídicos das sociedades, o importante é salientar que, para nós, a juventude é uma categoria social utilizada para sedimentar os indivíduos em camadas, organizando comportamentos, aspirações, deveres e direitos, tal classificação é um elemento que trabalha tanto na subjetividade dos atores quanto na estruturação da sociabilidade humana. (GROPPO, 2004).

Convém ressaltar que a juventude possui uma série de elementos que para uns e outros autores pesam de formas distintas em suas determinações, jovem não é apenas um

estado natural da vida que atribui elementos biologizantes a padrões de civilização, nem tampouco uma manipulação do imaginário social que não se materializa nas condições físicas.

A juventude é uma condição social que se revela de maneiras distintas dada a realidade que se insere determinada sociedade tal qual seus jovens, vindo através deste prisma, é possível considerar que sociedades atribuem pesos distintos as transformações físicas da puberdade, a moratória social dos primeiros anos da adolescência bem como as posições hierárquicas e de status de onde se lançam os indivíduos, seja por capitais culturais, simbólicos ou econômicos. (GROPPO, 2004).

Por meio da sua posição social, o indivíduo é portador de uma série de elementos culturais e simbólicos que foram sendo acumulados a partir de transmissão familiar e institucional no processo educativo, este acúmulo permite ao agente produzir estilos e práticas classificáveis em seu comportamento, além de diferenciar e analisar as posturas sociais dos mais variados agentes. (BOURDIEU, 2007).

As diferenças trazidas pelas diferentes posições e status conferem uma distinção simbólica entre os agentes no processo das relações sociais, causando uma distinção pela carga de elementos simbólicos e econômicos entre os agentes que se reflete em seus gostos de classe.

As características econômicas e sociais de um indivíduo só revelam sua posição social se estiverem dentro do estilo de vida que exprime, suas práticas sinalizam sua relação com os elementos materiais e sua importância em conferir o status que emana de sua posição.

O gosto, consumação e interesse por um dado conjunto de produtos ou serviços é a tradução máxima do estilo de vida, que se define pela coleção de sutis preferências que diferenciam uns dos outros e que, por meio da adesão mútua, pode também compor um grupo ou classe.

Cada área do estilo de vida reflete os gostos e anseios do indivíduo, sua indumentária, suas preferências, sua alimentação, seu lazer, sua conduta social, a forma de gerir seus gastos, seu tempo livre, a construção de seu corpo, sua saúde, tudo converge para o estilo de vida que resume seu aporte simbólico e seu vínculo com o material.

Com a consolidação do capitalismo como modo de produção das sociedades modernas a dialética das relações de consumo se torna cada vez mais complexa, as classes sociais como forma primeira de estruturação e segregação dos indivíduos tem incorporado e ramificado a função do consumo em sua construção. É imprescindível o

peso das classes na composição das variadas juventudes e suas experiências, dada a inserção social o jovem se encontra em uma realidade que irá valorar mais ou menos as categorias físicas e etárias, os ritos de passagem, a autonomia, o mercado de trabalho, os estudos.

Olhando a juventude através de um panorama histórico e social devemos levar em consideração inúmeros elementos e estratificações sociais como gênero, classe social, cor, nacionalidade, religião, local de moradia, entre outros. O que a perspectiva histórico-social nos revela é que não há um grupo juvenil uniforme, mas, múltiplas realidades, a juventude não se trata de uma categoria acabada, ao contrário, é uma construção social moderna dialética que assume várias determinações e postulados.

2.1 FALANDO UM POUCO SOBRE A ESCOLHA DO CAMPO E TRAÇANDO A PRIMEIRA HIPÓTESE COMPARATIVA

Antes de iniciar a entrada no trabalho de campo, prejudicado pelo isolamento social devido à pandemia de COVID-19, iremos construir uma reflexão metodológica que servirá para a fundamentação inicial da escolha do espaço escolar da periferia como palco da observação participante para a coleta de dados necessários ao estudo de caso sobre a trajetória da juventude. Como destaca Almeida (2016)⁵, o estudo de caso como ferramenta metodológica permite ao pesquisador uma intensa observação guiada por inúmeras perspectivas, que podem unir metodologias qualitativas e quantitativas.

Os estudos que se comprometem com esta estratégia de pesquisa quase sempre caem no equívoco de creditar a análise superespecializada de um elemento ou situação empírica do objeto como argumentação de sua escolha metodológica, quando na verdade a apreciação deve validar conceitos comuns a diferentes casos que elegem o mesmo objeto de investigação, o que resulta numa consideração leviana sobre o estudo de campo, que toma como partido apenas os montantes de dados a serem aferidos. (ALVES-MAZOTTI, 2006).

A utilização de uma estratégia de pesquisa abrangente permite buscar diferentes caminhos na elaboração da resposta para a problemática que toda pesquisa propõe a

⁵ ALMEIDA, R. Estudo de caso: foco temático e diversidade metodológica. In: ABDAL, A.; OLIVEIRA, M. C. V.; GHEZZI, D. R.; SANTOS JÚNIOR, J. (Orgs.). **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo**. São Paulo: Serviço Social do Comércio/Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, 2016. p. 60-72.

responder, nosso caso não é diferente. O trânsito da juventude de periferia pela cidade e as complexas teias de sociabilidade que dela emanam, é imprescindível para a construção da pesquisa munir-se de uma técnica que possibilite atender a unidade composta pelas diversas relações construídas.

Dada a ciência de que a juventude se tornou um importante tema para a reflexão sociológica, nossa tarefa é observar o jovem de periferia em sua circulação pelo espaço urbano vislumbrando suas disputas no palco social, a questão reside na possível fragilidade do jovem frente a imposição da origem social e seu peso em determinar suas escolhas e possibilidades.

O trânsito etnográfico pelas searas da juventude de periferia será o norte do trabalho, o contato com o recorte da população trará a imersão na realidade empírica e apontará os caminhos para uma posterior discussão com indicadores socioeconômicos para ampliar a análise do objeto da pesquisa, qual seja, a juventude periférica.

A escolha de uma cidade como Campo Mourão se deu por conta de que grande parte dos estudos são feitos em periferias de grandes metrópoles tradicionais, quando se fala em juventude logo se associa estudos sobre marginalidade e segregação urbana em favelas do eixo Rio-São Paulo e outras capitais populosas regiões metropolitanas, pouco se sabe sobre a vida da juventude das cidades médias interioranas do país.

Para ambientar o leitor sobre o campo da pesquisa iremos apresentar algumas características da cidade escolhida para nossa investigação, para tanto, iremos fazer pequenas incursões históricas e geográficas para ilustrar com clareza o exemplo de uma cidade do interior do Paraná como foco da análise.

A descoberta da chamada região dos Campos do Mourão, nome dado em homenagem a Dom Luis Antônio de Souza Botelho e Mourão governador da então província de São Paulo, é descrita por incursões de bandeirantes paulistas do século XVIII lideradas pelo capitão Estevão Ribeiro Baião, que partiram de Curitiba e chegaram aonde hoje é o município. (SILVA, 2008)⁶.

As expedições bandeirantes começam a ser pensadas como solução colonizadora depois do Tratado de Madri datado de 1750, acordo assinado entre Portugal e Espanha que definia sobre a posse das terras descobertas no continente americano, o documento

⁶ SILVA, Ivaneti Pereira Martins da. **Dinâmica e Populacional e Produção do Espaço de Campo Mourão - PR A Espaço Temporalidade de um Núcleo Polarizador**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

estipulava que as terras só seriam de quem tivesse seu efetivo domínio, o que incentivou as missões de bandeirantes por todo território interiorano do Brasil.

Na região dos campos do mourão, mais precisamente onde hoje é a cidade de Fênix, os bandeirantes encontraram também as ruínas da Vila Rica do Espírito Santo, um próspero povoado fundado pelos espanhóis no século XVI e destruído por incursões portuguesas no século XVII. O local se transformou em uma área de proteção e foi tombado como patrimônio histórico estadual em 1948, durante a década de 1980 se tornou um parque estadual, abrigando um sítio arqueológico e um museu fundado em 1990.⁷

Antes da chegada dos europeus ao continente americano, a região já era conhecida pelos povos pré-colombianos, os indígenas construíram uma rota que ligava a região de Cuzco no Peru até onde hoje fica São Vicente, no litoral de São Paulo, o Caminho de Peabiru. Parte do traçado principal cortava o paraná de leste a oeste, saindo do litoral paulista e passando pela região dos Campos Gerais e seguindo em direoo a Guairá, trilhando as terras de Paraguai e Bolívia até seu destino final na Cordilheira dos Andes.

O chamado Caminho de Peabiru era composto por seu traçado original e um conjunto de trilhas ramais, uma delas se iniciava no litoral paulista e margeava o rio Tietê em direoo ao noroeste paulista, chegando ao interior norte do Paraná descendo o rio Pirapo em direoo a regioo de Campo Mouroo e encontrando a rota principal onde hoje é a cidade de Jesuítas, na regioo oeste do Paraná.

Campo Mouroo é um município recente como a maioria interiorana do Paraná, seu povoamento só se inicia a mais de um século após a descoberta das terras, que permaneceram intocadas desde sua descoberta em meados de 1760. Somente na década de 1880, um grupo de pecuaristas da regioo de Guarapuava solicitou o registro de uma área de 60 mil hectares na regioo dos Campos do Mouroo, do grupo de solicitantes, Guilherme de Paula Xavier foi o único que se instalou na área, em meados de 1920. (SILVA, 2008).

Durante as primeiras décadas do século XX, a regioo com sua vegetaoo original de campos e cerrado servia de parada para tropeiros que conduziam o gado para venda no oeste paulista e em Mato Grosso do Sul, alguns desses viajantes passam a fazer morada na regioo e dedicar-se a pecuária, extrativismo de madeira e culturas de subsistência.

Aos poucos se fixam as primeiras famílias na localidade, so pioneiros vindos do interior paulista como José Luiz Pereira e alguns tropeiros de Guarapuava e da regioo

⁷ <http://www.sedest.pr.gov.br/Pagina/Parque-Estadual-Vila-Rica-do-Espirito-Santo>

central do Paraná como Jorge Walter e o próprio Guilherme de Paula Xavier. A expansão populacional da área se deu de modo lento nas primeiras décadas do século XX, sendo mais viva a partir da década de 1930 com a maior ocupação rural.

A composição étnica da cidade se dá com o expansionismo ocupacional da região por imigrantes europeus, sobretudo poloneses, ucranianos e alemães, vindos das regiões centro-sul do Paraná e dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, atraídos pelo solo roxo altamente fértil e barato se instalaram na região tendo como principal atividade a pecuária e a agricultura familiar baseada na policultura. (MORIGI e MORIGI, 2013).

O povoamento da área era visto com bons olhos pelo governo do estado, que tinha interesse na ocupação das terras devolutas segundo a legislação da época. Aos poucos os colonos foram se fixando na região e formando pequenas comunidades, mais tarde muitas delas deram origem a distritos que aos poucos foram desmembrados de Campo Mourão, formando as 25 cidades que compõem a região centro ocidental paranaense.

A primeira legislação que sinaliza a criação do futuro município data de 1916, fundando o patrimônio de Campo Mourão e conferindo as terras da região a câmara municipal de Guarapuava, na região central do estado. Pouco tempo depois, em 1921, o povoado foi transformado em distrito policial, em 1925 outra legislação transfere a Guarapuava outra porção de terra, dando a cidade plena posse de todo o terreno. (SILVA, 2008).

Em 1939, o Departamento de Geografia, Terras e Colonização (DGTC) do Paraná, realizou as primeiras demarcações fundiárias sobre a área de 2.000 hectares que havia sido repassada à câmara municipal de Guarapuava, estruturando o território de Campo Mourão.

6 anos depois, foram realizados os trabalhos de zoneamento urbano do distrito, traçando as primeiras ruas da cidade, local que hoje abriga a praça Getúlio Vargas, a biblioteca municipal e o Colégio Vicentino Santa Cruz, uma instituição confessional de ensino fundada na década de 1950 por irmãs vicentinas vindas da Polônia para ensinar os filhos dos imigrantes poloneses, na época chamada de Escola Polonesa São José.

Após ter sido demarcado o espaço urbano do distrito mourãoense, este teve de ser desmembrado segundo incongruências com o mapa urbanístico de Guarapuava, que pediu a nulidade do decreto que dava posse das terras de Campo Mourão à câmara guarapuavana, sendo assim, em 1943 Campo Mourão passa então a ser distrito do município de Pitanga.

Anos mais tarde, em paralelo com o auge expansionista das companhias colonizadoras que exploraram grande parte do norte e noroeste do Paraná, a região tem seu desenvolvimento e emancipação política do município de Pitanga datada em 10 de outubro de 1947. O apoio dos moradores ainda na campanha ao governador Moisés Lupion eleito em março de 1947, bem como a insistência de pioneiros e lideranças políticas da região foram fatores importantes para a elevação à município. (SILVA, 2008).

Nas décadas seguintes a cidade passa a perder território e população para outros distritos que aos poucos vão sendo transformados em município. Em 1956 Campo Mourão cede parte de sua área para a criação de Goioerê, em 1960 são criados outros oito municípios entre eles Ubiratã e Fênix, durante a década de 1980 é criado o município de Luiziana. Pinhalão d'Oeste é o último distrito desmembrado de Campo Mourão, fundando a cidade de Farol em 1991. (SILVA, 2008).

As atividades ligadas ao extrativismo da floresta de Araucárias, a pecuária ligada a vegetação nativa de campos e a agricultura baseada na soja, milho e algodão culminaram em uma rápida expansão da região entre os anos 1960 e 1970, a atividade voltada ao agronegócio e agroindústria tem sido até então a força motriz da economia na região.

A cidade é sede administrativa e industrial da COAMO agroindustrial cooperativa (Cooperativa Agropecuária Mourãoense). Fundada na década de 1970 por um grupo de produtores rurais da região, a cooperativa se tornou a maior do segmento agro da América Latina, está espalhada por mais de 70 municípios nos estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul.

A empresa foi eleita em 2020 como a segunda maior empresa do Paraná⁸, atrás da estatal COPEL (Companhia Paranaense de Energia), desbancando gigantes famosas como Renault do Brasil e Electrolux do Brasil e controlada, está também entre as 10 maiores da região sul. No ano de 2019 a empresa foi eleita pela revista Exame como a 9º maior do agronegócio brasileiro, no mesmo ano a cooperativa acumulou quase 14 bilhões de reais em receitas globais⁹.

Com a modernização do campo e a redução da mão-de-obra empregada no setor agrícola, a região passou por um intenso êxodo rural que culminou na expansão urbana

⁸ <http://www.paranacooperativo.coop.br/ppc/index.php/sistema-ocepar/comunicacao/2011-12-07-11-06-29/ultimas-noticias/131866-500-maiores-cooperativas-coamo-cvale-e-lar-estao-entre-as-10-maiores-empresas-do-parana>.

⁹ <http://www.coamo.com.br/site/quem-somos/portugues>.

da cidade, em paralelo com a emancipação distrital e a criação de pequenas cidades satélites ao redor de Campo Mourão.

A área compreendida pelos Campos do Mourão é atualmente denominada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) como Região Geográfica Centro Ocidental Paranaense, composta pelas Regiões Geográficas Imediatas das cidades de Campo Mourão e Goioerê que reúnem 25 municípios e uma população estimada de mais de 330 mil habitantes,¹⁰ em 2018 a população da cidade contava com uma estimativa de mais de 94 mil moradores,¹¹ número não reflete fielmente os dados de trânsito interno se considerado o fluxo de migração pendular que atrai pessoas das cidades vizinhas para o consumo de bens, serviços e ocupação.

A escolha da cidade como ponto de análise se dá pelo acesso facilitado ao campo além de alguns condicionantes reunidos como, a variedade considerável de 20 estabelecimentos que ofertam o ensino médio em todas as áreas da cidade com índices de qualidade oscilantes e uma população de jovens entre 15 a 19 anos próxima de 10%¹² do montante geral, ao olhar para os indivíduos entre 15 e 29 anos, o Censo de 2010 apontou que estes correspondem a mais de 1/4 da população total, apontando ser um município proporcionalmente jovem.

Para a escolha do campo educacional levaremos em conta o recorte espacial da periferia já que trataremos da juventude periférica e sua trajetória cidadina pelo estudo de caso analítico¹³, buscando problematizar e analisar os agentes e as searas por onde transitam a juventude, portanto, faremos agora uma breve descrição sobre o rendimento escolar de Campo Mourão por meio do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em comparação com uma cidade do mesmo porte, porém da região nordeste do país para averiguar como se comportam os indicadores dadas as diferenças espaciais e socioeconômicas e se as mesmas podem afetar os processos sociais.

¹⁰ IBGE - **Censo demográfico de 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>.

¹¹ **Estimativas da população 2018 - IBGE**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados>.

¹² **IBGE - Conheça cidades e estados do Brasil**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/campo-mourao/panorama>.

¹³ A abordagem analítica do estudo de caso compreende a discussão e reflexão, à luz dos dados coletados e da bibliografia suporte, da realidade dos agentes e acontecimentos que estão sendo investigados. Para maiores informações ver Almeida (2016).

A construção dos sistemas educacionais no Brasil é um tema amplo e em sua origem aponta para as principais desigualdades sistêmicas dentro da educação brasileira, já no período colonial, a presença da educação jesuítica desestimulou a coroa de investir na instrução dos brasileiros, a economia da monocultura sustentada pelo trabalho escravo não dependia de mão-de-obra letrada, o que excluía a população de pequenos proprietários, índios e pobres do acesso à educação.

O ensino proposto pelos jesuítas era ministrado no seio das famílias abastadas, seu cunho era de formação clássica e erudita com fins a continuidade dos estudos nas universidades europeias, o que demonstra a matriz seletiva que funda o ensino no Brasil, característica sentida até na atualidade.

Após a reforma pombalina, vários acontecimentos políticos mudaram o panorama da sociedade brasileira, com chegada da família real deu-se início a criação de várias instituições dentre elas teatros e universidades.

Em 1834, com a promulgação de um Ato adicional a constituição delegou a educação primária e secundária as províncias e o ensino superior ao governo central, o que fez surgir vários liceus nas províncias.

Somente com Vargas e as políticas de fomento industrial se tem mudanças significativas na educação, em 1931 com o Ministério da Educação liderado por Francisco Alves surge o decreto 19.890 que organizou o ensino secundário e mais tarde foi atualizado por Gustavo Capanema através da Lei Orgânica do Ensino Secundário (Lei 4.244/ 1942), os alunos concluíam o primário e passavam por uma prova de admissão para entrar no ginásio, caso fossem reprovados cursavam um ano de estudos complementares. (PEREIRA,2019).

Vargas dá forma a educação profissionalizante instituindo a criação do Serviço nacional de aprendizagem industrial (Senai) em 1942, contribuindo para a visão dualista do sistema de educação que ofertava a qualificação profissional aos mais pobres e o ensino propedêutico aos mais ricos.

O golpe de 1964 e a ditadura alteraram profundamente a dinâmica do sistema educacional brasileiro, a lei 5.692/71 organizou a educação básica em dois blocos, o primeiro grau, que incluía o primário e o ginásio, e o segundo grau, composto pelo colegial de 3 anos, o texto ainda criou a profissionalização compulsória a etapa correspondente ao Ensino Médio, que só foi revogada em 1982 por meio da pressão das classes médias e abastadas, era uma clara tentativa de silenciar os pedidos por ampliação

das vagas nas universidades e de maior garantia de escolha aos estudantes. (PEREIRA, 2019).

Com base no ambiente político instaurado no período da abertura política, com a nova constituição federal de 1988 e, posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1996, a educação brasileira se norteia pelos princípios de competitividade diante do cenário internacional e na exigência pelo aumento da escolaridade e de uma formação alinhada com o progresso técnico-científico.

A proposta já esboçada na Constituição de 1988, trazia uma maior participação dos estados da federação na oferta da educação, sobretudo do Ensino Médio, o que culminou obrigatoriedade progressiva da universalização de acesso aos anos finais da Educação Básica.

Balsas no estado do Maranhão é um município que surge como vila na década de 1890 e conquista a emancipação política da cidade de Riachão em 1918, tem forte apelo agrícola e é o principal município da mesorregião do sul maranhense, sua população no censo de 2010¹⁴ era de mais de 83 mil pessoas e em 2018 esteve estimada em quase 94 mil habitantes.

A escolha do município maranhense como caso comparativo se deu através de alguns elementos semelhantes aos da cidade do Paraná, a estimativa populacional das duas cidades estava numericamente próxima, bem como a parcela de 15 a 19 anos de idade no censo de 2010, o número de estabelecimentos de ensino médio nas duas cidades se aproxima, os dois municípios estão em áreas interioranas e apresentam forte influência dentro de suas regiões geográficas.

O IDEB é o principal termômetro da educação básica no país, um instrumento de avaliação nacional calculado a cada dois anos que é gerido pelo governo federal através do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC). O índice é composto pelos dados de aprovação do censo escolar do ano anterior bem como os resultados de avaliações feitas pelo INEP através da Prova Brasil para alunos do 5º e 9º ano do Ensino Fundamental, e a prova SAEB para alunos do 3º ano do Ensino Médio, juntas as duas avaliações formam o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) responsáveis pelo IDEB.

¹⁴ IBGE - Censo demográfico de 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>.

A edição do IDEB de 2017 apontou que Campo Mourão atingiu no Ensino fundamental I, que vai do 1º ao 5º ano, um patamar de 6,3¹⁵ que é considerado uma alta pontuação, em comparação, a cidade de Balsas no Maranhão, chegou a 4,6¹⁶ pontos, uma defasagem de quase 2,0 pontos do indicativo educacional. Na avaliação do Ensino Fundamental II que vai do 6º ao 9º ano, o município paranaense atingiu 4,9 pontos já a cidade da região nordeste chegou a 3,9, uma diferença de 1,0 ponto, que caiu se comparada com a análise anterior, mas, ainda revela considerável desigualdade de rendimento.

A notável diferença entre as cidades pode ser relacionada a vários fatores, como a municipalização do Ensino Fundamental que delega a oferta dos primeiros anos de educação as cidades, a assimetria nas arrecadações municipais, o investimento por aluno e o gerenciamento do financiamento da educação básica, são algumas das variáveis que compõem o cenário por trás dos índices e suas variações entre municípios aparentemente semelhantes.

O IDEB obtido na avaliação do Ensino Médio no ano de 2017 pela cidade da região sul apresentou um índice de 3,8¹⁷ pontos, que corresponde exatamente a média nacional¹⁸ alcançada no ano, já a cidade do Nordeste obteve um patamar de 3,7¹⁹ um número 0,1 pontos abaixo do registrado no país, comparando o desempenho das duas cidades é possível observar que se a diferença entre as cidades era significativa nas séries do ensino fundamental, ao chegar no ensino médio, momento da formação escolar que nos interessa na pesquisa, as diferenças praticamente somem.

Os patamares atingidos apontam que as desigualdades entre instituições municipais parecem ser mais aprofundadas que entre as de nível estadual, a diferença que chegou a 1,7 pontos nos anos iniciais caiu para 0,1 nos anos finais da educação básica. A baixa variação do índice atingido pelas duas cidades levanta a hipótese de que quanto maior forem os anos de escolaridade, menor será a diferença de desempenho entre estudantes das redes estaduais de ensino, ainda que morem em regiões diferentes do país,

¹⁵ **IDEB - Resultados e Metas.** Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/>.

¹⁶ **IDEB - Resultados e Metas.** Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/>.

¹⁷ **IDEB - Resultados e Metas.** Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/>.

¹⁸ **Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB 2017.** Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/planilhas_para_download/2017/IDEB2017_AP_RESENTACAO_final.pdf.

¹⁹ **IDEB - Resultados e Metas.** Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/>.

sendo assim, é imprescindível a implementação de políticas públicas que facilitem e estimulem a permanência na escola.

A avaliação educacional tem sido um terreno de disputas e se configurado em um parâmetro para medir a qualidade da educação e propor a adoção de políticas públicas nessa área, a partir dos anos 90, com as reformas educacionais, a promoção da universalidade de acesso da educação básica coloca em dúvida a hipótese das desigualdades sociais como causa do sucesso ou fracasso escolar.

Dentro deste cenário, a desigualdade antes evidente entre as classes sociais rompe a perspectiva do senso comum de que o acesso amplo a escolarização seria eficaz na redução das disparidades sociais e econômicas.

O ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, surge como ponte para levar o aluno que sai da educação básica para o ensino técnico profissionalizante e ao curso superior, sua função como política de avaliação dos concluintes da educação básica em larga escala tem sido questionada, em parte por seu caráter de medição e verificação bem como agente seletivo e classificatório dos estudantes. (PEREIRA, 2019).

O caráter seletivo do teste tem colocado em evidência patamares de classificação da eficácia entre instituições públicas e privadas por meio da elevação do mérito e prestígio esboçado nas médias de seus alunos no exame.

Sendo assim, tem se refletido sobre em até que ponto o conceito de qualidade utilizado pelas reformas educacionais tem seguido uma lógica de controle empresarial que, por meio de metas, calculam e projetam resultados que devem ser perseguidos na aplicação de testes e em seus resultados. (PEREIRA,2019).

Ainda que democrática e aberta, muitas vezes a escola não consegue atender de forma eficaz todas as realidades sociais que se apresentam, o que pode transformar as diferenças sociais em educacionais, nesse cenário, as políticas públicas são grandes aliadas na manutenção do caminho básico do educando, proporcionando aos alunos a continuidade nos estudos e o aumento de oportunidades para os mais pobres.

Interpretando os microdados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) podemos ter como base um recorte comparativo mais eficiente, atualmente o ENEM é a porta de entrada para o Ensino Superior nas universidades públicas e instituições privadas por meio de bolsas e financiamentos, além de ser um importante indicativo sobre a aprendizagem dos alunos que estão concluindo a educação básica. Utilizando a média de redação de duas escolas de áreas periféricas, uma da cidade do interior paranaense e outra do Maranhão podemos refletir sobre as variáveis no ensino, os dados utilizados são

públicos e de fácil acesso pelo portal do INEP, porém, julgamos não ser necessário divulgar o nome das duas instituições.

No ano de 2014 o colégio escolhido da cidade do Paraná registrou uma média de 492,31²⁰ pontos em redação, pouco mais da metade da pontuação máxima possível, já a instituição escolhida do município maranhense alcançou 381,41²¹ pontos, o que corresponde a pouco mais de 100,00 pontos abaixo da escola do Paraná. Se compararmos as notas alcançadas em Linguagens veremos que a escola paranaense atingiu a média de 497,95 pontos enquanto que o colégio da região nordeste chegou a um patamar de 456,09, uma diferença menos expressiva se comparada com os índices de redação.

A interpretação dos dados sugere que a variação nos resultados obtidos nas duas áreas observadas pode revelar deficiências de escrita e linguagem acumuladas no ensino fundamental praticado nos estabelecimentos das duas regiões do Brasil, os números alcançados revelam a continuação das desigualdades relatadas nos índices do ensino fundamental I e II obtidos entre as cidades. Ainda que a diferença tenha sido reduzida sistematicamente é nítido que a capacidade de interpretação, síntese e escrita dos alunos foi comprometida de modo a influenciar os resultados, nota-se uma variação mais baixa em Linguagens o que sugere que as ações governamentais direcionadas a área como a Olimpíada de Língua Portuguesa e outros instrumentos de avaliação nacional tem contribuído para o avanço no espaço micro.

Em outro nível de comparação, interna ao município, observe-se dois colégios da cidade paranaense, um de região nobre do município em relação com o da área periférica que serviu de referência para a comparação regional anterior, é possível notar uma pequena diferença nos resultados obtidos. O patamar da escola estadual da região nobre da cidade apresentou média de 514,12 pontos na redação do ENEM de 2014, já em Linguagens o número chegou a 519,96 pontos, uma diferença menor que a da registrada na comparação com os alunos da periferia do Maranhão e do Paraná.

Por outro turno, se compararmos regionalmente escolas particulares, os índices obtidos pela escola da localidade central do município maranhense no ENEM de 2014 foram de 461,88 pontos em redação e 484,41 em Linguagens, se analisados frente os

²⁰ TOKARNIA, Mariana. **Inep divulga dados detalhados do ideb por escola.** Agência Brasil, Brasília, 20 Dez. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-12/inep-divulgados-detalhados-do-enem-por-escola>>.

²¹ TOKARNIA, Mariana. **Inep divulga dados detalhados do ideb por escola.** Agência Brasil, Brasília, 20 Dez. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-12/inep-divulgados-detalhados-do-enem-por-escola>>.

dados da escola da periferia, veremos que a diferença ficou em mais de 80 pontos em redação e pouco mais de 28 pontos em Linguagens.

As diferenças numéricas apresentadas em comparação de centro e periferia nas cidades do interior paranaense e maranhense evidenciam tamanha desigualdade no trato com a formação escolar dos alunos que estão saindo das instituições estaduais de cada localidade, a diferença nos patamares avaliados apresenta as incongruências dentro dos sistemas de ensino estaduais do Brasil indiferentemente da posição geográfica. Se avaliarmos as notas de redação entre as duas localidades periféricas veremos uma diferença de mais de 100 pontos, o que sugere que os alunos maranhenses têm maiores dificuldades de leitura, escrita e interpretação do que os da periferia da cidade do Paraná, como podemos ver na tabela abaixo.

Tabela 1 – Notas do ENEM 2014 de Linguagens e Redação dos municípios de Campo Mourão/PR e Balsas/MA por localidade.

Cidade	Área do conhecimento	Centro	Periferia	Diferença
Campo Mourão	Linguagens	519,96	497,95	22,01
	Redação	514,12	492,31	21,81
Balsas	Linguagens	484,41	456,09	28,32
	Redação	461,88	381,41	80,47

Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

O exercício comparativo buscou analisar o peso da desigualdade social e segregação sócio espacial no rendimento dos alunos do ensino médio da rede pública estadual, estigma que pode influenciar em suas escolhas e trajetórias sociais, culturais e profissionais. Os números contemplados mostraram uma desigualdade considerável entre as médias do centro e periferia da cidade maranhense, chegando a 80 pontos em redação, já nas escolas do município paranaense os índices caminharam em uma diferença um pouco acima dos 20 pontos.

A análise realizada aponta para o pressuposto de que, quanto maior forem os índices de pobreza e marginalidade de uma região maior será o abismo que separam os indicadores das localidades centrais e periféricas, vale ressaltar que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), instrumento criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para medir a qualidade de vida e desenvolvimento econômico de uma

população, da cidade de Balsas era de 0,687 no Censo de 2010 contra 0,757 de Campo Mourão, o que pode justificar os dados desiguais obtidos pelos indicadores escolares.

O estudo comparativo apresentado serviu de pontapé inicial na formulação das questões sobre como opera a desigualdade educacional entre os jovens de 15 a 19 anos que estão na idade certa para frequentar o ensino médio, nosso objeto de pesquisa está nas trajetórias dos jovens da periferia pelo espaço citadino e como seu capital cultural influem em seus caminhos e escolhas, o prisma analítico que confronta diferentes realidades de espaços urbanos semelhantes denuncia o desequilíbrio estrutural que atinge os indivíduos, quanto mais pobre for o município avaliados menores serão os recursos que nele circulam e maior será a desigualdade local entre a periferia e o centro.

O trato com os índices escolares serve como termômetro para avaliar se há diferenças educacionais entre o centro e a periferia e de que modo essa variação pode impactar nas ações dos jovens, a diferença de 20 ou 30 pontos na média do ENEM pode significar muitas alternativas, tais como, uma vaga em um curso técnico profissionalizante, a entrada em programas de financiamento estudantil como o FIES e ainda a escolha do curso que se quer concorrer no SISU dada as notas de corte que sofrem grande variação de acordo com o curso de graduação ou tecnólogo pretendido.

A inserção do pertencimento a uma comunidade de periferia no quadro da desigualdade educacional pode ampliar a dimensão de condicionamento das escolhas e do curso do jovem pela sociedade, Bourdieu (1983) nos lembra que a juventude é construída socialmente e que não há uma definição precisa do grupo geracional, nas searas das diferentes realidades juvenis o contexto periférico é o que se encontra mais vulnerável a marginalidade, violência e carência de bens materiais e culturais.

3 ENTRE FLORES E ESPINHOS: AS DIFICULDADES NO TRABALHO DE CAMPO E AS MUDANÇAS NA PESQUISA

A proposta inicial da pesquisa era, depois de realizar a leitura e sistematização da bibliografia selecionada, ir à campo, inicialmente em colégios estaduais localizados nas periferias de uma cidade média do interior do Paraná, Campo Mourão. Através do contato inicial da observação participante, a meta era de captar voluntários que colaborassem com a pesquisa respondendo um questionário online e participassem de uma entrevista presencial semiestruturada.

Por meio do estabelecimento de um vínculo com os informantes, o próximo passo seria o mapeamento dos jovens e suas atividades fora do ambiente escolar, a ideia era de acompanhá-los em seus espaços cotidianos de sociabilidade, caminhando com eles e seus grupos pelos espaços que mais transitavam na cidade, em uma segunda etapa de observação participante, agora em um campo mais amplo e livre do espaço escolar²².

A proposta de observar os jovens fora da escola surgiu como meio de observar de que modo a juventude caminha pela cidade, como faz isso e qual é o nível de sua autonomia nos locais públicos e privados, também, seria uma forma de mapeamento e comparação com os dados obtidos nas entrevistas e nos questionários aplicados.

Após ser cumprida a etapa de recrutamento dos voluntários, a aplicação dos questionários online, das entrevistas semiestruturadas e da observação participante do trânsito feito pela juventude, seria realizado o mapeamento dos principais informantes, seus grupos e suas áreas de influência. Com o mapa realizado seria possível contrastar o percurso e as falas principais com a análise dos dados obtidos nas entrevistas e questionários, evidenciando os locais, atividades e termos mais presentes nas falas dos jovens.

O início dos trabalhos de campo estava marcado para a segunda metade de março e início de abril, período que infelizmente coincidiu com declaração de pandemia de COVID-19 pela OMS (Organização Mundial da Saúde). A adoção de medidas restritivas de circulação e fechamento de atividades não essenciais em Campo Mourão, cidade da pesquisa, iniciou-se no dia 19 de março.

²² Pesquisas célebres como a obra *Sociedade de Esquina*, de Willian Foote Whyte, fizeram o caminho da aproximação aos informantes, como Whyte descreve no centro comunitário de Corneville, para estabelecer contato com seus informantes, chegando ao pertencimento do grupo, o que possibilitou a observação em dinâmicas mais específicas como as eleições no bairro e as noites do boliche entre gangues rivais.

O trabalho estava tramitando pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) através da submissão de projeto de pesquisa na Plataforma Brasil, sistema que reúne os pareceres burocráticos do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Além da aprovação no COPEP, a pesquisa que pretende realizar trabalho de campo dentro de instituições da rede estadual de ensino do Paraná precisa de uma autorização própria da Secretaria de Educação e do Esporte (SEED-PR), sendo solicitada por meio de cadastro do projeto junto ao Núcleo Regional de Educação (NRE) ao qual pertence a cidade bem como o protocolo de documentos específicos, tais como cópia do projeto e autorização específica de cada unidade de ensino, expedida por seu diretor escolar.

A autorização dada pela SEED-PR solicita a tramitação e aprovação da pesquisa junto ao COPEP, caso o processo esteja em andamento poderá ser concedida autorização condicionada à apresentação de comprovante de aprovação junto ao COPEP para o início da pesquisa. O COPEP por sua vez faz a mesma exigência, solicitando aprovação da SEED-PR, o que pode criar um conflito no processo de tramitação da pesquisa.

Diante do projeto se encontrar no meio de trâmites legais na SEED-PR e no COPEP durante o período que foi decretado o fechamento dos colégios estaduais do Paraná e da proibição da abertura de comércios e atividades não essenciais, alguns documentos ficaram impossibilitados de serem emitidos e protocolados.

Em contato com os diretores das unidades de ensino notou-se o medo e insegurança sobre os tempos futuros, sobre como seria o retorno às aulas e como se daria o avanço da COVID-19 no município, o que desestimulou a autorização e o apoio à pesquisa que tinham sido sinalizados em conversas antes da suspensão das aulas presenciais.

Como se pode perceber, o campo online que era uma ferramenta auxiliar para possibilitar um leque de observação e comparação dos dados, passou a ser a abordagem a ser seguida com a imposição de restrições de circulação e isolamento social. Desta forma, grande parte do caminho metodológico da pesquisa foi alterado em um curto espaço de tempo, o questionário online foi readequado e ampliado para coletar mais informações sobre os jovens voluntários da pesquisa.

O questionário²³ é um instrumento metodológico bastante difundido e eficaz dentro de pesquisas sociológicas, optamos pelo instrumento online pela facilidade em disponibilizar as perguntas aos voluntários e pela segurança e obediência ao respeitar as medidas dos organismos de saúde, um encontro presencial, mesmo com procedimentos sanitários de distanciamento e desinfecção poderiam expor os indivíduos ao risco, além de dificultar o encontro de jovens dispostos a participar da pesquisa.

As perguntas que compõem o questionário foram planejadas com base nos objetivos e na questão da pesquisa, para que, ao serem problematizados, os dados coletados pudessem auxiliar na compreensão do universo de uma parcela da juventude da periferia

O formulário é composto por 26 questões que abordam temáticas específicas sobre a juventude. A primeira parte é formada por questionamentos socioeconômicos e de raça como nome, cor, endereço, número de habitantes no domicílio, renda familiar, trabalho remunerado e acesso à internet.

A etapa seguinte busca coletar dados sobre participação em movimentos políticos e sociais e o ambiente escolar durante o período da pandemia causada pelo COVID-19, aí entra um detalhe que foi incorporado posteriormente à pesquisa. Com a chegada da pandemia, algumas perguntas foram inclusas no questionário de modo a mensurar os efeitos da nova doença sobre a vida dos jovens, não há como não considerar que a COVID-19 refletiu e influenciou o percurso do jovem, ainda que temporariamente.

Na iminência de um isolamento social inédito na sociedade brasileira e mundial como um todo, diversos pesquisadores que estavam realizando coletas empíricas e indo à campo foram forçados a alterar seus planejamentos de coleta de informações sobre seus objetos de análise, conosco não foi diferente.

Ainda que diante de certa tristeza em ter que reavaliar os planos, não pude deixar de lado o fato histórico e social que se tornou a COVID-19, a contribuição que as Ciências Sociais dão ao ambiente científico e acadêmico reside justamente em avaliar os fenômenos sociais e seus impactos na sociabilidade e, através deles, pensar as comunidades e grupos humanos.

²³ Questionários podem ser empregados tanto em pesquisas qualitativas ou quantitativas, de modo a captar dados primários, secundários ou para explorar a população estudada e conferir se determinado grupo se encaixa no recorte de pesquisa empregado. Um estudo de caso pode se valer dos formulários para analisar um elemento chave da pesquisa, comparar com as observações do campo, ou ainda, avaliar o que os informantes estão dizendo ao pesquisador.

Negar espaço à pandemia no trabalho seria crer que a nova doença não impactou a vida individual e as interações humanas, o que a meu ver parece ser uma atitude tão anticientífica quanto afirmar que a terra é plana.

O contexto tornou obrigatório considerar a força da pandemia na remodelagem da pesquisa, seja pelo seu impacto direto na metodologia e cronograma, seja por meio de sua intervenção no meio social. Refletir a COVID-19 e apresentar dados sobre a doença é uma ação que se alinha com estratégias globais de pesquisa em centros de ponta do meio científico, palavras como “platô”, “achatamento da curva”, “isolamento social” e “*lockdown*” passaram a ser as mais pronunciadas nos noticiários e nas agendas públicas.

Perguntas sobre o novo coronavírus foram inclusas no formulário para buscar dados que indiquem o peso da nova doença entre os jovens da periferia, a coleta desses dados permite investigar se há relação entre a origem social e o avanço do vírus e como os jovens foram afetados por ele. A vulnerabilidade social a que estão submetidos estes jovens pode trazer pistas sobre como as classes mais pobres passaram pela pandemia.

Outro ponto importante está na vivência escolar durante o isolamento social. Com a impossibilidade das aulas presenciais, o acesso à internet seja via *smartphones*, *tablets* ou computadores se tornou definidor da continuidade dos estudos.

Mesmo com a transmissão de aulas pela televisão, que são centralizadas e quase sempre estão em descompasso com o andamento local do plano de trabalho docente das disciplinas, a internet se tornou um canal importante de ensino, é por meio dele que as atividades são encaminhadas aos alunos, além de grande parte do apoio e a acompanhamento pedagógico.

Diante da realidade das comunidades escolares, muitos colégios distribuíram os materiais e atividades de forma impressa para seus alunos, outros disponibilizaram redes de acesso *wi-fi* ou computadores dos laboratórios para uso agendado e sem aglomerações de alunos na tentativa de mitigar a falta de acesso à *web*.

O governo federal já sinalizou que as provas do ENEM foram prorrogadas para janeiro de 2021, o que coloca em alerta os estudantes que estão almejando uma vaga no ensino superior. Ainda é cedo para avaliar, mas a manutenção do exame deve suscitar o debate sobre as desigualdades educacionais, uma vez que um ano atípico como este colabora para aumentar ainda mais a defasagem dos alunos mais pobres e com carência de acesso aos instrumentos tecnológicos de ensino.

A última etapa do questionário é parte integrante do roteiro de entrevistas semiestruturadas que seria aplicado presencialmente durante o trabalho de campo, a ideia

inicial estava em mapear a relação centro-periferia no trânsito dos informantes pela cidade e posteriormente confrontar as respostas com os eventos dentro da observação participante, com a aplicação online e sem a ida à campo a confrontação não será possível.

As perguntas foram formuladas de modo a mensurar o acesso dos indivíduos a espaços públicos e privados de cultura e lazer, tais como teatros, museus e salas de cinema, bem como a ida em eventos artísticos como shows, apresentações e peças de teatro. O objetivo é identificar se a posição social dos jovens pode incidir nos locais pelos quais transitam, quais suas escolhas de divertimento e com que frequência se deslocam a esses ambientes.

Em paralelo às questões sobre lazer e os ambientes frequentados estão perguntas sobre o deslocamento de sua residência para o centro da cidade e demais localidades. O olhar se desloca para como é a autonomia do jovem pelo trânsito urbano, se dispõe de transporte próprio como veículo da família ou ainda de familiares dos amigos com os quais sai, se usa aplicativos ou outro serviço de corridas urbanas ou ainda se utiliza o transporte público ou outro meio para locomoção.

As cidades médias, que possuem entre 100 e 500 mil habitantes, são muito diferentes entre si, quando se fala em infraestrutura de mobilidade, algumas cidades mais jovens e com parte de seu traçado planejado desde a fundação proporcionam um sistema viário mais fluído, ainda sim muitas vezes são pensadas para veículos e não para pedestres ou ciclistas. Municípios mais antigos ou que tiveram uma rápida e desordenada expansão urbana carecem de vias, ciclovias, parques públicos e praças de convivência, o que pode afetar consideravelmente a qualidade de vida não só da juventude.

Algumas cidades médias com população no limite do porte de pequena para média, com população de 100 a 150 mil habitantes, possuem baixa oferta de serviços, em comparação a municípios médios com um número de habitantes que os torna polo de microrregiões ou de regiões metropolitanas fora das capitais. Nessas localidades pode faltar variedade de linhas e horários de transporte público coletivo, falta ou dificuldade de integração centro-bairros, operação reduzida de aplicativos de corridas, altas tarifas de táxi e mototáxi, dada a demanda ser mais baixa.

Tal cenário pode nos fazer refletir sobre a condição de mobilidade dos jovens, se esta pode variar não apenas em função de seu local de moradia, mas também pelo próprio nível de acesso aos serviços que sua cidade oferece, o que aponta para a problematização sobre as diferentes realidades sociais e seu impacto no exercício da cidadania.

O questionário termina com uma pergunta aberta que se coloca como uma indagação sobre o que é ser jovem. A provocação não foi colocada por acaso, muito se investiga sobre a juventude, suas práticas e sua sociabilidade, mas nem sempre os interlocutores são os pesquisados, me pareceu pertinente perguntar aos próprios jovens sobre como eles se enxergam, dar voz para que possam ter a chance de sintetizar a si mesmos.

Quando se é jovem surgem várias dúvidas diante das situações e reflexões do cotidiano, a fluidez na construção da identidade e de identificação social a um grupo faz com que quase tudo seja passageiro, transitório. Para um jovem, retratar aquilo que pensa sobre si e seus pares pode ser um desafio, acredito que um questionário como o que aplicamos é capaz de criar no jovem uma pequena autorreflexão, a pergunta final vem para resumir este movimento autocrítico.

A captação de voluntários que se habilitassem a responder questionário não está sendo fácil, mesmo que o jovem esteja mais familiarizado com o mundo virtual, o interesse em participar da pesquisa se mostrou bastante instável, muitos dos que acenavam positivamente sequer abriam o link de acesso ao questionário.

Foram adotadas inúmeras estratégias para que os questionários pudessem chegar aos informantes, em grupos de acadêmicos e pesquisadores de Pós-Graduação nas redes sociais, procurei compartilhar os links e pedir apoio para estudiosos que trabalham com a juventude que ajudassem na divulgação, obtive pouco retorno.

Paralelo ao contato mais amplo na internet, busquei diálogo com professores da rede estadual de educação do Paraná que já conhecia de passagens como docente para que estimulasse seus alunos a participar, alguns atenderam prontamente, outros, talvez pela sobrecarga vivida no ensino remoto, não foram muito solícitos ou demoraram para retornar.

Quando recebemos alguma comunicação interna com solicitação para participar de alguma pesquisa ou responder algum questionário sempre torcemos o nariz, muitos são os motivos: falta de tempo, de interesse, medo de se comprometer, entre outros. Somente quando estamos do outro lado é que temos ciência da dificuldade que é captar voluntários via rede.

Percebi como pesquisador que, mesmo com a facilidade de acesso das pessoas à internet e a rápida divulgação que ela proporciona, não é simples conseguir voluntários para o trabalho. O mundo virtual está repleto de conteúdo, esta saturação de coisas pode

fazer com que o interesse dos indivíduos por algo seja rápido, fragmentado e muito breve, competir com tudo isso é um desafio na selva de *links* que se tornou a *web*.

Nem sempre o percurso metodológico apresentado no projeto inicial acaba sendo empregado, quase sempre o pesquisador passa por intempéries no caminho da pesquisa e acaba obrigado a formular outras estratégias para o desenvolvimento do trabalho, comigo não foi diferente.

De modo geral, todas as pesquisas que previam alguma atividade relacionada ao trabalho de campo, seja por coleta de entrevistas ou observação participante, acabaram sendo prejudicadas pela pandemia de coronavírus que nos pegou de assalto em meados de março de 2020.

Com o avanço da doença, o isolamento social surgiu como medida para conter a infecção da população e garantir que o sistema público e privado de saúde pudesse atender a todos e não entrasse em colapso, o que infelizmente aconteceu em alguns lugares, como o caso de Manaus, capital do Amazonas.

Ainda que o país esteja passando por um isolamento insatisfatório, onde em várias regiões se viu uma série de excessos e uma porcentagem baixa de restrição à circulação de pessoas, o isolamento imposto pelo momento impossibilitou a criação de redes de informantes para a pesquisa de modo presencial.

Como a ideia inicial era mapear e selecionar os jovens dentro das escolas dos bairros periféricos da cidade, não pudemos ir à campo de forma presencial, já que as aulas na rede estadual de educação estão sendo lecionadas remotamente desde o início da pandemia, e sem data para retorno às unidades de ensino.

Sem poder observar o campo escolar e captar os voluntários para a pesquisa, era necessário criar outra estratégia para poder dar sequência aos trabalhos, assim ganhou fôlego a ideia de aplicar um questionário via online, utilizando-se da tecnologia para tentar chegar até a população investigada.

O questionário já havia sido pensado anteriormente como elemento auxiliar na coleta dos dados. Inicialmente, as perguntas foram concebidas para tentar quantificar as informações que seriam descritas pelos informantes na observação participante, por meio de conversas informais e entrevistas semiestruturadas.

A proposta era testar a fidelidade das descrições dos indivíduos nas entrevistas e conversas, comparando com as respostas obtidas no questionário e o que seria observado no cotidiano, para ver se a folha de papel ou a presença do pesquisador pudesse inibir os voluntários. Tal forma de investigação foi impossibilitado pela pandemia.

Com a pesquisa já em curso, no auge do isolamento social e sem horizontes para a ida à campo com segurança para pesquisador e pesquisado, o jeito foi buscar ativar os contatos de modo remoto e buscar informantes que pudessem contribuir respondendo o questionário.

Na busca por voluntários remotos muitas dificuldades surgiram. Por se tratar de uma faixa etária que se encontra majoritariamente na escola, dos 15 aos 19 anos, é difícil encontrar estes jovens em outro espaço que não seja o escolar, sobretudo em tempos de pandemia. Como não estava dando aulas na rede estadual de ensino, não tinha contato direto com estudantes, o que me fez depender de intermediadores na relação com os prováveis informantes.

De imediato, busquei disparar o questionário em grupos de pesquisadores espalhados nas redes sociais, o que não trouxe retorno haja vista que não tinham interesse direto na pesquisa. O alcance também ficaria prejudicado, já que possivelmente poderia haver respostas de informantes que não se enquadrariam no recorte apresentado.

Então, resolvi contatar professores da rede estadual que tinham sido colegas de trabalho em minhas passagens pelas escolas, na esperança de que fossem uma ponte entre mim e seus alunos. Muitos foram solícitos de início e disseram que iriam divulgar o link do questionário entre os estudantes e motivar a participação, a verdade é que houve pouco retorno dos professores e menos ainda dos alunos que poderiam ser informantes.

Não penalizo os professores pelo não retorno, nas conversas muitos se queixaram pela excessiva carga horária criada pelo ensino remoto, as muitas atividades e o contato individualizado que era muito mais necessário que na sala de aula presencial. Alguns estavam com filhos estudando remotamente, companheiras ou companheiros trabalhando de casa junto com eles, outros reclamavam da falta de estrutura dos colégios onde lecionavam e da falta de interesse de alguns alunos, ou mesmo de jovens que não tinham acesso à internet de qualidade ou a ferramentas de estudo como computadores ou *tablets* para realizar as tarefas propostas.

Muitas das lamentações vinham de docentes que não estavam acostumados com os recursos digitais como meio metodológico em suas aulas, alguns tinham apenas o quadro, pincel e o livro como seu tripé tecnológico, a maioria não tinha um ambiente adequado em sua casa para realizar chamadas com os alunos ou a equipe dos colégios. Migrar para as plataformas de vídeo exigiu uma adaptação brusca a qual muitos sequer estavam preparados, o que estressou ainda mais o ambiente educativo.

O recorte proposto pela pesquisa, que incluía jovens carentes de 15 a 19 anos com renda de até 4 salários mínimos, também se colocou como um problema na busca por outra saída metodológica. É comum que nas áreas de periferia o acesso à internet tenha chegado a poucas residências, e quando se tem, a conexão lenta e de baixa qualidade, o que prejudica o uso de ferramentas para chamadas de vídeo ou similares, muitos alunos usam a rede do colégio para se conectarem e realizarem as atividades e trabalhos escolares, o que foi interrompido pelo isolamento, ao menos nos meses de maior contaminação.

Outro problema reside no aparelho físico de onde a rede é acessada, há casos onde um computador ou celular é compartilhado entre os moradores da casa, o que pode contribuir negativamente na experiência do uso da tecnologia. Ainda há casos onde o celular ou tablet já se encontra parcialmente obsoleto, seja pela idade do objeto ou por seu modelo mais simples, o que impede a instalação de alguns aplicativos necessários aos estudos e outras atividades de lazer ou de comunicação.

Buscar informantes para a pesquisa mesmo em tempos comuns pode demandar enorme esforço do pesquisador, em tempos de isolamento nunca vistos a tarefa se torna ainda mais difícil, justamente pela dificuldade em encontrar informantes e construir um contato com eles sem que haja um encontro presencial.

Considerando que uma boa faixa do recorte são jovens menores de idade o vínculo fica ainda mais complexo, é preciso a autorização e consentimento dos pais, muitas vezes até o incentivo, para que o jovem participe de alguma atividade ou desempenhe alguma tarefa que não seja obrigatória do cotidiano escolar.

Com a manutenção dos altos números da COVID-19 mesmo com as políticas de distanciamento e a recomendação do isolamento social, o horizonte da pesquisa de campo se tornava cada vez mais distante, já com tempo curto para finalizar o trabalho e avaliando novos caminhos metodológicos que pudessem responder as questões de pesquisa levantadas, tive a sorte de encontrar três informantes dos quais coletei boa parte dos dados levantados.

Desde o início este trabalho foi pensado com ferramentas etnográficas²⁴ e sociológicas²⁵, no sentido de que o trabalho de campo etnográfico traria a observação e

²⁴ OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo. São Paulo: Unesp, 2000.

²⁵ BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas*. Petrópolis, Vozes, 2011.

coleta de dados, que seriam submetidos a uma análise sociológica balizada pela bibliografia e em paralelo com dados de pesquisas macro sobre a juventude. Reimaginar a metodologia²⁶ sem abrir mão da espinha dorsal onde se encaixam as problemáticas que foram propostas foi o maior desafio deste trabalho.

Percebo que o texto que se originou da pesquisa transita em uma pegada ensaística e etnográfica, onde descrevo minhas memórias escolares e a percepção de juventude que vi nos períodos em que estive lecionando, somado ao perfil dos informantes e a análise das entrevistas e os dados coletados no campo.

Não posso negar que parte do teor reflexivo deste trabalho reside em minha curiosidade sobre a juventude em seus primeiros anos, como professor do ensino médio sempre me cativou a ideia de poder compreender o jovem em um estado específico de vida, já longe da infância, porém ainda fora do mundo adulto. Muito de meu prisma analítico, que se assenta no referencial teórico estudado para a pesquisa, tem suas margens no lócus simbólico que a docência proporciona.

Pessoalmente, sempre pensei que trabalhos mais voltados ao tom ensaístico são reservados a grandes sociólogos com uma longa vida acadêmica, que procuram fazer um balanço de sua trajetória em seus objetos de pesquisa, e não a um mestrando no início da jornada acadêmica.

Por outro lado, temo aceitar que a experimentação e análise crítica de uma hipótese lançada com base na leitura e observação do pesquisador, mais ou menos o que se propõe a ser um ensaio, faz parte da essência do trabalho do sociológico, visto que o campo pode ser o mundo a sua volta e o olhar atento sempre busca dialogar com o trabalho de gabinete, em minhas descrições sobre o campo da pesquisa procuro falar mais sobre.

Sabemos que a Sociologia não tem a pretensão de escrever explicações sobre tudo, mas, seus laboratórios superam as paredes físicas e são inúmeras as variáveis externas não controláveis que incidem sobre o trabalho do pesquisador.

3.1 O COVID-19 E A JUVENTUDE

Muito se tem escrito sobre a juventude, sobretudo sobre o jovem das periferias, o que não torna a análise de dados macro uma tarefa rara atualmente. Até mesmo os efeitos

²⁶ MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

da pandemia na vida do jovem já é tema de várias pesquisas que divulgam ainda em 2020 seus primeiros dados. Trabalhar com esses números é uma realidade necessária para este trabalho, a COVID-19 impactou e muito a sociabilidade dos jovens e não falar sobre ela seria omitir uma parte importante do que tem passado a juventude.

Falar de dados da literatura sobre a juventude nos parece um exercício interessante para comparar a realidade descrita pelos jovens voluntários das pesquisas a nível nacional com nossos informantes.

Ainda há pouca bibliografia sobre a relação entre juventude e a pandemia, porém, os números da pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus, do Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE)²⁷ realizada no primeiro semestre de 2020, podem nos ajudar a esboçar a percepção inicial da juventude brasileira sobre a pandemia e seus impactos.

Um dado interessante é que, proporcionalmente, no período atual, o Brasil atingiu a maior população em idade jovem de sua história, são aproximadamente 47,2 milhões de pessoas, o que corresponde a 23% dos brasileiros. Vários organismos internacionais tem alertado para o peso da pandemia nas camadas mais vulneráveis da população, entre elas a juventude, que sente os efeitos do momento histórico em sua saúde mental, estudos, emprego e renda. (IBGE, 2019).

A pesquisa apurou que até a pandemia, 10% dos jovens não estavam trabalhando nem estudando, um índice inferior se comparado ao registro da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios contínua (PNAD Contínua) de 2019 (24%)²⁸. O número de jovens que revelaram a pesquisa que só estudam chegou a 40%, um índice bem superior ao levantado pelo IBGE (25%). (BRASIL, 2020).

Quando perguntados sobre sua renda, a pesquisa revelou que 65% dos jovens entre 15 a 29 anos são de algum modo dependentes financeiramente, 37% deles é totalmente dependente, mais de um terço da juventude entre 18 e 24 anos (34%) estavam em situação de dependência financeira. Os dados revelaram que quanto mais idade tem o jovem, maior é seu grau de independência financeira. (BRASIL, 2020).

Antes da pandemia, metade dos participantes da pesquisa não estavam trabalhando, desta fatia, 50% deles tinham entre 19 e 24 anos, a faixa mais afetada pela

²⁷ BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional da Juventude. Conselho Nacional da Juventude. **Pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus - Relatório de resultados**. Brasília, 2020.

²⁸ BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Primeiro Trimestre de 2019** – Rio de Janeiro, 2019.

desocupação, dos sem ocupação, 19% estava buscando o primeiro emprego antes do isolamento social. Entre os jovens com trabalho antes da pesquisa, 40% estavam em regime de carteira assinada, 28% trabalhavam como aprendizes, número bem acima das estatísticas da PNAD contínua de 2018 (3% entre 15 a 24 anos). (IBGE, 2019).

De cada 10 jovens que trabalhavam 6 tiveram mudança de carga horária, seja por aumento, redução ou demissão. 27% dos jovens pararam de trabalhar, 19% de modo temporário e 8% porque perderam o emprego ou o local onde trabalhava fechou as portas.

Entre a parcela negra da população, há uma proporção maior de desempregados pós-pandemia do que entre brancos, (pardos 29%, pretos 31%, brancos 23%). Dentre os jovens participantes do estudo, 4 em cada 10 declararam perdas em sua renda, 8% deles perderam totalmente sua renda durante a pandemia. (BRASIL, 2020).

Quando perguntados sobre o benefício do Ministério da Cidadania, 6 em cada 10 jovens disseram que se cadastraram ou tiveram algum familiar que se cadastrou para receber o Auxílio Emergencial, desse número 43% já haviam recebido o benefício no momento. Os dados mostram que mais da metade dos respondentes foram impactados de algum modo pela política, seja direta ou indiretamente.

Os números levantados sobre a saúde dos jovens revelaram que, 30% dos respondentes afirmaram terem sido infectados pelo COVID-19 ou tiveram alguém próximo que teve a doença, um patamar alto se comparado com a porcentagem de contaminados e a população total do país, 79% deles disseram ter medo de perder algum familiar para a pandemia e um terço revelou ter medo de perder a vida para a patologia. (BRASIL, 2020).

Quando questionados sobre a vida estudantil, 26% dos jovens afirmaram não estar estudando, 31% disseram estar matriculados no ensino médio e outros 33% no ensino superior, seja presencial, semipresencial ou à distância. Mais da metade dos estudantes afirmaram ter aulas via plataformas digitais, 2 em cada 10 disseram não ter nenhum tipo de atividade de estudos.

Vislumbrando o impacto da crise econômica no pós-pandemia, 3 em cada 10 jovens estudantes afirmaram que não retornarão a estudar, quanto mais velhos maior foi a taxa de intenção de desistência registrada.

A entrada na universidade também é vista como incerta pelos jovens, 52% do público da pesquisa declarou que não pretende realizar a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), entre os que demonstraram interesse em realizar a prova, 17% ainda não decidiram se realmente vão prestar o exame.

Com tantas dúvidas passando pela cabeça do jovem fica difícil pensar o que vai ser do futuro, é inegável que a juventude foi atingida em cheio pela pandemia e que a COVID-19 alterou profundamente seus hábitos, escolhas e a forma que se relacionam com seus pares. Na periferia onde tudo tarda a chegar, parece que a doença não mexeu só com a saúde dos jovens, muitos planos foram adiados, empregos perdidos, sonhos foram deixados de lado.

De um modo ou de outro, o grupo geracional que hoje passa pela juventude paralelamente ao contexto da pandemia ficará marcado pela vivência imposta pela doença, seja em maior ou menor grau. Os que estão nos primeiros anos do ser jovem olham com frustração e dúvidas sobre o futuro, já os que estão nas portas da idade adulta já sentem o peso das preocupações e da incerteza trazida pela instabilidade de uma pandemia.

4 UM TRABALHO DE CAMPO INUSITADO: O ENCONTRO COM OS ENTREVISTADOS.

Quando um pesquisador se atreve a incluir o trabalho de campo em sua pesquisa acaba assumindo riscos²⁹ que nem sempre estão calculados, diante de todas as dificuldades que tive por conta do isolamento social proposto pela pandemia, reuni forças, acionei contatos e consegui 3 informantes que pudessem colaborar comigo em uma entrevista.

Ao decorrer deste capítulo irei desenhando com as palavras as memórias que tive durante os dois encontros com meus informantes. Ainda não se trata de uma análise, apenas de uma descrição dos fatos e impressões que tive enquanto estive com os colaboradores desta pesquisa.

O contato com meus informantes foi sensível e casual logo no início, algo que me fez pensar por muito tempo sobre como o cientista social constrói suas redes de informações e como a linha que separa o gabinete do laboratório pode ser tênue, a observação faz parte do pesquisador ainda que este não esteja efetivamente em trabalho de observação no momento.

Era uma tarde de domingo ensolarado, fazia muito calor e o sol brilhava radiante, eu e um grupo de amigos nos reunimos para jogar vôlei em uma quadra de areia de um parque municipal aqui de Campo Mourão. Poucos dias antes, um decreto municipal reabria parcialmente os parques e espaços para a prática esportiva, já tensos com isolamento social resolvemos arejar a cabeça e jogar um pouco, tudo dentro das medidas de biossegurança como o uso de máscaras e o distanciamento. Bebedouros e espaços como o parquinho infantil e a academia da terceira idade ainda estavam interditados.

O parque municipal Joaquim Teodoro de Oliveira, chamado pelos moradores de parque do lago, ou bosque, é uma área ambiental mantida pelo município que foi criada por uma lei em 1987³⁰, desde então, tem sido um dos cartões postais da cidade e principal área de lazer para a população. Costumeiramente o poder público promove aulas de

²⁹ A imprevisibilidade faz parte de toda pesquisa, até mesmo quando se tem um mínimo controle do ambiente, cabe ao pesquisador estar atento aos sinais do campo. Uma pergunta mal formulada, uma postura errada diante dos informantes, detalhes pequenos podem estragar um trabalho de meses, além de não contribuir para que o cientista colete as informações que são pertinentes à pesquisa.

³⁰ <https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/campo-mourao/lei-ordinaria/1987/56/568/lei-ordinaria-n-568-1987-autoriza-o-executivo-municipal-a-criar-o-parque-municipal-joaquim-teodoro-de-oliveira-a-da-outras-providencias>

ginástica para a terceira idade, atividades esportivas e eventos e apresentações culturais no palco que fica as margens do lago represado, com a pandemia o parque se revezou entre abertura parcial e fechamento.

O local é como estes espaços costumam ser: da entrada principal se inicia uma pista de caminhada que percorre todo o parque, passando por duas pontes sobre um lago represado adentrando em uma área de mata atlântica, margeando o caminho estão algumas quadras de areia para prática de esportes, uma quadra de futebol Society, uma academia da terceira idade, parquinhos com brinquedos infantis, algumas trilhas e uma pista de skate improvisada em uma antiga quadra poliesportiva, além de bebedouros, banheiros e uma concha acústica onde grupos e bandas se apresentam. De frente para o lago e a mata fica um mirante onde se avista todo o parque e parte da cidade.

Por ser um ambiente de verde preservado e com espaço de sobra para práticas esportivas o parque está sempre movimentado, especialmente nos fins de tarde preguiçosos de domingo, não é raro encontrar famílias inteiras e jovens com seus grupos que utilizam o espaço, uns para se exercitar outros para sentar-se à sombra das árvores e reunir os amigos para um bate papo.

O parque se encontra em um bairro de classe média próximo do centro, há pouco tempo o espaço foi revitalizado e recebeu algumas reformas e uma ciclovia que circunda a área externa do parque, em uma rua que dá acesso a um condomínio fechado de alto padrão e novos loteamentos residenciais de classe média.

A construção do parque no fim da década de 1980 deu início a uma valorização imobiliária na região de seu entorno, por sua localização privilegiada a alguns minutos do centro e com uma área verde como vizinhança, o preço dos terrenos e residências ao redor cresce a cada ano, a região é disputada por famílias que querem uma melhor qualidade de vida sem perder o sossego e a proximidade com a região central.

Pelas ruas do bairro ainda é possível ver algumas construções mais simples de moradores que resistem ao aliciamento do setor imobiliário. A região se localiza no setor sul da cidade, no passado a área ficava nas franjas da área urbana, haviam pequenas chácaras que aos poucos se tornaram loteamentos para a edificação de novos bairros, ainda há pouca presença do poder público além do parque, mesmo assim a área é uma das mais disputadas no setor imobiliário.

Mesmo estando em uma região que aos poucos tem sido segregada espacialmente e tomada de assalto pela classe média e pequenos empresários e profissionais liberais, o parque é um reduto democrático em meio a este espaço. Num passeio é possível ver gente

de todas as idades, classes e bairros da cidade, dos jovens da periferia com suas calças largas, ouvindo rap em suas caixas de som até as famílias vizinhas do parque e pessoas que casualmente passam pela cidade ao visitar parentes.

Existem outros parques como este na cidade, mas estão fechados para a população. Um deles é o chamado Parque das Torres³¹, que se encontra em um córrego num fundo de vale no início da avenida das torres, na região norte da cidade, uma área de transição entre bairros residenciais mais próximos da periferia. Devido a problemas com o leito do rio KM 119 que passa pelo parque e o descuido das últimas gestões da prefeitura ele está fechado para reformas e deve ser reaberto em 2021.

Outro parque do tipo está em construção e se localiza entre a região da asa leste e a zona norte, entre bairros de periferia e conjuntos de habitação popular próxima a BR-158 sentido Maringá, o novo parque foi aprovado pelas autoridades ambientais da cidade e entrará em fase de construção, ainda sem data para conclusão da obra. O espaço era uma pedreira do DER/PR (Departamento de estradas de rodagem do Paraná) que foi desativada e teve sua área inundada, formando um grande lago, o local tem sido há muito tempo reivindicado pelos moradores como um possível espaço de preservação ambiental e de lazer, que agora será administrado pela prefeitura³².

Áreas públicas como estas são importantes para a qualidade de vida da população, principalmente para os jovens das periferias que, por sua condição econômica, podem ter acesso reduzido a atividades de lazer, outro ponto de encontro costumeiramente frequentado pelos jovens da cidade além do bosque são as praças centrais São José³³ e Getúlio Vargas.

A área é frequentada por muitos grupos, a maioria jovens em seu “rolezinho” noturno com seus copos fluorescentes de bebida andando em suas bicicletas estilizadas, ou ainda sentados nos bancos conversando com amigos em rodas de narguilés e ouvindo música, não é raro ver entre eles moradores locais passeando com seus pets nos fins de tarde. Durante o dia o local é habitado por transeuntes que circulam pelo centro como gente que trabalha no comércio de rua, idosos que passeiam pelo centro da cidade, pessoas

³¹ <https://tribunadointerior.com.br/campo-mourao/base-da-pista-de-caminhada-e-iluminacao-do-parque-das-torres-estao-em-fase-final>.

³² <https://campomourao.cidadeportal.com.br/noticia/97040/22-07-20/iniciadas-obras-de-novo-parque-no-jardim-modelo%2%A0-e-municipio-trabalha-no-parque-das-torres>.

³³ <https://i44.com.br/noticias/2019/01/19/praca-sao-jose-espaco-da-diversidade-humana-em-campo-mourao/>.

em situação de rua, estudantes indo para os colégios do centro e prostitutas que buscam clientes sob a vigilância da estátua de São José.

A praça São José abriga a Catedral de mesmo nome, ponto simbólico da cultura religiosa da cidade, a construção tem mais de 50 anos e passou por várias mudanças ao longo do tempo, o local abriga ainda um palco onde costumam se apresentar atrações artísticas e culturais como o alto de natal e da paixão de Cristo, durante as festas de natal e ano novo o local recebe decoração natalina com enfeites e várias barracas com comida de rua. Nas manhãs de domingo alguns artesãos e cozinheiros se reúnem numa feirinha onde vendem seus produtos para quem passa pelo calçadão da praça, alguns fiéis que saem das missas dominicais garantem ali mesmo seu almoço.

Do outro lado da rua Brasil, que demarca a fronteira entre os dois espaços, está a praça Getúlio Vargas, a área possui jardins com flores e várias árvores de pequeno porte, um coreto central e um chafariz erguido no fim da década de 1950 que se tornou ícone cultural da cidade, sendo tombado como patrimônio histórico-cultural da cidade pela câmara municipal em julho de 1993³⁴.

Na praça estão a sede da fundação cultural da cidade e a biblioteca municipal Professor Egydio Martello, no passado o prédio sediava o terminal rodoviário da cidade, com o crescimento urbano e a dificuldade que os ônibus tinham de trafegar em pleno centro a rodoviária foi transferida e o espaço restaurado e ocupado pela biblioteca, do interior do prédio que tem paredes de vidro se tem uma visão parcial das praças e do centro da cidade. De frente para a biblioteca está o terminal urbano central que distribui as linhas do transporte coletivo, parada obrigatória para quem usa o transporte público da cidade.

A memória de ocupação destes espaços das duas praças é muito presente na observação de quem passa pelo local, é comum ver noivos ou ainda recém casados aproveitando a paisagem do chafariz e da catedral ao fundo para tirarem suas fotos, famílias inteiras com seus filhos com vestes de batismo também costumam disputar o espaço da paisagem. Há poucos metros, aqueles mesmos jovens com suas bebidas e música alta nas caixas de som observam a sessão de fotos sentados nos bancos da praça. Sempre fiquei curioso com esta paisagem e a amistosa convivência entre agentes tão diferentes uns dos outros.

³⁴ <https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/campo-mourao/lei-ordinaria/1993/80/805/lei-ordinaria-n-805-1993-autoriza-o-tombamento-ao-patrimonio-historico-cultural-do-municipio-de-campo-mourao-o-chafariz-e-o-coreto-da-praca-getulio-vargas-e-da-outras-providencias>.

Com o parque do lago não é diferente, desde muito pequeno, quando ia caminhar com meus pais percebia a pluralidade de gente que usa o espaço, não raras as vezes encontrava conhecidos passeando pelo local, como até então o bosque tem sido a principal área verde é comum que as pessoas, independentemente de sua classe social ou origem socioespacial, busquem o espaço como referência para praticar esportes ou ter um momento de lazer.

Já faz algum tempo que meus amigos e eu nos reunimos religiosamente no domingo à tarde para jogar vôlei em uma das quadras de areia do lugar, cada semana alguém fica responsável por levar rede e os demais equipamentos que compramos depois de uma vaquinha, em um grupo do WhatsApp combinamos o horário do jogo e quem poderá ir, pouco tempo depois estamos lá reunidos na entrada do parque.

O espaço das quadras é uma grande caixa de areia retangular onde estão centralizados os postes para a fixação das redes totalizando três quadras, ambas lado a lado, não é incomum durante os jogos aparecerem outros times ou pessoas querendo se enturmar para jogar conosco, ou ainda adultos ou jovens que estão sozinhos e que perguntam se podem entrar no time. Como nossa brincadeira é mais casual do que competitiva sempre acolhemos alguém que pede para jogar conosco, é raro um dia de jogo que alguém assim não aparece.

Em um desses jogos se apresentaram três amigos, três desses tantos jovens que frequentam o parque nas tardes de domingo, me lembro que estavam na companhia da mãe de um deles que havia os levado de carro, ela estava segurando as mãos de seu filho, um menino de uns 9 anos de idade. Havíamos chegado tarde e ficamos com a quadra da ponta ao lado do alambrado, longe da sombra de algumas árvores e perto do caminho para a academia da terceira idade e os banheiros, nesse espaço sempre passa muita gente e foi por ali que os jovens chegaram.

Aí começa meu contato com os informantes, o mais desinibido deles, Matheus³⁵, puxou conversa comigo estando do lado de fora da grade e perguntou se ele e seus amigos poderiam jogar conosco, estávamos dando uma pausa para água entre um jogo e outro quando os três se aproximaram, de pronto respondi afirmativamente pois estávamos em menor número do que o habitual, como o parque tinha reaberto há poucos dias alguns de nossos amigos ainda estavam receosos em sair de casa.

³⁵ Por questões de ética na pesquisa os nomes dos informantes foram trocados por pseudônimos escolhidos pelos próprios jovens, que elegeram nomes de amigos e familiares próximos.

Matheus estava com sua namorada, Amanda, e um amigo do casal chamado Nathan, no trecho a seguir em que descreverei o momento da entrevista falarei mais detalhadamente sobre cada um deles, todos eles são amigos de colégio e com a pandemia acabaram com o convívio prejudicado por conta do cancelamento das aulas presenciais. Amanda disse que havia os convidado para conversar um pouco em sua casa, lá sua mãe teve a ideia de leva-los para o parque porque segundo ela estavam trancados em casa há muito tempo.

Neste contato inicial percebi que os três eram pessoas bem próximas, o tratamento que davam um ao outro era quase familiar, muito próximo, me saltou aos olhos a forma com que a mãe de Amanda, Cris, os observava e até deu uma bronca quando um dos meninos se jogou na areia para pegar a bola, o que revelou uma proximidade com quem possivelmente frequentava sua casa há certo tempo. Este episódio foi nostálgico em minha mente, lembrei dos tempos de adolescente quando frequentava a casa de amigos mais próximos, não nos sentíamos coagidos quando a mãe de alguém nos chamava a atenção por entrar na casa com os pés sujos depois de jogar bola no quintal, ou ao ir comer com as mãos sujas.

Vendo o modo com que se vestiam, com roupas escuras e camisetas mais largas, tênis de skatista e as gírias que utilizavam percebi aos poucos que não eram jovens que moravam ali perto, tinham características e trejeitos de pessoas que vinham da periferia ou de alguma área do subúrbio da cidade.

Aos poucos durante o jogo, entre um ponto e outro, os três iam perdendo a vergonha e passavam a se comunicar mais com o grupo, como eles tinham feito o contato inicial comigo, tive mais facilidade em conversar com eles de início e aos poucos fui explorando o terreno. Confesso que assim que percebi que eles não eram do bairro e que podiam estar no recorte da minha pesquisa, busquei observar mais atentamente e procurar uma forma de estabelecer um diálogo, já pensando que poderiam se tratar de prováveis informantes.

Aqui quero abrir um parêntese sobre como o campo e a observação para um pesquisador das ciências sociais pode ser algo sensível e delicado. Mesmo ao traçar recortes precisos para o trabalho de campo creio que a observação não pode ser colocada em modo de espera e acionada somente quando vamos ao encontro dos informantes, sobretudo as pesquisas de cunho antropológico ou que visam estudar as características de um grupo ou população.

Embora o isolamento social tenha comprometido o trabalho de campo da pesquisa sempre tive curiosidade pela juventude, em minhas passagens como professor nos colégios da periferia sempre observei o modo como os alunos se comportavam e estabeleciam seus vínculos. Com os colegas professores não foi diferente, creio que se um aluno entrasse em uma sala de professores durante uma reunião ou algum momento de recado da direção ficaria espantado com tamanha algazarra.

Sempre em conversas com os professores sobre prováveis informantes, os alunos vistos como exemplares e mais engajados eram tidos como mais fáceis de lidar e mais interessados, já alunos com desempenho regular ou problemas de indisciplina sempre eram descartados rapidamente. Desde o início busquei um perfil que fosse mais próximo da massa, do real, não me parecia que jovens muito engajados socialmente ou mesmo os mais estudiosos pudessem refletir esta massa. Se o plano inicial de captar os informantes nos colégios tivesse tido êxito, talvez a pesquisa pudesse reunir um grupo de jovens mais engajado ou suscetível a participar de projetos ou movimentos estudantis, o que poderia refletir em minha análise final sobre a juventude.

No contato inicial com os informantes durante o jogo no parque procurei buscar saber um pouco sobre eles de um modo que não parecesse impertinente, como eles se dispuseram a estabelecer o primeiro diálogo e pediram para jogar conosco percebi que era fácil puxar conversa com eles, o que me ajudou muito pois não sou das pessoas mais sociáveis, aliás, o contato com os indivíduos no campo sempre foi minha maior dificuldade como pesquisador, uma numerosa plateia não me espanta, porém, estabelecer contato com uns poucos em uma roda sempre foi desafiador.

Entre uma partida de vôlei e o descanso na beira da quadra tentei estabelecer um diálogo com os três jovens, conduzindo uma pré-entrevista para saber se estavam dentro do recorte estabelecido para os informantes. Na conversa perguntei coisas como a idade de cada um, a região da cidade onde moravam, onde estudavam e se estudavam juntos, com que frequência iam ao parque, informações simples que me permitiram observar que todos apresentavam um perfil próximo do qual o trabalho exigia.

Logo de cara pude perceber o protagonismo de um deles, Matheus era o mais falante e mais expansivo dos três, Nathan era o mais tímido, entretanto, respondia de forma clara e objetiva, comecei a notar nele uma pequena desconfiança sobre as perguntas que eu dirigia a eles, o que fez com que rapidamente mudasse de assunto ou tentasse incluir outra pessoa na conversa, para parecer algo amistoso. Amanda, talvez por ser

claramente a mais jovem dos três, demonstrava menos interesse no assunto e mais no jogo, como percebi que Matheus era seu namorado, tentei sempre incluir os dois.

O colégio foi a chave para uma conversa mais longa, ao perguntar se eles estavam estudando pude ir aos poucos introduzindo outros temas da conversa, saber onde eles estudavam era um ponto de partida para descobrir o bairro que moravam, o que era fundamental visto que a pesquisa é sobre os jovens da periferia. Percebi que dois deles, Amanda e Nathan, eram da mesma classe de uma das instituições de ensino mais periféricas da cidade, que por motivos éticos não irei divulgar o nome, lembro de ouvir dos colegas sobre como era difícil dar aula neste colégio, sobretudo no período da tarde, meus informantes eram do período da manhã e já estavam no primeiro ano do ensino médio, menos Matheus, que havia estudado na mesma escola, porém, concluiu os estudos. Falarei dele mais tarde, quando trarei o perfil dos três e a justificativa em incluí-lo no estudo.

No assunto sobre as aulas e a pandemia logo reparei que eles conheciam alguns professores que são meus colegas, o que não seria raro pois, os docentes, principalmente com contrato temporário, lecionam em várias escolas para cumprir sua jornada. Tentei ser cuidadoso ao revelar que era professor, alguns alunos, especialmente os que são tidos como problemáticos e indisciplinados pelo sistema educacional, tendem a repelir qualquer menção ao colégio, o que felizmente não foi o caso, pelo contrário, percebi neles uma saudade do ambiente escolar, o que pode ser explicado pelo fato de que as aulas presenciais seguem suspensas desde março, até mesmo na fala de Matheus senti um ar de afeição ao lembrar os tempos de colégio.

Ouvindo as falas dos três sobre o ambiente escolar percebi que não se tratavam de alunos exemplares, mas estavam longe de ser considerados problemáticos, no fim eram como a média dos jovens da idade. Conversando sobre os estudos notei que para eles havia uma relação importante que envolvia o espaço escolar e a função da escola que ia além das aulas, os três relataram que costumeiramente iam ao colégio no contraturno para realizar as atividades e trabalhos, principalmente acessar a internet quando estavam sem conexão, também relataram que o fim do convívio presencial na escola estava sendo uma das maiores dificuldades.

Em regiões periféricas é comum que a presença do estado enquanto promotor de serviços à população seja limitado, em alguns bairros, a chegada da escola e do posto de saúde é celebrada como uma conquista para estas populações. Mesmo com pouco tempo de diálogo, notei que para eles o colégio era mais que um ambiente onde se estudava, era

um local de encontro, de promoção das amizades, da busca por um local de lazer esportivo, de acesso ao mundo informatizado, um ambiente carregado de significados que extrapolavam o interior da sala de aula.

Ao questioná-los sobre como estava sendo estudar de modo remoto responderam que era muito mais difícil que o presencial, Amanda disse que as matérias como matemática e física eram complexas e que, se na sala já tinha dificuldade, no espaço virtual estava pior pois não tinha como pedir para a professora retomar a explicação, já que as aulas estavam sendo transmitidas pela televisão. Nathan disse que no início até se animou com a novidade, para ele o fato de não ir para escola todos os dias era mais cômodo, ao mesmo tempo, ele imaginava que a solução seria temporária e que já estava cansado do ensino remoto e com saudade da sala de aula. No capítulo seguinte, quando iniciarmos as análises da entrevista iremos expor com mais detalhes sobre o que os informantes disseram em relação ao estudo na pandemia.

Com o assunto do colégio e a vida estudantil pude enveredar aos poucos sobre a área da cidade de onde vinham, aproveitei para perguntar se moravam no bairro do colégio, já que estudavam lá. A escola fica em um bairro de periferia da região conhecida como asa leste, uma das grandes divisões da cidade, junto com a asa oeste, também chamada de grande Lar Paraná em alusão ao maior bairro da área, e a região central que reúne as áreas norte, centro e sul.

A asa leste se expandiu nas últimas décadas ao redor do aeroporto da cidade que foi construído na década de 1950, a área abriga vários bairros com todo tipo de moradores, alguns deles são famílias da classe C³⁶ que ocupam as primeiras ruas da região, e outros mais periféricos que se encontram no entorno das divisas do aeroporto e nas regiões próximas do parque de exposições, já próximo à saída para Maringá.

Cortando a avenida Armelindo Trombini em direção ao seu prolongamento já na Avenida prefeito Pedro Viriato, principais vias da região, é possível ver a mudança na paisagem dos bairros de classe média para setores mais periféricos. Nesta região da cidade estão espaços públicos como o cemitério municipal, a sede do batalhão da polícia militar, a única UPA da cidade (Unidade de Pronto Atendimento), o centro da juventude e o parque de exposições.

Apesar de serem amigos e terem estudado no mesmo colégio, cada um deles mora em um bairro diferente dentro da asa leste da cidade. Amanda disse que sua mãe tinha

³⁶ Famílias com rendimento médio entre 4 a 10 SM (salários mínimos), de acordo com a classificação social do IBGE (instituto brasileiro de geografia e estatística).

conseguido comprar a tão sonhada casa própria no Jardim América há poucos meses, um bairro recente com casas simples, voltado para os programas de habitação como o antigo Minha Casa Minha Vida. O loteamento fica no final da avenida Pedro Viriato, já de frente para o parque de exposições, bem próximo à saída para Peabiru e Maringá.

Nathan revelou que morava com sua família no Moradias Avelino Piacentini, outro conjunto habitacional da região voltado para famílias de baixa renda, uma localidade simples, no final da cidade, aos fundos de um dos pátios de manutenções da Coamo, às margens da alça de acesso ao contorno do anel viário da BR-158.

Matheus relatou que morava com a família no Jardim Tropical II que fica entre a BR-158 e o rio do campo, o bairro é o mais antigo dos três e resume bem como é a periferia da cidade, darei mais detalhes dos lugares durante a descrição da entrevista.

Com exceção do Jardim América, que é uma área recente, são bairros que ficaram marcados negativamente no imaginário da cidade devido à alta criminalidade e os recorrentes casos de assassinatos por disputas por drogas.

Durante alguns meses de 2019, quando fui professor temporário em uma escola municipal nessa região, lembro dos comentários de colegas na sala dos professores sobre a violência daqueles bairros, alguns se queixavam sobre como o ambiente refletia no comportamento agressivo de algumas crianças, nos dias da semana em que ficava no pátio para ajudar a monitorar os alunos no intervalo, vi que a brincadeira de polícia e ladrão era a mais popular entre os meninos, quase sempre ocorriam disputas para ser o ladrão que frequentemente tinha o nome de algum traficante conhecido da área.

Ao assumir a identidade de morador da periferia, o jovem carrega consigo marcas que ficam evidente sempre que sai de seu local de origem, as roupas, o andar, o falar aparecem antes mesmo do comprovante de residência, tais características parecem ser ainda mais destacadas nas relações sociais das pequenas e médias cidades.

Em meu encontro inicial com os informantes, ainda fora da posição de pesquisador, foram os elementos visuais que me atraíram para uma observação mais detalhada sobre como eles poderiam informar algo, creio que minhas experiências com a juventude como professor me ajudaram nessa tarefa, já tinha tido contato com jovens da periferia em outras ocasiões e pude refletir com base no que vi em sala.

Ao me colocar como alguém que já tinha trabalhado numa escola da área, tive a sensação de que o assunto ficou mais leve, embora os três não se intimidaram ao falar sobre seu local de origem, sempre há uma incerteza sobre como as pessoas irão reagir quando se assume a periferia. Falarei mais sobre a relação dos informantes com a periferia

durante a descrição da entrevista, porém, adianto que fiquei surpreso com a forma que ambos percebem o espaço onde vivem.

A periferia tem uma representação muito caricaturizada no imaginário das pessoas do interior, a violência e a criminalidade costumam moldar o entendimento sobre o morador do subúrbio. Para aqueles que moram no centro ou que são das classes B e C é difícil refletir sobre como a periferia está perto, que a pobreza ou a falta de oportunidades não são transmissíveis como o COVID-19 ou outras doenças.

A cultura de massa televisiva que fez da violência um espetáculo chegou também ao interior, algo que pode explicar em parte a visão dos moradores do centro sobre os da periferia. Numa realidade em que a violência é cotidianamente menor se comparada à das grandes cidades, casos de brutalidade costumam ser ainda mais repercutidos, usando termos sociológicos, seria como dizer que o desencantamento do mundo e a naturalização da violência parece estar menos difundido no interior do que nos grandes centros.

Lembro que naquela tarde de vôlei no parque os três, Amanda, Matheus e Nathan, ficaram bem à vontade enquanto jogávamos, procurei me beneficiar deste clima amistoso para falar um pouco sobre a pesquisa, como o assunto sobre a sala de aula ficou mais palatável quando disse que já havia lecionado em uma escola na região onde moravam, resolvi usar a temática sobre o local de origem para inserir uma conversa sobre a pesquisa.

Comecei aos poucos dizendo que não era só professor, mas que também era aluno, percebi que ficaram curiosos com a afirmação e iniciei dizendo que estava fazendo um mestrado, nele estava desenvolvendo uma pesquisa sobre os jovens da periferia da cidade.

Abrindo um parêntese para tratar sobre o assunto, é curioso como em geral as pessoas não tem nenhum conhecimento sobre a vida acadêmica, a grande maioria conhece a graduação por faculdade e só, depois disso vem a pós-graduação, assim, no singular mesmo, porque resumem a pós-graduação a especialização *lato sensu*, sem saber que há várias etapas dentro do universo acadêmico.

Com eles notei que não era diferente, a noção sobre a organização da jornada acadêmica ainda é muito restrita, confesso que só fui descobrir muita coisa quando cheguei à graduação. Expliquei brevemente que o mestrado era um nível dentro do que chamamos de pós-graduação, que começa na especialização, que a gente costuma chamar de pós, e vai até o doutorado, falar de estágio pós-doutoral seria muito para a ocasião.

Na maioria das vezes, nós professores percebemos quando estamos explicando algo que os alunos não estão compreendendo o que estamos dizendo, pude olhar na

expressão em seus rostos ao falar sobre pesquisa, vi que este era um tema estranho a eles, aliás, muitos pensam que pesquisa é apenas o que os “cientistas” fazem em laboratórios, ou quando alguém liga no telefone perguntando sobre seu voto.

O termo pesquisa pode causar estranheza e desconforto para algumas pessoas, pois remete a algo muito amplo, generalista, pode causar a impressão de que o pesquisador quer retirar todos os dados e intimidades possíveis, que o trabalho será lento, tedioso e que o voluntário não ganhará nada, ao contrário, perderá seu tempo.

Nessa hora senti que ia perder os informantes que ainda nem tinha conquistado, pelo olhar desconfiado deles quando ouviram a palavra pesquisa percebi que tinha que ser mais didático, explicar mais sobre isso pra tentar desmistificar o termo para só assim fazer um convite formal para eles.

Comecei dizendo que a pesquisa³⁷ que eu estava desenvolvendo não era muito diferente daquela que eles faziam no colégio, era um trabalho sobre um tema específico que iria resumir o que eu estava aprendendo no mestrado, com a diferença que eu havia escolhido o conteúdo e não o professor, vi que este momento foi mágico pra eles, simplesmente pelo fato de que o tema não havia sido imposto, como costuma ser na escola.

Disse a eles que assim que eu comecei a estudar e fazer as matérias do mestrado, como as disciplinas do colégio com suas avaliações e conteúdo, tive que fazer um projeto, que seria mais ou menos um roteiro do que eu gostaria de pesquisar, este roteiro seria uma receita, em termos mais simples, com todas as etapas pelas quais eu deveria passar para aprender sobre o tema.

Pedi que imaginassem que tivessem recebido um trabalho na escola que viesse com uma lista de tarefas, essas tarefas deveriam ser feitas uma a uma, para que ao final do cumprimento da lista eles pudessem responder a uma pergunta final, que estaria no verso da lista.

Observei que eles tinham começado a entender, então busquei incluí-los no exemplo para que pudesse ficar mais elucidativo, disse que a pergunta final da minha pesquisa era sobre como são os jovens da periferia da cidade, o que eles pensavam do local onde moram e de que forma a pandemia afetou suas vidas. Para respondê-la eu deveria cumprir algumas tarefas, uma delas seria ouvir alguns jovens, ter um bate papo

³⁷ BECKER. Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica, Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

com eles, saber o que eles estavam vivendo e o que pensavam sobre a pandemia, foi aí que pedi a ajuda deles para esta tarefa.

Já na saída do parque, depois de uma tarde sondando os três, perguntei se poderiam ajudar na minha pesquisa participando de uma pequena entrevista, disse que seria algo simples, de forma remota caso não se sentissem à vontade para se reunirem presencialmente por conta da pandemia.

A palavra entrevista também é um termo muito mal compreendido pelas pessoas, o medo de criar uma situação exageradamente invasiva e uma intromissão desnecessária na privacidade do indivíduo causa espanto de início, ainda mais entre os jovens no início da juventude, lembro-me de como eu era vergonhoso e receoso ao falar de mim mesmo no auge de meus 16 anos.

Outra vez vejo o peso da televisão aqui, os programas de entrevistas que submetem os famosos a situações delicadas, com perguntas que constrangem e procuram revelar detalhes ocultos ou erros sombrios parece servir de modelo para os indivíduos definirem entrevista. A busca em criar um clima de tensão, colocando o entrevistado em contradição com suas palavras é um modelo muito utilizado em programas de fofoca e em entrevistas com políticos ou personalidades públicas.

Percebi que Nathan, o que me pareceu o mais tímido dos três desde o início, fez uma expressão de dúvida ao ouvir a palavra entrevista, então tive que mais uma vez fazer um exercício explicativo para que eles pudessem desarmar o preconceito e entender como funciona uma entrevista.

Comecei dizendo que entrevista não é um interrogatório daqueles que vimos nos filmes de suspense, ou em programas de auditório polêmicos onde algum famoso é frito pelo entrevistador que busca desestabilizar seu entrevistado, também disse que a entrevista não se trata da aplicação de um questionário de forma oral, onde o entrevistador direciona as perguntas e o entrevistado responde.

Vi que começaram a ficar curiosos sobre o tema da entrevista, então pedi que imaginassem um encontro dos três com algum amigo próximo que por conta da pandemia ficaram sem se falar há meses. Neste encontro certamente vão conversar abertamente sobre a vida, perguntar sobre como foi o tempo que passaram longe, o que cada um tem feito, como está sua saúde física e mental, como anda sua família, se ainda mora no mesmo local, coisas do tipo.

Expliquei a eles que o modelo de entrevista que eu utilizaria era mais ou menos próxima deste exemplo, que existem vários modos de se entrevistar alguém e que eu

seguiria a fórmula de entrevista semiestruturada, que é um método em que se utiliza um roteiro com algumas perguntas abertas, que servem para guiar a conversa sobre o tema principal, que no caso do meu trabalho seria sobre os jovens da periferia da cidade.

A metodologia de entrevista semiestruturada proporciona certo grau de liberdade ao pesquisador, que pode fazer adaptações no roteiro ao longo da entrevista, além de conferir maior dinamismo para o entrevistado ao responder as perguntas. Desde o projeto de pesquisa optei por este modelo pois, sabia que seria mais direcionado a faixa etária dos informantes, sendo uma metodologia que ao mesmo tempo que direciona a entrevista para o tema, dá certa liberdade e dinamismo ao entrevistado.

Feita a explicação desmentida sobre o que é uma entrevista³⁸ eles ficaram mais calmos e aceitaram colaborar com a pesquisa, ficamos de combinar os detalhes por telefone, peguei os números de Amanda e Matheus, Nathan disse que ainda não tinha celular e que eu podia mandar os recados para seus amigos, fiquei temeroso de que ele estivesse fugindo da entrevista, mas concordei pois não havia outra solução.

Todo o bate papo sobre a pesquisa e o convite para que os três fossem meus informantes foi realizada na presença da Cris, que se revezou entre ora ouvinte ora interlocutora na conversa, ela quem havia levado os três para o parque. Como mãe de Amanda e adulta responsável por eles ali no parque, sempre busquei ser cuidadoso com as palavras, qualquer assunto que soasse estranho ela poderia rapidamente desautorizar os jovens em participar da pesquisa.

Para minha surpresa ela se mostrou interessada e curiosa em alguns momentos, quando falávamos sobre os estudos e eu explicava a eles como funcionava o mestrado ela estava bem atenta, disse que tinha começado a fazer pedagogia no UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) no início do ano, por incentivo de uma irmã professora. A chegada da pandemia e o ensino remoto a desanimaram e fizeram com que ela trancasse o curso, Cris argumentou que a jornada de trabalho como diarista e as aulas virtuais pesaram a rotina e contribuíram para a desistência. Ela disse que gostou de voltar a estudar e que quer retornar quando o ensino voltar ao modo presencial.

Não foi só Cris que desanimou com a pandemia e o ensino remoto, Amanda e Nathan também reclamaram de como pode ser difícil estudar fora da sala de aula e da

³⁸ LIMA, M. O Uso da Entrevista na Pesquisa Empírica. In: ABDAL, A.; OLIVEIRA, M. C. V.; GHEZZI, D. R.; SANTOS JÚNIOR, J. (Orgs.). **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo**. São Paulo: Serviço Social do Comércio/Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, 2016. p. 24-41.

presença física do professor. Todos os jovens foram prejudicados educacionalmente durante a pandemia, no caso dos moradores da periferia, a carência do espaço escolar como lugar de lazer e encontro foi o que fez a maior falta em seus cotidianos.

Ao fim do jogo quando já estávamos saindo do parque agradei a eles pelo jogo, disse que quase todo domingo estamos por ali e que sempre são bem vindos para jogar conosco, afirmei que faria contato para combinar os detalhes da entrevista e que desde já estava grato pela colaboração dos três.

Depois de tanta dificuldade em encontrar informantes por conta da pandemia e das várias trocas de estratégias metodológicas, confesso que ainda estava cético em relação a oportunidade que acabava de conseguir. Somente quando fomos para a entrevista é que pude perceber que eles estavam realmente dispostos a colaborar com o trabalho.

5 A ENTREVISTA COM OS VOLUNTÁRIOS

Passados alguns dias do encontro inusitado com os informantes, chegou a hora de definir como seria a estratégia da entrevista. Devido à situação de isolamento social imposto pelo COVID-19, decidi inicialmente que as entrevistas deveriam ser realizadas de forma remota, utilizando alguma plataforma de chamada de vídeo ou reunião virtual, dessas que fomos forçados a dominar com o surgimento da pandemia.

Anteriormente, quando disse sobre os desafios da periferia em estudar via ensino remoto e os relatos de alguns colegas professores, levantei as hipóteses de como é difícil uma conexão de qualidade nessas localidades, foi aqui que confrontei com tal desafio na prática. Embora os três tenham afirmado ter acesso à internet, a qualidade do serviço se mostrou insuficiente para operar um programa ou aplicativo de chamadas de vídeo e, também, apareceram as dificuldades de equipamento para o acesso.

Matheus disse que tinha um computador básico, já antigo, o qual dividia com a família, o mesmo não dispunha de *webcam* o que dificultou o processo. Seu celular já era defasado e não suportava os programas mais modernos de chamadas, apenas o *WhatsApp*, que nos testes se mostrou instável devido à conexão lenta.

Nathan não era diferente, tinha um computador em casa, mas também não tinha uma câmera disponível, além disso, como já havia informado, estava sem celular, o que prejudicou ainda mais o contato. Amanda possuía um notebook com câmera e um celular próprio que poderia ser utilizado para a entrevista, porém, a velocidade de banda larga foi insuficiente para realizar o contato de modo satisfatório e com boa qualidade de som e imagem.

Confesso que a essa hora já estava bem desanimado e sem muitas perspectivas de resolver o impasse, foi aí que uma provável solução ganhou força entre os voluntários: realizar um encontro presencial.

Fiquei muito receoso ao ouvir a proposta pois estamos diante de um momento que inspira cautela, expor a saúde e a integridade física de meus informantes seria muito arriscado, embora todos nós estivéssemos cumprindo o isolamento social e as medidas de biossegurança, o risco poderia ser reduzido, mas nunca eliminado definitivamente.

Diante das várias tentativas em estabelecer a entrevista de modo remoto, todas sem sucesso, me pareceu que a conversa presencial seria a única saída, o tempo já havia passado, os casos de infecção na cidade tinham diminuído, então, poderia ser uma saída válida.

A dificuldade agora era traçar algumas estratégias para reduzir o perigo e garantir a máxima segurança, de início um lugar ao ar livre seria a melhor opção, medida que os informantes também julgaram ser a melhor possível. Uma área aberta e com boa ventilação, seguindo um distanciamento entre os participantes, foi prioridade para que o encontro pudesse acontecer.

O problema agora seria escolher o local, não há muitos parques e praças próximas da região da cidade onde os três moram, e, durante a semana, em boa parte do tempo, os três ficavam sozinhos em casa e não podiam sair, Amanda cuidava do irmão mais novo e só poderia se reunir nas folgas da mãe, o que limitou a agenda.

Surgiu a possibilidade de voltarmos ao parque onde tivemos o primeiro encontro, um local com muito espaço em meio à natureza seria mais propício para seguir o distanciamento. Os informantes disseram que a distância de suas casas até o parque era grande, que na última vez foram de carro e que seria difícil chegar lá, já que estavam evitando utilizar o transporte público.

Uma das informantes, Amanda, sugeriu que fizéssemos o encontro em sua casa, num espaço aberto em seu quintal, em uma tarde que sua mãe estivesse de folga, assim seria mais fácil se reunir pois o local ficava próximo da casa dos outros informantes.

Confesso que não achei ser a melhor opção, mas, senti que as inúmeras dificuldades que tivemos em promover as entrevistas, desde o problema com a conexão até a busca por um momento presencial, já estava estressando os voluntários e a convivência entre eles. Percebi que a participação dos três na pesquisa estava por um fio, mostrando que era hora de captar os dados ou buscar novos informantes, o que seria inviável, dado o pouco tempo restante para concluir a pesquisa.

Definido o local do encontro restava marcar a data, o que foi simples, já que os informantes não estavam estudando ou trabalhando em horário comercial, marcamos para uma tarde de segunda-feira, dia em que Cris, mãe de Amanda estava de folga.

Como já tive um contato inicial com Cris no parque, ficou mais fácil entrar em sua casa sem parecer invasivo, ter um adulto por perto foi importante para tranquilizá-los, já que Amanda e Nathan ainda eram menores de idade. Vale ressaltar que todos preencheram um termo de consentimento livre esclarecido, assinado por um adulto maior de idade, no caso dos participantes ainda menores legalmente.

5.1 O PRIMEIRO DIÁLOGO E A ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Marcada a data da entrevista, comecei a me planejar para o diálogo com meus informantes, sabia que precisava ser cirúrgico e que para isso deveria elaborar um roteiro³⁹ de acordo com as questões levantadas na pesquisa, com perguntas claras e objetivas.

Cabe aqui parêntese para explicar ao leitor sobre a metodologia na coleta de dados. Utilizei a entrevista em grupo como forma de estabelecer contato com os informantes, e, ao mesmo tempo, coletar dados e impressões, seguindo um roteiro semiestruturado e com perguntas abertas.

Vale ressaltar que não se trata de um grupo focal, visto que não empreguei o uso de gravação em vídeo nem o uso de temas motivadores de debate. O grupo focal também exige um filtro que selecione pessoas que não se conheçam previamente, além de formar um grupo de 6 a 10 pessoas, o que não reflete a realidade desta pesquisa.

Ao formular o roteiro comecei a anotar e refletir alguns assuntos que havia conversado com os voluntários ainda no parque, este diálogo inicial de modo exploratório serviu para conhecer um pouco da realidade dos participantes e tatear o campo, portanto, não julguei necessário fazer outra discussão para sondagem pois, poderia tornar alguns assuntos demasiadamente repetitivos.

Decidi que a conversa seguiria o padrão do questionário online que já havia sido elaborado no passado, apenas tratei de fazer algumas adequações, me ocorreu de encaminhar o formulário para que os informantes pudessem responder as perguntas previamente.

Utilizei esta estratégia para mensurar se havia alguma pergunta mal formulada ou de difícil compreensão, para evitar que o diálogo não fosse prejudicado durante a entrevista. À primeira vista, a palavra entrevista poderia assustar um pouco, creio que o preenchimento do formulário ajudou a desarmar os informantes e fazer com que ficassem mais à vontade diante do ambiente e do gravador.

É importante destacar ao leitor como se dá a utilização da metodologia da entrevista em nosso trabalho. Não foi somente diante da imposição da pandemia que seguimos este caminho, verificamos durante a pesquisa, que a entrevista seria o recurso mais eficaz para garantir a coleta de dados, dando a profundidade necessária para que pudessemos conduzir as reflexões sobre a vida do jovem durante o isolamento social.

³⁹ O roteiro utilizado para guiar as entrevistas está disponível em anexo, juntamente com o questionário enviado previamente aos participantes.

O método de entrevistar para captar dados e impressões de populações e grupos pesquisados, é um dos meios mais populares dentro das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais⁴⁰, tal ferramenta é capaz de potencializar o nível de observação de algum segmento ou fenômeno social investigado pelo pesquisador, analisando o retorno dos nativos entrevistados.

Da construção de biografias até a descrição da observação participante, as entrevistas são um elemento metodológico bastante empregado na construção do cenário da pesquisa de campo. Desde o início, meu trabalho se propôs a contar um pouco sobre como o jovem da periferia se percebe e como tem enfrentado a pandemia, os relatos ouvidos nas entrevistas nos auxiliaram nesta tarefa, principalmente com o campo de observação reduzido por força da pandemia.

Diferentemente da abordagem quantitativa que busca uma orientação fechada, quando a entrevista tem como objetivo a aplicação de questionário com perguntas e respostas fechadas, busquei um molde mais dinâmico, com perguntas semiestruturadas, para dar mais liberdade aos informantes.

Utilizei perguntas abertas intencionalmente para estimular uma maior interação por parte de nossos entrevistados, de modo a extrair suas impressões com mais fidelidade e riqueza de detalhes, tendo como único filtro os temas estabelecidos durante a mediação da conversa.

Em minhas observações e incursões como professor, sempre notei que os jovens gostam de reivindicar o local de fala, é claro que existem exceções, mas em geral são bem falantes, aproveitamos a entrevista semiestruturada para dar vazão à expressão comunicativa dos informantes, nada melhor do que o próprio jovem falar sobre como é ser jovem.

Deste modo busquei posicionar o trabalho de entrevista, fazendo um encontro leve no qual as perguntas funcionam como um estímulo para que os voluntários respondam a esses gatilhos, criando assim um ambiente de interação informal e ao mesmo tempo semiestruturado, sempre conduzido pelo tema central que é a vivência da juventude na periferia de uma cidade do interior.

Como era de se esperar, é natural que os jovens em alguns momentos falem de outras coisas, fujam do tema ou explorem de modo mais direto situações especificamente

⁴⁰ ABDAL, A.; OLIVEIRA, M. C. V.; GHEZZI, D. R.; SANTOS JÚNIOR, J. (Orgs.). **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo**. São Paulo: Serviço Social do Comércio/Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, 2016.

pontuais de suas vidas, nestes casos tive, como mediador, o papel de assegurar que voltassem para terra firme e se concentrassem no diálogo.

Como professor de sociologia passei por esta experiência quase que diariamente, era muito comum que os alunos comessem a perguntar ou responder sobre o tema da aula e dessem exemplos de familiares ou situações incoerentes com o tema, algo aceitável, já que a tentativa e o erro fazem parte da curiosidade e da construção do conhecimento.

Tornar o momento da entrevista o mais leve possível foi prioridade, ainda mais com o momento exigindo certa distância e o uso de máscara facial o tempo todo, o que por sinal torna o simples ato de falar uma tarefa tediosa e incômoda, além de prejudicar a qualidade da gravação de áudio, o que pude constatar logo que cheguei em casa e ouvi o arquivo.

Buscar uma interação dinâmica era crucial para a qualidade e profundidade dos dados a serem coletados, elemento que fez com que a amizade entre os informantes contasse como algo positivo, já que se tratava de um diálogo entre amigos, o que de início criou um ambiente amistoso.

Evidentemente que entre pessoas com certa proximidade é natural que haja mais intimidade, até mesmo para discordar ou interromper, foi aí que a mediação se tornou mais ativa, embora poucos momentos como este foram registrados. Acredito que deva ser um evento comum, sobretudo em entrevistas em grupo.

Desde o início do contato, ainda no parque, notei logo que cada um dos informantes alimentava uma posição de forma bem consistente, com certas convergências e divergências em alguns momentos. Penso que isso se dá pelo fato de serem de idades e gêneros diferentes, e virem de bairros diferentes, ainda que pertencentes a mesma região da cidade.

Antes de iniciar a entrevista com os voluntários, afirmei que estávamos ali para conversar, que não havia resposta certa ou errada, que não era necessário que os três resumissem suas impressões em uma só, aliás, disse que isso seria prejudicial. Afirmei, também, que não se tratava de um debate, não era necessário justificar suas falas ou se posicionar contra ou a favor.

Acredito que foi uma estratégia importante na manutenção do ambiente. A magia por trás da entrevista é a autodescrição do entrevistado, sua fala, sua descrição, que de aliada pode passar a ser inimiga do pesquisador, caso o voluntário crie uma representação de si mesmo somente para agradar, ou construir um mosaico no qual ele acredite ser aquilo que o pesquisador espera obter. Confesso que perceber as nuances na fala dos

voluntários foi minha maior dificuldade, creio que seja de todo pesquisador que trabalhe com este método.

Outra preocupação que tive foi com a presença de Cris, mãe da Amanda, o olhar de um adulto poderia amedrontar ou influenciar nas respostas de alguma pergunta, felizmente ela ficou por perto apenas no início da entrevista, logo tratou de se ocupar em atividades domésticas e deixou o quintal onde estávamos, acredito que ela percebeu que poderia de algum modo incomodar e acabou se retirando.

Ainda lembro de como eu era nos primeiros anos da juventude, nada era mais constrangedor do que ter a presença dos pais por perto, inclusive durante o diálogo, uma das queixas unânimes era sobre o tratamento dos mais velhos para com os jovens. Os três relataram que quase sempre ainda são tratados como crianças, e que os mais velhos demoram em enxergar que a juventude já se trata da transição para a vida adulta.

A gravação da conversa também surgiu como um possível entrave para a manutenção de um ambiente descontraído. Antes da entrevista, Nathan que se revelara o mais tímido perguntou se o diálogo seria gravado, disse que a intenção era gravar somente áudio, mas, apenas se todos concordassem, fiquei temeroso que ele não concordasse, porém, não houve resistência por parte de ninguém.

Confesso que a banqueta no centro com o celular em cima fazendo o papel de gravador acabou me deixando um pouco incomodado, como estávamos em um lugar aberto e com máscaras faciais não há gravador que possa compensar tamanha exposição de ruído. Antes de iniciar, pedi que procurassem falar de forma lenta e um pouco mais alta que o habitual, o que acabou minimizando o som externo.

Logo de início comecei a anotar alguns trechos mais importantes, caso tais passagens não tivessem um bom áudio⁴¹. É incrível como um caderninho de anotações e uma caneta transformam uma conversa entre amigos em um ambiente formal, até o discurso passou a ser mais pomposo.

O tocar da caneta no papel tornou-se a atração do encontro, descobri na hora que deveria confiar na gravação e desistir das anotações na frente dos entrevistados. Enquanto o papel servia apenas de guia para o roteiro era algo inofensivo, quando as notas começaram o cenário mudou rapidamente.

⁴¹ Os áudios e transcrições adaptadas das entrevistas não serão divulgados publicamente a pedido dos informantes, para saber mais detalhes sobre trechos específicos escreva para: wellington.santos5@gmail.com.

Antes do início da conversa, perguntei se alguma vez já tinham participado como voluntários em alguma pesquisa acadêmica, ou ainda, dado entrevista para algum pesquisador, todos responderam que nunca tinha tido tal experiência, o que pode em parte explicar a mudança de comportamento diante das anotações.

5.2 A IDA À CAMPO E A ENTREVISTA COM OS INFORMANTES

Para situar o leitor, o contato com os investigados se deu em dois momentos distintos. O primeiro deles foi o encontro inusitado no parque, descrito anteriormente e que deu a dimensão de como foi estabelecido o diálogo inicial e a observação exploratória, que permitiu saber um pouco sobre os jovens e se eles estariam dentro do recorte da pesquisa.

O segundo contato foi realizado já como entrevista, quando os três jovens de disponibilizaram participar voluntariamente como informantes, detalhando como é ser um jovem da periferia e de que modo a COVID-19 impactou suas vidas. A conversa foi realizada em duas tardes, em um espaço aberto na casa de uma das informantes, seguindo as medidas de distanciamento e de biossegurança como uso de máscaras faciais e álcool gel 70%.

Na primeira tarde, que marca a primeira parte da entrevista em grupo, as perguntas foram sobre dados socioeconômicos, a realidade escolar e o peso da pandemia de COVID-19 em suas vidas. Já na segunda tarde, as questões versam sobre os temas ligados a juventude e a vivência do jovem de periferia no espaço urbano.

Peço a compreensão e atenção do leitor para o trecho que se segue, a escrita seguirá como uma descrição etnográfica do campo, de modo a transmitir a maior riqueza de detalhes possíveis. Eventualmente, o discurso irá pinçar as falas e expressões dos entrevistados, podendo retomar discussões anteriores. Os trechos literais serão identificados por aspas e em itálico, sendo transcritos originalmente e sem correções ortográficas.

Após definida a data e o local do encontro, era hora de reunir o material e seguir a jornada rumo a casa de Amanda, voluntária que gentilmente acolheu o encontro. O endereço havia sido passado por telefone, como se trata de uma região periférica e recente, não foi possível encontrar no gps, o jeito foi seguir pela avenida principal do bairro e tentar encontrar a casa pelo número.

O Jardim América é um bairro nas franjas da asa leste, uma parte periférica da cidade ao redor do aeroporto municipal, suas ruas começam no fim da avenida prefeito Pedro Viriato, de frente ao parque de exposições da cidade, entre o Jardim Tropical I e II, bairros já mais antigos. Do centro são aproximadamente 25 minutos de carro em horário de pico, o que pode ser quase o dobro se feito de transporte público.

As moradias são mescladas, há casas mais novas, daquelas que seguem o padrão dos programas de habitação popular, até lares mais antigos, com paredes de madeira, janelas quadradas e muros baixos. A população da região é dividida entre moradores antigos e famílias mais jovens, a maioria formada por casais que compraram sua primeira casa ou que locaram no bairro por conta do custo do aluguel, ou ainda porque nasceram na asa leste.

Mesmo sendo uma região periférica, a área possui acesso à serviços básicos como saúde, educação e transporte público. Como a asa leste é uma região antiga da cidade, muitos bens e serviços podem ser encontrados na região, o que pode reduzir a necessidade de ir para o centro. Durante a conversa, os jovens citaram a busca de emprego como motivo para se deslocarem para o centro, o que sugere que a maioria dos moradores trabalhem fora do bairro.

No caminho para a entrevista, passando pela avenida principal, é possível ver uma pequena praça, um supermercado, algumas lojas de comércio popular, pontos de ônibus, oficina mecânica, borracharia, bares, e igrejas evangélicas, lembro de no mínimo três delas. A região ainda tem posto de saúde, unidade de pronto atendimento (UPA), escolas municipais e estaduais, uma paróquia católica, pizzarias e lanchonetes.

À medida que se adentra a região é possível ver as casas se transformarem, os buracos nas ruas aumentarem, os pedestres ficarem mais comuns na paisagem, as crianças brincando na rua, enfim, a vida tomando um rumo diferente, pelo menos em nada parecido com a área de onde venho, um bairro a poucas quadras do centro, com moradores mais idosos e nenhuma criança à vista.

Por sorte a casa de Amanda ficava numa rua no prolongamento da avenida principal, o que tornou minha busca mais fácil, ao ver a chegada de Nathan ao portão de uma casa azul alguns metros à frente tive a certeza de chegar no lugar certo. O que veio a calhar pois não havia identificação do nome da rua nos postes, e sem a localização do gps era quase impossível encontrar o destino sem conhecer o bairro.

Estacionei em frente ao portão e logo fui recebido por Nathan que acabara de entrar, em seguida Cris veio me recepcionar cordialmente e me acompanhar até o quintal onde já estavam Amanda e Matheus sentados à minha espera.

A residência fica na primeira rua do bairro, de frente para uma rua sem asfalto que divide o início do bairro com os limites do parque de exposições, inclusive, uma das queixas de Cris foi a poeira vinda da rua vizinha que terminava acumulada em seu portão. Acredito que tenha sido um comentário pontual para justificar o pano úmido que estava à beira do portão, como o tempo estava seco há dias era possível ver o pó no chão.

Chequei o relógio e vi que estávamos pontualmente reunidos, era 14 horas de uma tarde ensolarada de segunda-feira, dessas típicas de fim de primavera em que o sol não se intimida em brilhar solitário no céu.

Cris perguntou se eu já conhecia o bairro e se tinha sido fácil encontrar o local, respondi que era a primeira vez que estava por ali, embora tivesse trabalhado numa escola municipal não muito longe dali. No tempo em que lecionei na região, a avenida que dava acesso a área estava em construção, para fugir da obra sempre transitei pela rodovia, que passa do outro lado do parque de exposições que fica de frente para o Jardim América.

Mesmo com tudo pronto para iniciar a conversa fui surpreendido por um cheiro de café logo que entrei no portão, vi que Matheus já estava segurando uma xícara, como aprendi desde cedo que não se nega uma boa xícara de café, resolvi aceitar mesmo não querendo. A propósito, o hábito de bebericar a bebida virou um ritual para dar início aos dois encontros que tivemos durante as entrevistas, o que foi positivo pois deixou todos mais à vontade e sem aquela tensão no ar.

Durante o café pude falar um pouco com os entrevistados sobre como seria nosso diálogo, tratar alguns assuntos pontuais sobre o roteiro da conversa e o tema central que versava sobre como é ser um jovem da periferia, mas tudo sem quebrar a informalidade do momento. Aproveitei para perguntar como tinham passado desde o último encontro no parque e se estavam ansiosos ou com vergonha da entrevista.

Aos poucos o gelo foi sendo quebrado e os voluntários passaram a se sentir mais confortáveis, como eram pessoas que se conheciam previamente o ambiente ficou mais leve, o que contribuiu para que eles deixassem a timidez de lado e pudessem falar sem se preocupar com a interação.

Matheus estava com uma camiseta camuflada, perguntei se estava prestando o serviço militar obrigatório, ele respondeu que havia começado no início do ano e estava

concluindo, como também passei pela mesma experiência, usei o assunto como gancho da conversa.

A cidade de Campo Mourão possui um Tiro de Guerra desde a década de 1990, a instituição é uma organização de formação de reserva mantida pelo Exército Brasileiro, todos os anos os rapazes da cidade que completam 18 anos passam por um processo de alistamento e seleção, sendo que ao final da etapa são selecionados os jovens que prestarão o serviço militar no ano seguinte.

Segundo Matheus foram selecionados 80 jovens, as instruções militares eram sempre realizadas de madrugada, para não atrapalhar o horário comercial daqueles que trabalhavam. Ele relatou que estava gostando de servir, embora a sede fosse longe de sua casa, disse que os horários eram intercalados para evitar aglomerações e que muitas atividades foram canceladas ou adaptadas por conta da pandemia.

Compartilhei com ele algumas lembranças de como era prestar o serviço militar, me lembro de muitos colegas tomarem o comprovante de endereço de familiares e se apresentarem em cidades vizinhas para serem dispensados da seleção. Os ensaios para formaturas e desfiles solenes, as inspeções de higiene surpresa e o trabalho de limpeza e serviços gerais faziam parte da rotina diária, atividades que Matheus afirmou também estar realizando.

Aqui abro um parêntese para falar sobre como a rotina e disciplina militar pode influir na vida do indivíduo, notei que Matheus estava sempre sentado de forma ereta, sempre muito observador aos detalhes e em estado de alerta, falava apenas quando solicitado, no início utilizava poucas palavras e aos poucos foi ampliando o vocabulário. Durante o café era ele quem se levantava para servir os demais, perguntava ao fim de uma xícara se estava satisfeito ou queria mais um gole.

Era nítido que os assuntos da caserna o motivavam, fiquei com medo de que o assunto provocasse o oposto, pois, particularmente, nunca fui simpático a ordem metódica do aquartelamento, muitos dos colegas de serviço militar estavam lá somente por força de lei.

Matheus parecia ser o exemplo do que chamávamos de praça distinta, alguém que fazia sempre mais do que era solicitado, um modelo de soldado para a tropa, ao falar sobre os desafios de servir, disse com orgulho que tinha conquistado a medalha de melhor aptidão física da unidade.

Foi aí que a sua postura começou a fazer sentido. As palavras diretas, o trato carregado de respeito à hierarquia, a expressão de olhos atentos, traços característicos das relações de poder e submissão dentro da esfera militar.

De início, tive a impressão que seria um tratamento justificado diante da autoridade de um professor e pesquisador, de alguém mais velho, aos poucos vi que era uma postura vinda de grande parte do adestramento militar. A pressão e a exposição cotidiana fazem que até mesmo os menos adeptos da farda incorporem inconscientemente algumas características da caserna.

Tenho a sensação de que era isso que Charles Wright Mills⁴² queria dizer quando aponta para a imaginação sociológica e seu poder de amplificar nossa compreensão de mundo. Apegar-se e desapegar-se das perspectivas para observar a relação entre os agentes sociais e suas práticas, compreender as pessoas para além da casca é um exercício difícil até mesmo para o cientista social mais aplicado, comigo não foi diferente.

Nathan desde sempre foi alguém mais discreto, vi que olhava com desdém para os assuntos do serviço militar, como ainda não tinha idade para tal ainda não havia se preocupado com isso. Embora fosse de longe o mais tímido dos três, era quase sempre quem dava as contribuições mais profundas, poucas vezes se empolgava em responder algo, aguardava a mediação para se posicionar ou responder as perguntas.

Mais do que os outros informantes, Nathan demonstrava curiosidade a cada pergunta que era feita durante a entrevista, seu olhar reflexivo me fez pensar que estava escolhendo delicadamente as palavras que iria utilizar, com o passar do tempo pude notar que era um traço de sua personalidade.

O cuidado e a cautela ao falar eram transferidos para o modo de segurar a xícara, ou ao se dirigir aos outros entrevistados, os detalhes em suas respostas estavam cheios de uma sensibilidade que a cada pergunta refletia sobre suas próprias experiências. À sua maneira, cada informante reagia aos estímulos da conversa, Nathan sempre pareceu o mais focado de todos, sempre refletindo sobre as respostas dos demais e buscando dialogar com elas, em algumas vezes complementando e em outras se opondo.

Nathan vinha de um dos bairros mais pobres da asa leste, as moradias Avelino Piacentini, uma localidade que costuma figurar nos noticiários policiais da cidade. O lugar de sua origem ajuda a compreender o tom reflexivo de suas perguntas, sobretudo quando

⁴² MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. Capítulos: Sobre o artesanato intelectual, p. 21-58; A promessa, p. 81-88.

fala sobre o morador da periferia e a imagem idealizada que as pessoas do centro concebem do subúrbio.

Durante a entrevista, perguntado sobre como é ser um jovem da periferia, Nathan disse que as coisas são um pouco mais difíceis, em comparação à realidade do jovem do centro, principalmente o acesso a coisas como trabalho e locais como agências bancárias. Ao complementar sua informação, Nathan afirma que “*tem bastante preconceito*⁴³ *com pessoas da periferia também (...).*” (informação verbal), mostrando como a segregação espacial pode influenciar nas relações sociais do cotidiano de um jovem residente nesta localidade.

Amanda era diferente de Nathan e Matheus, assumia sempre uma postura mais cética diante das perguntas, em seus comentários buscava se opor aos demais e pensar de modo mais pessimista. Sendo a mais jovem dos três e única mulher no grupo, interpreto que esta foi uma estratégia que a informante utilizou para demarcar sua posição durante a conversa.

Apesar de ser a voluntária que desde o início demonstrou menos interesse na pesquisa, Amanda teve comportamentos contrários a esta atitude, como por exemplo, ceder o espaço de sua casa para os encontros. A contradição pode ser uma espécie de coringa para não revelar totalmente sua posição, ou ainda, reverter sua postura diante das perguntas, especialmente aquelas que o informante tem dúvidas sobre a resposta ou é forçado a refletir sobre.

No ceticismo de Amanda, recordei de muitas situações em sala de aula, onde tal artifício era frequentemente evocado pelos jovens em algumas discussões, ora para simples oposição, ora para utilizar o benefício da dúvida em seu favor, questionando as teorias dos conteúdos estudados e sua aplicação.

Aos poucos nas falas de Amanda, percebi que o ceticismo cumpria o mesmo papel que a reflexão assumia nas informações de Nathan. Isso ficou claro nas perguntas que comparavam a realidade da periferia com o centro, Amanda tomava uma postura de desconfiança ao opinar, dizia que nunca tinha sido do centro e, portanto, não poderia tomar como comparação suas experiências com as de um jovem do centro.

Nas entrelinhas do discurso de Amanda está uma das maiores considerações que a pesquisa trouxe, o reconhecimento do jovem da periferia como tal. O sentimento de

⁴³ Entrevista concedida por AMANDA; MATHEUS; NATHAN. Entrevista parte 2. [nov. 2020]. Entrevistador: Wellington Lucas dos Santos. Campo Mourão, 2020. 1 arquivo .mp3 (110 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em posse do entrevistador. wellington.santos5@gmail.com.

pertença a periferia e sua diferenciação com o centro se dá de modo muito fluido, ora negado, ora reivindicado, o que em muito justifica o ceticismo. Discutiremos mais sobre o assunto nas considerações finais do trabalho.

Realizar uma entrevista conjunta foi uma experiência riquíssima na condição de pesquisador, é claro que como toda metodologia, se não for bem aplicada pode colocar o entrevistado em apuros. A proximidade entre os informantes foi a chave para se conseguir um ambiente de interação saudável, sem que o mediador tenha que estimular o diálogo ou se utilizar da própria fala para engrenar o discurso dos entrevistados.

O elemento de intimidade e conhecimento prévio dos voluntários também se demonstrou uma armadilha constante, por vezes me preocupei mais em não deixar a conversa sair do tema do que em ouvir os dados. Neste aspecto, a transcrição do áudio foi mais que um exercício de pesquisa, cumpriu um papel de revisitação dos dados, já com um distanciamento do evento da entrevista. Assim, durante a interação com os informantes, pude observar o quanto o elemento presencial pesou positivamente na relação do encontro. Depois de meses em isolamento e sem se encontrarem fisicamente, a presença física foi capaz de levar o diálogo a um maior nível de interação.

Lembro-me de como ainda no parque, Cris disse que Amanda estava mais irritada e fragilizada durante a quarentena, que as brigas com o irmão mais novo eram constantes, motivo que fez com que ela levasse os três amigos para o passeio. Para Amanda e Nathan, as aulas semanais do colégio preenchiam boa parte do dia, com a suspensão das aulas presenciais abriu-se uma grande lacuna na rotina dos dois, além de atividades que foram suspensas pela pandemia como os encontros com os amigos no Centro da Juventude.

Não é nossa tarefa mensurar os efeitos psicológicos da pandemia entre os jovens e o peso do distanciamento na vida social, porém, durante a conversa, foram unânimes as queixas sobre como a quarentena forçada influenciou negativamente na interação social. Nathan disse que no início não se importou com o isolamento, entretanto, passadas algumas semanas começou a se sentir incomodado, percebendo que o ambiente virtual não era capaz de suprir o convívio físico com os amigos.

Matheus disse que o isolamento da quarentena o deixou frustrado, além de adiar projetos pessoais que estavam sendo colocados em prática, como ele já havia concluído os estudos, estava à procura de um trabalho e de encontrar uma carreira profissional, algo que se tornou mais difícil com a restrição de circulação. O informante disse que sempre foi tímido, que estar com pessoas e falar com elas pessoalmente era um exercício para vencer a timidez, coisa que a pandemia interrompeu de forma brusca.

Amanda disse que sempre gostou de ficar em casa, o que ajudou a suportar as primeiras semanas do *lockdown*, mesmo assim, admitiu que se tornara cada vez mais difícil suportar o isolamento, foram aí que as brigas com o irmão ficaram frequentes. A jovem declarou que acabou furando o isolamento algumas vezes, saindo de casa para visitar parentes próximos como tios e avós, segundo ela sempre de máscara facial e sem contatos físicos como beijos e abraços.

Ainda segundo Amanda, a tecnologia ajudou a estabelecer contato com as pessoas, mesmo que de acordo com ela, as ferramentas virtuais não substituiriam o convívio físico, sendo apenas um recurso temporário. Nathan e Matheus atribuíram a falta de proximidade física como causa principal do desgaste nas interações sociais, os dois informantes avaliaram que durante o afastamento, brigas e divisões se tornaram comuns no ciclo de amizades que mantinham.

Se adequar ao uso da internet como meio principal de interação social tem sido uma tarefa difícil até mesmo para os mais jovens, ainda que tenham mais facilidade no trato tecnológico que os adultos. Em um período da vida onde as teias de sociabilidade e a vida social começa a despontar, ficar preso em casa parece limitar as expectativas de interação.

Lembro-me como sempre foi animado o primeiro dia de aula no retorno às férias, o reencontro dos jovens com seus amigos, as risadas e abraços no pátio, em maior ou menor grau, os alunos sempre sentiam falta de seus colegas, alguns passavam mais tempo com os amigos no colégio do que com os pais.

5.3 A PANDEMIA, A PERIFERIA E A JUVENTUDE

Para todo pesquisador, tratar os dados obtidos na pesquisa de campo não é uma tarefa simples, o percurso da coleta de informações pode revelar muitos elementos sobre a realidade do grupo pesquisado. Informações pessoais como renda familiar, endereço e número de familiares não serão discutidos aqui, julgamos que tais informações poderiam ser prejudiciais para o sigilo dos participantes, pressuposto ético da pesquisa com informantes.

Sendo assim, foram selecionados três temas principais retirados da delimitação orientada no roteiro da entrevista de campo. O primeiro deles trata dos estudos no tempo de pandemia, o segundo fala da relação com a COVID-19 e seu impacto no cotidiano, e por último, como é ser um jovem de periferia em uma cidade do interior.

Não é nossa intenção fazer um perfil detalhado de cada informante, embora já descrevemos anteriormente algumas características de cada entrevistado. A proposta é discutir as informações cedidas pelos informantes e, com esses dados, apresentar um mosaico sobre como o jovem da periferia enxerga estes três elementos em sua vida cotidiana.

Questionados sobre como foi estudar durante o período de isolamento social, Amanda e Nathan disseram que foi muito difícil aprender sem a presença física dos professores. Ambos afirmaram que o modelo de ensino remoto trás perdas no aprendizado, se comparado com a modalidade presencial de antes da pandemia.

Amanda disse que até houve tentativa de estudo, mas, o aprendizado geral acumulado foi muito baixo, segundo a jovem, “(...) *Aprender... aprendeu? Não, mas a gente tá aí né. (...) a gente passou.*” (informação verbal). Nathan reafirma a fala da colega ao dizer que este ano (2020) não foi possível aprender muita coisa, em termos escolares.

A informante disse que ao fim do ano letivo, alguns professores resolveram gravar suas próprias aulas em vídeos de 20 a 30 minutos com informações sobre o conteúdo, de modo a reforçar as aulas transmitidas pela secretaria da educação e do esporte do Paraná (SEED-PR). Para Amanda, esta iniciativa ajudou na aprendizagem das disciplinas, porém, a informante ressalta que era uma ação que não era realizada por todos os professores e que demorou muito para ser executada.

Me recordo vagamente sobre o relato de alguns colegas professores sobre a estratégia de gravar vídeos para os alunos. A ideia de produzir este material chegou como instrução da SEED aos diretores das escolas, como forma de garantir um maior acompanhamento pedagógico aos alunos. Depois de muita discussão a ação acabou se tornando facultativa, o que explica porque nem todos os professores adotaram a metodologia.

Para os informantes, a maior dificuldade no ensino remoto estava em organizar uma rotina de estudo e execução das atividades, de modo que o trabalho escolar não fosse acumulado ou postergado. Nathan revelou que estar diariamente no colégio cumprindo prazos e determinações, ajudava na divisão do tempo e das tarefas a serem cumpridas, o que segundo ele, era extremamente difícil de ser realizado na liberdade de casa, mesmo com a cobrança dos pais.

Amanda afirmou que a procrastinação era a maior barreira a ser superada no ensino remoto. Segundo a informante, diante da sensação de amplitude do tempo ocioso e da opção de fazer outras atividades, o jovem muitas vezes não tinha foco e maturidade

para realizar os compromissos escolares antes de desfrutar do tempo de lazer, o que deixava os estudos em segundo plano.

Embora o jovem tenha autonomia para decidir suas atividades e realizar várias tarefas simultâneas como estudar, trabalhar e auxiliar no serviço doméstico, o acompanhamento dos pais e responsáveis ajuda na hora de definir e organizar a rotina, sobretudo nos primeiros anos da juventude, etapa que compreende os entrevistados.

Se a rotina escolar diária é por vezes dependente do acompanhamento dos responsáveis para o bom desempenho escolar dos alunos, o ensino remoto demanda presença ainda mais constante dos pais na vida escolar de seus filhos.

Ter pais que cumpriram o isolamento em casa trabalhando remotamente, ou ainda uma mãe ou responsável que não trabalhasse fora de casa, pode ser um fator decisivo no amparo com as tarefas escolares. Os dois informantes que estavam estudando afirmaram que seus pais continuaram trabalhando durante a pandemia, com exceção de Nathan que afirmou que seu pai teve férias durante o *lockdown*, retornando ao trabalho depois de 4 semanas.

Sem o contato presencial, os professores e pedagogos perderam boa parte dos recursos e da avaliação contínua dos estudantes, mecanismos que sempre se mostraram uma ponte entre a escola e a família. É em sala de aula que são diagnosticadas as dificuldades educacionais dos alunos.

Sem a rotina de contato com a lousa e o professor fica difícil mensurar com precisão o aprendizado. Amanda confessou ter utilizado a internet, especificamente o site *Brainly*⁴⁴ para encontrar respostas de atividades solicitadas, antes mesmo de buscar o material didático ou ajuda pedagógica. Tal fato aponta para a importância da supervisão dos educadores no emprego de tecnologias educacionais no processo de aprendizagem.

Sobre as tarefas realizadas durante a pandemia, os voluntários revelaram que eram trabalhos estritamente online. Após a transmissão das aulas via televisão eram encaminhados questionários elaborados na plataforma chamada *formulários do google*⁴⁵, contendo quatro perguntas divididas em dois temas trabalhados na aula.

⁴⁴ Plataforma que funciona como uma rede social de perguntas e respostas, onde os usuários cadastrados fazem perguntas sobre os conteúdos escolares dentro da comunidade do site. Cada resposta dá ao respondente uma pontuação que é acumulada em seu perfil, caso a resposta seja validada por outros usuários ou especialistas da rede.

⁴⁵ Ambiente capaz de criar formulários com questões abertas e fechadas, podendo ser compartilhado e acessado via link. É muito utilizado em pesquisas de opinião, entrevistas, coletas de dados, inscrições de eventos e outros fins.

Segundo Amanda e Nathan, as mesmas atividades eram entregues a todos os estudantes da rede de ensino do Paraná. Como o questionário era amplamente difundido, as chances de educandos encontrarem as respostas nos sites de busca eram muito maiores, o que poderia desestimular a busca de meios como a leitura de livros didáticos ou o diálogo com professores para sanar as dúvidas.

No meio da pandemia acabei me tornando colaborador de um colégio privado de Campo Mourão, o que me permite fazer uma breve comparação do meu ambiente de trabalho com os relatos de meus informantes. Mesmo trabalhando no setor administrativo, pude estar bem próximo do ambiente educacional e das estratégias utilizadas.

Com o isolamento social, os professores passaram a transmitir suas aulas de casa, assim que o *lockdown* passou tiveram a opção de lecionar das salas de aula do colégio, que foram transformadas em estúdios de transmissão com computadores, câmeras, monitores e iluminação, além da lousa e dos materiais pedagógicos já conhecidos.

As apostilas e materiais didáticos continuaram sendo cumpridos, assim como o planejamento anual, que em algumas disciplinas teve de ser readequado. A carga horária e a grade de disciplinas foram alteradas, de modo a minimizar os prejuízos da falta do ensino em sala de aula.

Todas as atividades eram encaminhadas em uma plataforma digital própria do sistema de ensino utilizado pela instituição, que antes servia de subsídio para os alunos. As avaliações e trabalhos eram organizados em uma agenda virtual disponibilizada na ferramenta com total acesso dos pais, sempre com horário de abertura e fechamento de acesso, para que os alunos se programassem para realizar a atividade naquele período, sempre em contraturno, com possibilidade de segunda chamada caso houvesse algum problema de conexão.

A transmissão das aulas era realizada por meio do *Google Meet*⁴⁶, onde diariamente os alunos acessavam a sala virtual e tinham contato com os professores de todas as disciplinas, podendo tirar dúvidas e estabelecer um diálogo com os colegas de classe, seja pelo *chat* ou via áudio e vídeo.

Em alguns momentos problemas técnicos surgiam, quase sempre falhas em equipamentos, instabilidade na conexão de internet, quedas de eletricidade ou da plataforma virtual. Percalços que eram resolvidos rapidamente e nunca chegaram a comprometer de forma grave o andamento das aulas.

⁴⁶ Ferramenta de videoconferências e reuniões virtuais, onde o gerenciador do encontro pode aceitar os participantes, ligar e desligar áudio, vídeo, compartilhar apresentações, documentos, e outros recursos.

Com o afrouxamento da quarentena e a publicação de decretos estaduais e municipais, as monitorias presenciais e aulas híbridas puderam ser retomadas. Nesta metodologia os alunos eram escalados em rodízio, a cada dia um grupo de 4 a 6 alunos poderia vir ao colégio para assistir e participar da transmissão das aulas presencialmente, enquanto os demais colegas interagiam de modo virtual.

Os encontros presenciais eram facultativos, muitos pais aprovaram a ideia, outros permaneceram segundo o ensino remoto, o curioso era que os responsáveis seguiam o índice de casos de COVID-19 para definir a participação presencial dos filhos. Sempre que os números da doença na cidade aumentavam, ou mesmo quando surgia algum caso suspeito entre familiares de estudantes, os pais ligavam cancelando as monitorias e participações presenciais dos filhos.

Durante o isolamento, o desenvolvimento pedagógico e a saúde mental dos alunos recebiam maior atenção. Os coordenadores pedagógicos, juntamente com a psicopedagoga e a psicóloga do colégio prestavam atendimentos virtuais e em alguns momentos presenciais aos pais e alunos, além de acompanhar de perto os professores e demais colaboradores da instituição.

Não há como negar que o sistema privado possuiu mais recursos para enfrentar os desafios educacionais do ensino remoto, a pandemia colaborou para escancarar o peso das desigualdades sociais na aprendizagem. Talvez, a fórmula de ensino utilizado pela rede estadual de educação do Paraná, esteja mais próxima do arcaico Telecurso do que do ensino remoto híbrido praticado na rede privada, tanto no ensino superior quanto na educação básica.

Perguntados sobre a pandemia, especificamente se conheciam alguém que havia testado positivo para a COVID-19, Matheus disse que não sabia de nenhum colega próximo ou familiar infectado. Amanda disse que recebeu a notícia de que uma das pedagogas do colégio onde estuda estava com Coronavírus, mas, ninguém de sua família ou amigos estava doente.

Nathan revelou que um colega de trabalho do seu pai tinha sido infectado, inclusive desenvolveu a forma grave da doença e estava sendo mantido sob ventilação mecânica invasiva (intubação) na Santa Casa de Campo Mourão. Embora disse que seu pai estava de férias durante o ocorrido, afirmou ter grande preocupação com a doença, já que seus pais fazem parte do grupo de risco⁴⁷ para a COVID-19.

⁴⁷ Pessoas que possuem doenças crônicas renais ou diabetes, hipertensão, colesterol, asma, doenças pulmonares obstrutivas, fumantes, transplantados, imunodepressão causada por tratamentos como o do

Ambos os informantes revelaram preocupação ao serem questionados se tinham medo da doença. Segundo os jovens, o temor não estava em sua saúde ou em acabar desenvolvendo o quadro severo da doença, mas, em transmitir o vírus para familiares idosos e do chamado grupo de risco, o que poderia agravar o quadro clínico caso fossem diagnosticados com a nova enfermidade.

Amanda disse não ter medo da doença no início por estar cumprindo uma quarentena mais rígida, à medida em que começou a sair de casa para algumas atividades, ou mesmo ter contato com familiares, confessou ter receio de se contaminar e acabar transmitindo para alguém.

Quando questionados sobre sua saúde durante o isolamento social, Amanda afirmou ser uma pessoa que quando criança sofria de baixa imunidade e, que, ocasionalmente contrai gripe ou resfriado durante o inverno. A jovem revelou que durante 2020 não teve nenhum sintoma respiratório, fato que atribuiu ao período de quarentena que reduziu a circulação e o contato com pessoas doentes. Nathan também afirmou não ter tido qualquer sintoma respiratório no período.

Matheus disse que logo nos primeiros dias do *lockdown* teve dor de garganta, espirros e dores de cabeça, sintomas que foram tratados em casa, sem a necessidade de medicação ou atendimento médico. De acordo com o informante, nenhum de seus familiares teve sintomas parecidos no período em que esteve doente.

Ainda segundo o entrevistado, por se tratar dos primeiros dias de isolamento, antes da confirmação do primeiro caso da doença na cidade, e por não ter viajado no período, acabou se isolando em casa e não realizou o teste para COVID-19. Afirmou que passados alguns dias já se sentiu melhor e não houve necessidade de atendimento médico.

O primeiro caso confirmado do novo coronavírus na cidade de Campo Mourão foi registrado no dia 25 de março de 2020⁴⁸, 5 dias após o decreto que impôs o isolamento social total no município. A paciente era uma mulher, que no período em questão havia retornado de uma viagem em que passou por Curitiba/PR e São Paulo/SP, segundo informações divulgadas pelo boletim da secretaria municipal de saúde.

Ao serem perguntados se conheciam alguma vítima fatal do novo coronavírus, Amanda e Matheus disseram que nenhum parente próximo ou conhecido morreu em decorrência da COVID-19. Nathan disse que na empresa onde seu pai trabalha houver

câncer, obesidade e idosos com mais de 60 anos. Além de populações indígenas, detentos e residentes em locais de longa permanência para idosos.

⁴⁸ <https://i44.com.br/noticias/2020/03/25/confirmado-primeiro-caso-de-coronavirus-em-campo-mourao/>

óbitos de contaminados pela nova doença, entretanto, o jovem não soube afirmar com certeza se conhecia as vítimas.

Discutindo sobre o convívio social e a pandemia, os três informantes revelaram que o isolamento social, afetou significativamente suas relações e laços de amizade. Para Matheus, a maior dificuldade do período foi a falta de interação pessoal com as pessoas, o jovem acredita que a tecnologia não pode substituir o encontro físico.

Apesar de não preferir a internet como meio de interação, Matheus revelou que a rede contribuiu para a comunicação, já que se tornou o único modo seguro de se conectar com as pessoas, o jovem ainda citou o esforço dos mais velhos em ter que se adaptar aos meios digitais para alimentar suas interações pessoais e profissionais.

Nathan afirmou que, embora seja mais fácil e rápida, o contato virtual com os amigos não é o mais divertido. Amanda viu a tecnologia de modo mais amistoso, afirmando que o ambiente virtual facilita a interação entre as pessoas, segundo ela é mais fácil dizer o que se pensa e sente pelas redes.

Amanda foi cética sobre o apoio do mundo digital na comunicação durante a pandemia, para a voluntária, muitos não sabem utilizar a ferramenta adequadamente, fazendo com que o campo virtual se transforme em uma terra sem lei. A jovem citou a divulgações de opiniões pessoais, disseminação de notícias falsas e a falta de conhecimento como principais elementos negativos na interação virtual.

Tratando sobre a pandemia e o impacto na rotina dos entrevistados, os três jovens relataram que o ano foi atípico em todos os sentidos. Com o isolamento social, o colégio e outras atividades foram suspensas imediatamente, o que prejudicou o estudo, lazer e o convívio familiar e com os amigos.

Amanda disse que sempre realizava várias atividades como dança e práticas esportivas com seus amigos no Centro da Juventude, quando o espaço teve que ser fechado, todos os momentos de lazer com os colegas foram interrompidos. A jovem disse que sempre ia lá com seus primos e familiares jogar vôlei na quadra, com o isolamento os encontros foram cancelados.

Cabe abrir aqui um parêntese para falar um pouco do Centro da Juventude, local presente na fala dos três informantes. O centro é um espaço de convivência para jovens e adolescentes mantido pelos governos estadual e municipal, a iniciativa está espalhada em várias cidades do Paraná, e é destinada à população jovem em situação de vulnerabilidade social.

O centro da juventude de Campo Mourão Itachir Tagliari foi inaugurado em 2012⁴⁹, e desde então é o maior espaço destinado aos jovens da cidade, e conta com piscina semiolímpica, pista de skate, quadra poliesportiva, sala de dança, anfiteatro, biblioteca e outros espaços.

No centro da juventude são desenvolvidas várias atividades esportivas, recreativas, culturais e de qualificação profissional, além da estrutura física estar sempre aberta à comunidade local. O CEJU, como é chamado por seus frequentadores, atende diariamente adolescentes e jovens de 12 a 18 anos, a maioria vindos dos bairros da asa leste. Os informantes relataram que antes da pandemia, participavam de atividades como dança e judô, bem como usavam o local para se reunir com os amigos e familiares.

Nathan também revelou que teve sua rotina bagunçada, com as atividades suspensas no centro e com as aulas remotas, chegou a ficar semanas sem sair de casa. Sua principal reclamação foi com a falta de contato físico com os seus amigos, o distanciamento social veio no momento em que ele estava conhecendo novas pessoas, um exercício que segundo ele ajudava a vencer timidez que sempre dificultou sua interação social.

Matheus contou que a pandemia forçou uma readequação em seus planos para o ano de 2020, sobretudo na busca por um emprego com carteira assinada. Estando sem trabalho formal, o jovem revelou que estava fazendo alguns bicos como garçom e no ramo da panfletagem, atividades diretamente atingidas durante a adoção das medidas de restrição de circulação.

Antes de discutir com os entrevistados como eles viam sua juventude e como é ser jovem na periferia, perguntei a eles sobre o que era ser jovem. Cada um teceu um comentário diferente sobre o tema, embora concordem que a juventude é marcada pelo contato com novas experiências.

Nathan destacou a liberdade como principal elemento do jovem, para ele ser jovem é estar em uma etapa da vida em que a maioria dos indivíduos é livre para fazer suas escolhas e as preocupações e responsabilidades financeiras ainda não existem. O entrevistado disse que é a fase em que se aproveita a vida sem maiores compromissos ou medos.

Matheus se posicionou de modo contrário a Nathan, alegou que muitos jovens precisam trabalhar e assumir compromissos financeiros e domésticos, além de ajudar os

⁴⁹ <https://crn1.com.br/2012/10/prefeitura-inaugura-centro-da-juventude/>

pais a sustentar a casa, o que segundo ele, é prejudicial ao jovem e faz com que a pessoa não aproveite a juventude.

Para ele juventude é sinônimo de experiência, de estar em contato com coisas diferentes, poder enxergar e fazer aquilo que gosta. A fala de Matheus é carregada de apreço pela descoberta do mundo, ter contato com novas possibilidades, buscar novos aprendizados, vivenciar coisas novas.

Fazendo uma breve reflexão sobre o comentário do informante, é possível ver que a realidade social na qual está inserido influenciou sua resposta. Muitos jovens moradores da periferia se veem obrigados a auxiliar os pais no orçamento doméstico, fato que pode ser causado por urgência de necessidades básicas ou para melhorar a qualidade de vida da família, outro fator importante são os rearranjos familiares causados pela gravidez precoce, que deslocam os jovens para uma realidade de paternidade e maternidade sem a maturidade psicológica e financeira necessárias.

Amanda usa em seu discurso um tom de indefinição, não por sua opinião, mas, para expor o que pensa sobre a juventude, para a informante o jovem é algo estranho, inacabado, incompleto, que não é fixo e sempre está mudando de opinião e posicionamento, ora para agradar os amigos ora por ter muitas dúvidas.

Ao ouvir o comentário de Matheus sobre a realidade de alguns jovens que tem muitas responsabilidades logo cedo, Amanda disse que seu colega está olhando para onde mora, o que sugere que a jovem faz uma relação entre a origem local e social do indivíduo com o tipo de juventude que se vive. Isso fica claro mais a diante na conversa, quando Amanda revela que ser um jovem do centro parece ser mais fácil.

Quando perguntados sobre as dificuldades em ser jovem, Matheus responde que encontrar um propósito para a vida, se inserir em um grupo, são os maiores desafios do jovem, o informante cita que diante de tantas possibilidades o jovem acaba por vezes confuso, perdido.

A busca por uma faculdade desejada, encarar uma profissão ou criar o próprio negócio, encontrar um estilo de vida, escolher casar e ter filhos ou viver viajando pelo mundo durante um tempo, enfim, se encontrar, é para Matheus a maior dificuldade encarada no período da juventude.

Nathan tem uma visão mais reflexiva, para ele a dificuldade do jovem está em formar uma opinião própria sobre o que está ao redor e assim fazer suas escolhas. Para ele o jovem é bombardeado por muitas situações e experiências, das quais ainda não tem

maturidade suficiente para escolher o que é benéfico ou não. O entrevistado cita o contato com as drogas como um exemplo para ilustrar sua resposta.

Observando a resposta de Nathan e considerando sua origem socioespacial, é possível estabelecer uma relação entre sua fala e a realidade na qual está inserido. O jovem vem de um dos bairros mais violentos da região, o contato com a criminalidade e a violência podem direcionar sua observação, o que pode pesar no discurso do informante sobre como é difícil para o jovem discernir o certo do errado.

Amanda enxerga as dificuldades em ser jovem de uma maneira mais pontual, algo relacionado à idade, a etapa da juventude que revela desafios próprios, segundo a entrevistada, o jovem pode achar que tem grandes dificuldades, mas nem sempre são problemas.

O ceticismo de Amanda diante das dificuldades em ser jovem pode ter ligação com sua realidade familiar, sobretudo o modo com que ela observa a rotina da mãe, não é tão simples ser a única provedora da casa, tendo que sustentar os dois filhos e cuidar do trabalho doméstico.

A entrevistada, ao falar da relação com sua mãe, disse que durante as discussões entre mãe e filha, Cris sempre diz que ela ainda precisa passar por muita coisa para saber sobre as dificuldades da vida. Este aspecto da relação entre as duas pode estar por trás do desinteresse da entrevistada ao falar sobre as dificuldades em ser jovem.

Um ponto delicado na visão dos informantes é a maneira com que o jovem é visto e tratado pelos adultos. Nathan afirma que o jovem é sempre subestimado pelos mais velhos, tal atitude segundo ele, principalmente vinda dos pais, tenta desvalidar o jovem diante da sua realidade. Para o informante, a atitude de reprimir para proteger o jovem só gera mais dúvida e rebeldia entre os jovens.

Matheus e Amanda alegaram que frequentemente são vistos como crianças, o que para eles pode frustrar a relação dos jovens com os mais velhos. Matheus avalia que o jovem aprende mais na prática, com erros e acertos, e segundo ele, os pais tentam impedir a tentativa e erro dos filhos em nome da proteção.

Nathan faz um comentário interessante sobre a relação entre os jovens e seus pais. Para ele, muitas vezes o jovem quer apenas um ouvinte, quer poder contar com o apoio e o conforto dos mais velhos em suas decisões. O entrevistado disse que o jovem “(...) quer só ser ouvido, ele não quer que alguém tente resolver o problema dele.” (informação verbal).

Quando questionados sobre como é ser um jovem da periferia, de início os informantes não souberam responder, ficaram em dúvida sobre como ser um jovem da periferia poderia ser diferente de ser um jovem de outra localidade. A dúvida diante da pergunta revela que não há preocupação em saber como seria a vida fora da periferia.

Diante da pergunta, Amanda revelou que não gostaria de ser do centro, segundo ela os jovens de lá parecem ser chatos e sempre ostentam um ar de superioridade. Talvez possa parecer um comentário ingênuo e até desinteressado, mas se observado com atenção pode revelar uma análise interessante.

Ao ser confrontada para se definir como jovem da periferia, Amanda procura uma síntese do oposto, uma caricatura do jovem do centro. Sua resposta traduz as lentes de um jovem que observa como seus pares de outras áreas da cidade são diferentes, que possuem características próprias, costumes que revelam um outro estilo de vida, ainda que sejam jovens como ela.

Nathan em sua fala revela que se fizesse um exercício hipotético de observar como era ser um jovem na periferia, diria que a vida é mais dura para o jovem do subúrbio, para o informante, a distância em acessar trabalho, atividades culturais e locais como agências bancárias, faz a vida do jovem de periferia ser difícil em alguns momentos. O jovem também cita a presença do preconceito como barreira diária, o que segundo a fala do entrevistado, faz com que as pessoas tenham um julgamento prévio sobre os moradores da periferia.

Matheus fala sobre a falta de oportunidades como principal estigma na vida do jovem de áreas pobres. Para ele, a periferia ainda é muito restrita, muita coisa não chega no subúrbio. O acesso a bens e serviços, quando existem, são precários e limitados, o que pesa na qualidade de vida do jovem.

Aproveitando a discussão sobre ser jovem na periferia, perguntei aos voluntários se eles acreditavam que a periferia influenciava na forma com que eles vivem a juventude, todos responderam com um não categórico, embora posteriormente reconhecessem que muitos jovens são influenciados por sua origem.

Para Matheus, nascer na periferia e conviver com a realidade local pode limitar a percepção do jovem sobre as coisas, fazer com que ele se condicione a acreditar que o subúrbio e a vida fora do centro seja a única realidade possível.

Segundo o informante, as dificuldades financeiras, a carência do bairro e o contato com a violência podem construir uma visão de fracasso na mente do jovem, o que é utilizado para justificar sua falta de perspectiva em sair da periferia. Ainda para Matheus,

há exceções em que o jovem utiliza sua realidade sofrida como motivação para vencer na vida e sair da periferia.

Mais a diante percebi que o relato de Matheus pode ser confundido com suas experiências de vida, no fim da entrevista, perguntei aos jovens quais eram seus sonhos, Matheus disse que queria ficar rico, ter uma vida financeira confortável, porque via como sua mãe trabalhava muito ganhando pouco. Caso a pergunta fosse repetida para mais jovens do bairro, acredito que esta seria uma resposta comum entre os jovens da periferia.

Para Amanda, poucos jovens pensam em sair do subúrbio, para ela, em alguns casos falta determinação, a realidade pobre acaba orientando o jovem a pensar que ali é o seu lugar e que sair de onde nasceu é muito difícil. A entrevistada cita famosos e personalidades da televisão como poucos exemplos de superação.

Nathan vai mais fundo em sua análise, ele acredita que há poucos jovens que acham que podem sair da periferia. Para o jovem, crescer em uma realidade marginalizada faz com que o indivíduo crie aos poucos uma identificação com a periferia, buscando alcançar uma condição de vida semelhante aos seus familiares e vizinhos, para Nathan *“(...) no geral, acho que as pessoas querem muito o que os pais delas tem. (...) Ter uma vida estável, (...) Tê uma família e... tê um dinheiro pra pagar as contas e fazer uma festa no final do mês (...).”* (informação verbal).

Chegando ao fim da entrevista, perguntei aos entrevistados se na percepção deles, as experiências de um jovem da periferia são diferentes de um jovem do centro. Todos responderam que sim, cada um dando ênfase nos aspectos que julgavam ser mais importantes na vida de um jovem. O peso da condição financeira esteve presente em todas as respostas.

Matheus disse que um jovem do centro tem mais conforto, se comparado com a realidade do jovem da periferia, para o informante, o suporte financeiro pode dar mais oportunidades, fazer com que o indivíduo busque experiências e tenha preocupações diferentes do jovem do subúrbio. Segundo Matheus, *“(...) um jovem de 15 anos da periferia talvez ele pensa, tipo, em procurar um emprego, agora, um jovem de 15 anos com um padrão de vida melhor, ele pensa mais em se divertir (...).”* (informação verbal).

Amanda ressalta a influência dos pais na realidade vivenciada entre os jovens do centro, para ela, estar em uma realidade familiar com maior poder aquisitivo pode facilitar o acesso a oportunidades, tornando as escolhas e conexões sociais mais fáceis. Para Amanda, *“(...) O outro jovem mais rico, ele não tem uma preocupação de arrumar um*

emprego, ou correr atrás das próprias coisas, o pai dela pode dar pra ela.” (informação verbal).

Para Nathan, em geral, a vida no centro é mais fácil que na periferia, o que faz com que as experiências e oportunidades de emprego, estudo, lazer sejam mais numerosas e mais fáceis do que para os jovens que vivem na periferia, longe do acesso a melhores condições de vida. Outro fator de destaque, para Nathan, é que a condição de pobreza e dificuldade da periferia ajuda a limitar as expectativas do jovem, o que não ocorre entre os jovens do centro.

Por fim, quando perguntados sobre o que é ser jovem, Matheus disse que a experiência e o erro definem a juventude de modo geral, Amanda concordou, complementando que a fase da vida que compreende a juventude é o tempo de experimentar e aprender. Nathan afirmou que ser jovem é questionar, é buscar respostas e sempre contestar as coisas, além de buscar se diferenciar na multidão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas observações que fiz como professor da rede pública estadual do Paraná, bem como nas análises durante os encontros e entrevistas com os informantes da pesquisa, procurei examinar como é a realidade de um jovem da periferia de uma cidade do interior paranaense. Com a pandemia de COVID-19 e as medidas de isolamento social adotadas no enfrentamento à doença, a pesquisa sofreu um duro golpe e teve de ser alterada em muitos aspectos, especialmente com relação a metodologia e o trabalho de campo com observação participante.

A ocorrência da COVID-19 fez emergir um novo elemento a ser apreciado. Ainda que o foco não seja retratar o impacto do novo coronavírus entre os jovens da periferia, parte da dissertação revela algumas impressões dos informantes sobre como a doença, mais precisamente as medidas de isolamento, afetaram o cotidiano dos entrevistados.

Entre nosso recorte etário, que vai dos 15 aos 19 anos, constatamos que a restrição à circulação e contato presencial com outros jovens, foram uma das principais dificuldades enfrentadas pelos jovens. Embora reconhecerem que o isolamento é importante e eficaz no controle da pandemia, os jovens entrevistados avaliaram que os mecanismos virtuais não substituem o convívio presencial, sendo recursos auxiliares, ou ainda, para utilização temporária.

Com relação ao medo de serem contaminados pelo novo coronavírus, os informantes se apresentaram temerosos não pelo risco direto a sua condição de saúde, mas por eventualmente transmitirem a doença a algum familiar que poderia desenvolver o quadro grave, principalmente para aqueles que se encontram no grupo de risco para a COVID-19.

Apenas um informante relatou ter sentido sintomas semelhantes aos causados pelo coronavírus durante o período da pesquisa, o mesmo afirmou que se recuperou em casa sem necessidade de atendimento médico e acabou não realizando o teste para COVID-19. Quando perguntados sobre casos confirmados entre familiares e conhecidos, dois dos entrevistados relataram conhecer uma paciente que testou positivo, um deles disse conhecer vítimas fatais da doença.

Sobre a relação entre o COVID-19 e as mudanças na rotina, ambos os informantes revelaram que tiveram suas atividades total ou parcialmente suspensas durante o ano de 2020. Os entrevistados revelaram que foram obrigados a readequar ou adiar projetos

peçoais, tais como a busca por um trabalho, o ingresso em cursos profissionalizantes e a prática de atividades esportivas.

Dados coletados na fala dos informantes mostraram que a vida estudantil foi duramente afetada pela quarentena imposta pelo COVID-19, os entrevistados que estavam matriculados na rede pública estadual de ensino, revelaram que se sentiram prejudicados com a adoção do ensino remoto, em comparação com o ensino presencial.

A falta de contato com os professores, a dificuldade em organizar uma rotina de estudos e a carência de recursos pedagógicos foram as principais queixas dos jovens, que ainda apontaram que as soluções como interações virtuais e a gravação de aulas chegaram tardiamente, ao final do ano letivo.

Em comparação com a realidade observada na rede privada de ensino, os mecanismos empregados no ensino remoto emergencial da rede pública se mostraram ineficientes. A transmissão de aulas televisionadas sem agregar meios técnicos capazes de promover interação direta e frequente entre aluno e professor, acabou por aprofundar as desigualdades educacionais entre o centro e a periferia, mostrando o despreparo do ensino público básico diante do isolamento social.

Ao serem questionados sobre o que é ser jovem, os entrevistados destacaram a postura contestadora e a busca de novas experiências como principais características do período da juventude. A possibilidade de aprender com os erros, a busca de pertencimento a um grupo, e a procura de um propósito de vida foram outros elementos importantes na construção de uma representação do ser jovem, segundo os informantes.

Para os voluntários da pesquisa, o preconceito, a busca por emprego, a falta de oportunidades e de acesso a bens e lazer são as principais dificuldades enfrentadas pelo jovem da periferia. A realidade excludente e o contato com a violência e marginalidade fazem, segundo os informantes, que muitos jovens da periferia tenham as perspectivas de vidas limitadas, não vendo possibilidades de ascensão social ou melhora na qualidade de vida a curto prazo.

A identificação com a periferia desde cedo, faz com que os moradores das áreas pobres não busquem compreender a realidade fora da periferia, o que de acordo com os entrevistados, acaba em justificar a conformação com a realidade social e a reprodução das condições de vida, onde os pais e familiares são o modelo status financeiro e social.

A compreensão da periferia evocada na fala dos informantes é por vezes utilizada de acordo com o tema a ser dialogado, revelando que para os jovens entrevistados, a periferia assume diferentes posições em seus discursos, o que superou as hipóteses lançadas sobre o jovem e sua relação com o espaço periférico.

Em temáticas mais gerais sobre a vida do jovem e suas características comuns, como nas discussões sobre a juventude e o lazer, as formas de socialização e o tratamento dos adultos para com o jovem, o espectro da periferia some do vocabulário, em seu lugar são demonstrados elementos unificadores como a rebeldia, contestação, experimentação, imaturidade e aprendizado.

Ao tratar de questões ligadas a vida cotidiana como, o estudo, profissionalização e mercado de trabalho, oportunidades e acesso a bens e serviços, a periferia se apresenta como sinônimo da carência de recursos, ou ainda a falta da presença do estado na garantia de melhor qualidade de vida e do pleno exercício da cidadania.

Os jovens da periferia se mostraram plenamente conscientes das dificuldades e da escassez de recurso que enfrentam por sua condição de origem, entretanto, observam que tais barreiras podem ser superadas à duras penas, sendo necessário um esforço muito maior do que o dispendido pelo jovem do centro, algo que nem sempre é visto como possível ou alcançável pela maioria de seus pares.

A coleta de dados obtida na entrevista com os informantes da pesquisa, nos mostra que o jovem em situação de vulnerabilidade social está ciente de sua condição social, embora, na maioria dos momentos, não confronte suas escolhas pessoais com a realidade do seu bairro ou com a falta de oportunidades que o cerca.

Na fala dos entrevistados é possível captar que nem sempre o jovem da periferia busca a superação de suas condições sociais, ou mesmo a emancipação do subúrbio. Segundo os próprios informantes, há uma naturalização das barreiras sociais que impedem a busca por elevação social e econômica.

Para exemplificar os relatos dos informantes podemos imaginar uma corrida hipotética de 100 metros entre o centro e a periferia, em que cada atleta precisa cumprir a prova em até 20 segundos. Todos correm a mesma distância, tendo as iguais condições e a mesma janela de tempo para cumprir o desafio.

À medida que cada jovem cruza a linha de chegada, as condições sociais como cor, gênero, arranjo familiar, escolaridade dos pais e local de moradia somam cada uma delas um segundo no tempo de prova. Estes elementos, fazem com que os indivíduos da periferia tenham que correr mais rápido que os jovens do centro. A repetida soma de

elementos sociais pode dar vantagem para os corredores do centro, exigindo mais esforço pessoal dos participantes da periferia.

O exemplo serve para ilustrar a concorrência desigual na qual se encontram os jovens, os moradores da periferia reconhecem que precisam superar barreiras ainda no início da corrida, em muitos casos deixam de buscar chegar mais longe pois, como fazem mais esforço, acabam se desgastando mais rápido, o que faz com que desistam no meio do caminho.

O que parece aparentemente uma ingenuidade ou conformidade dos jovens com sua posição social, se revela uma estratégia de desistência programada, fruto da maior carga de esforço despendida por eles, que em maior ou menor tempo, vai definir o quão longe podem chegar.

Enquanto o estado não definir mecanismos que compensem o maior empenho dos jovens da periferia na busca pela transformação de sua realidade social, mais e mais atletas continuarão deixando a prova, fazendo com que a corrida seja a principal reprodutora da desigualdade, e não a falta de esforço.

REFERÊNCIAS

500 MAIORES: cooperativas Coamo, C.Vale e Lar estão entre as 10 maiores empresas do Paraná. **Portal Paraná Competitivo, Sistema Ocepar**, Curitiba, 09 de dez. de 2020. Disponível em: <<http://www.paranacooperativo.coop.br/ppc/index.php/sistema-ocepar/comunicacao/2011-12-07-11-06-29/ultimas-noticias/131866-500-maiores-cooperativas-coamo-cvale-e-lar-estao-entre-as-10-maiores-empresas-do-parana>>. Acesso em dezembro de 2020.

ABDAL, A.; OLIVEIRA, M. C. V.; GHEZZI, D. R.; SANTOS JÚNIOR, J. (Orgs.). **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo**. São Paulo: Serviço Social do Comércio/Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, 2016.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Usos e Abusos dos Estudos de Caso**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

APRESENTAÇÃO da cooperativa, **COAMO Agroindustrial Cooperativa**. Campo Mourão, [s.d.] Seção quem somos. Disponível em: <<http://www.coamo.com.br/site/quem-somos/portugues>>. Acesso em agosto de 2020.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. 2º edição. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ASSESSORIA, Prefeitura de Campo Mourão. Base da pista de caminhada e iluminação do parque das torres estão em fase final. **Tribuna do Interior**, Campo Mourão, 24 de set. de 2020. Disponível em: <<https://tribunadointerior.com.br/campo-mourao/base-da-pista-de-caminhada-e-iluminacao-do-parque-das-torres-estao-em-fase-final>>. Acesso em outubro de 2020.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica, Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas: Uma visão humanística**. Petrópolis, Vozes, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional da Juventude. Conselho Nacional da Juventude. **Pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus - Relatório de resultados**. Brasília, 2020.

CAMARANO, Ana Amélia. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

Campo Mourão (Paraná). Lei nº 568, de 21 de outubro de 1987. **Autoriza o executivo municipal a criar o parque municipal "Joaquim Teodoro de Oliveira" e dá outras providências.** Câmara municipal de Campo Mourão. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/campo-mourao/lei-ordinaria/1987/56/568/lei-ordinaria-n-568-1987-autoriza-o-executivo-municipal-a-criar-o-parque-municipal-joaquim-teodoro-de-oliveira-a-da-outras-providencias>>.

_____. Lei nº 805, de 01 de julho de 1993. **Determina o tombamento ao patrimônio histórico-cultural do município de Campo Mourão, o chafariz e o coreto da praça Getúlio Vargas.** Câmara municipal de Campo Mourão. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/campo-mourao/lei-ordinaria/1993/80/805/lei-ordinaria-n-805-1993-autoriza-o-tombamento-ao-patrimonio-historico-cultural-do-municipio-de-campo-mourao-o-chafariz-e-o-coreto-da-praca-getulio-vargas-e-da-outras-providencias>>. Acesso em outubro de 2020.

CARDOSO, Ruth, & SAMPAIO, Helena Santana. **Bibliografia sobre a juventude.** São Paulo: Edusp, 1995.

CASTTELLS, M. **A questão urbana.** Tradução: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, v. 48. (Coleção Pensamento Crítico).

CONFIRMADO primeiro caso de coronavírus em Campo Mourão. **i44 News**, Campo Mourão, 25 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://i44.com.br/noticias/2020/03/25/confirmado-primeiro-caso-de-coronavirus-em-campo-mourao/>>. Acesso em novembro de 2020.

DIÓGENES, G. Juventude, exclusão e a construção de políticas públicas: estratégias e táticas IN: MENDONÇA FILHO, M., and NOBRE, MT., orgs. **Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa** [online]. Salvador: EDUFBA; São Cristóvão: EDUFES, 2009. 368 p. ISBN 978-85-232- 0624-6.

Entrevista concedida por AMANDA; MATHEUS; NATHAN. **Entrevista parte 1.** [nov. 2020]. Entrevistador: Wellington Lucas dos Santos. Campo Mourão, 2020. 1 arquivo .mp3 (38 min).

_____. **Entrevista parte 2.** [nov. 2020]. Entrevistador: Wellington Lucas dos Santos. Campo Mourão, 2020. 1 arquivo .mp3 (110 min).

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, Ano 13 – nº 25 - dezembro / 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>.

_____. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, **Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2018.** Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados>>.

_____. **Conheça Cidades e Estados do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>>.

_____. **Indicadores IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Primeiro Trimestre de 2019** – Rio de Janeiro, 2019.

_____. **Indicadores IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua COVID-19** – Rio de Janeiro, 2019.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB 2017**. Brasília: INEP, 2018. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/planilhas_para_download/2017/IDEB2017_APRESENTACAO_final.pdf>.

_____. **Resultados e Metas**. Brasília: INEP, 2018. Disponível em: <ideb.inep.gov.br>.

INICIADAS obras de novo parque no jardim modelo e município trabalha no parque das torres. **Cidade Portal**, Campo Mourão, 22 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://campomourao.cidadeportal.com.br/noticia/97040/22-07-20/iniciadas-obras-de-novo-parque-no-jardim-modelo%C2%A0-e-municipio-trabalha-no-parque-das-torres>>. Acesso em outubro de 2020.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado. *Metrópoles Brasileiras*. São Paulo: **São Paulo Em Perspectiva**, 14(4) 2000. P. 21-33.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009. Sobre o artesanato intelectual, p. 21-58; A promessa, p. 81-88.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

MORIGI, Josimari de Brito. MORIGI, Mauro Cesar. A ocupação territorial e a evolução do espaço urbano de Campo Mourão – Paraná. In: **Simpósio de Estudos Urbanos: a dinâmica das cidades e a produção do espaço**, II. 2013, Campo Mourão. Anais... Campo Mourão: FECILCAM, 2013. ISSN 2236-4056. Disponível em: http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/trabalhos_producao.html. Acesso em agosto de 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2000.

PARQUE Estadual Vila Rica do Espírito Santo. **Secretaria do Desenvolvimento Sustentável e do Turismo – SEDEST**, Governo do Paraná, Curitiba [s.d.]. Disponível em: <<http://www.sedest.pr.gov.br/Pagina/Parque-Estadual-Vila-Rica-do-Espirito-Santo>>. Acesso em agosto de 2020.

PEREIRA, Fernanda Martins. **O peso do capital cultural nos resultados do ENEM-2015 em Ribeirão Preto e o contrassenso de seu uso como indicador de qualidade das escolas**. Dissertação de Mestrado em Educação, USP, Ribeirão Preto, 2019.

PREFEITURA inaugura Centro da Juventude. **CRN Online**, Campo Mourão, 22 de out. de 2012. Disponível em: <<https://crn1.com.br/2012/10/prefeitura-inaugura-centro-da-juventude/>>. Acesso em novembro de 2020.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, María Laura. **O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006. P 246-325.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2011) **“O Estudo de Caso Etnográfico em Educação”** In N. Zago; M. Pinto de Carvalho; R. A. T. Vilela (Org.) *Itinerários de Pesquisa - Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação* (137 - 179). Rio de Janeiro: Lamparina (2ª edição).

SILVA, Ivaneti Pereira Martins da. **Dinâmica e Populacional e Produção do Espaço de Campo Mourão - PR A Espaço Temporalidade de um Núcleo Polarizador**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

SPOSITO, Marília. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude e escolarização. In Osmar Fávero, Marília Pontes Sposito, Paulo Carrano & Regina Reyes Novaes, **Juventude e contemporaneidade**, p. 7-34. Brasília: MECINEP/Comped, 2002.

_____. & CARRANO, Paulo. Juventude e políticas públicas no Brasil. In Osmar Fávero, Marília Sposito, Paulo Carrano & Regina Novaes (Orgs.), **Juventude e contemporaneidade**, p. 179-215. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

TOKARNIA, Mariana. **Inep divulga dados detalhados do ideb por escola**. Agência Brasil, Brasília, 20 Dez. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-12/inep-divulga-dados-detalhados-do-enem-por-escola>>.

XAVIER, Eduardo. Praça São José: espaço da diversidade humana em Campo Mourão. **I44 news**, Campo Mourão, 19 de jan. de 2019. Seção cotidiano. Disponível em: <<https://i44.com.br/noticias/2019/01/19/praca-sao-jose-espaco-da-diversidade-humana-em-campo-mourao/>>. Acesso em outubro de 2020.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. In: _____. **O Fenômeno urbano**. Trad.: Antônio Carlos Pinto Peixoto. Org. e pref. Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

ANEXO 1

Modelo de questionário da pesquisa

Questionário da pesquisa "Cidade, Periferia e Juventude: experiências e palcos de socialização", com jovens periféricos entre 15 a 18 anos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada " Cidade, Periferia e Juventude: experiências e palcos de socialização", que faz parte da dissertação de Mestrado realizado pelo aluno Wellington Lucas dos Santos sob a orientação da professora Dra. Simone Dourado, produzida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGC) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Nossa pesquisa tem por objetivo analisar as experiências juvenis de indivíduos de 15 a 18 anos de diferentes periferias brasileiras, analisando se a local de moradia e a origem social contribuem para as experiências juvenis.

Para isto a sua participação é muito importante e ela se dará na forma de respostas a perguntas feitas por meio de um questionário. Sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem qualquer prejuízo à sua pessoa. As informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade que se manterá anônima. Caso precise de maiores esclarecimentos, estaremos à disposição para sanar quaisquer dúvidas.

Nome: SIMONE DOURADO

Endereço: Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco H12 - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGC).

CEP: 87020-900 Maringá-Pr. Tel: 3011-4288 / 3011-4971.

E-mail: simone.dourado890@gmail.com.

Nome: WELLINGTON LUCAS DOS SANTOS

Endereço: Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.
Bloco H12 - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGC).
CEP: 87020-900 Maringá-Pr. Tel: 3011-4288 / 3011-4971.
E-mail: wellington.santos5@gmail.com.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

() Declaro que fui esclarecido e **CONCORDO** em participar voluntariamente desta pesquisa

() Declaro que fui esclarecido e **NÃO CONCORDO** em participar desta pesquisa

OS DADOS SÃO SIGILOSOS E NÃO SERÃO DIVULGADOS.

1.Qual é o seu nome? (Apenas primeiro nome).

2.Qual é a sua cor?

() Amarelo () Branco () Indígena () Preto/Pardo

3.Telefone com DDD (celular):

() _____

4.E-mail que acessa. (Caso deseje participar da próxima fase da pesquisa).

6.Em qual cidade e estado você mora?

8.Qual o nome do bairro em que você mora?

9. Em sua casa moram quantas pessoas?

- Até 3 pessoas
- De 3 a 5 pessoas
- Acima de 5 pessoas

10. Qual é a renda mensal da sua família? *Salário mínimo (R\$ 1.045,00)

- Menos de 1 salário mínimo por pessoa
- De 1 a 3 salários mínimos por pessoa
- De 3 a 5 salários mínimos por pessoa
- Acima de 5 salários mínimos por pessoa

11. Você tem acesso à internet em casa?

- Sim
- Não

12. Você trabalha fazendo alguma atividade remunerada?

- Sim
- Não

13. Participa de algum movimento político ou social?

- Movimento Estudantil
- Partido Político
- Associação de Bairro
- Movimento Social
- Coletivos
- Grupo ou Entidade Religiosa
- Outro _____

14. Participa de protestos ou passeatas com qual frequência?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Sempre

15. Com a pandemia do novo Coronavírus você passou a acessar as aulas online com qual frequência?

- Nunca
- Raramente

Às vezes

Sempre

16.A pandemia do novo Coronavírus tirou os seus momentos de lazer?

Sim Não

17.Você ou alguém de sua família (pai, mãe, irmão, avós, tios (as), primos (as) testou positivo para o novo Coronavírus?

Sim Não

18.Alguém próximo de você morreu em razão da COVID-19, doença provocada pelo novo Coronavírus?

Sim Não

19.Se sim, qual nível de proximidade?

Pai/Mãe Avós

Irmãos Tios/Primos

Namorado (a) Vizinhos

Colega de Trabalho Colega da Escola

Parente distante

20.Com que frequência você vai ao centro da cidade por semana?

1 vez por semana

De 1 a 3 vezes por semana

Mais de 3 vezes por semana

21.Com que frequência você usa o transporte público?

Nunca

Raramente

Às vezes

Sempre

22.Com que frequência você vai a teatros e museus?

Nunca

- Raramente
- Às vezes
- Sempre

23.Com que frequência você vai ao cinema?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Sempre

24.Com que frequência você vai a shows e apresentações artísticas?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Sempre

25.Quando sai com os amigos aonde vocês mais costumam ir?

- Casa de amigos do bairro ou do colégio
- Praças e estabelecimentos no bairro
- Praças e estabelecimentos no Centro
- Outros _____

26.Quando sai com os amigos, qual a forma mais comum de ir?

- A pé
- De bicicleta
- De carro/moto com os seus pais ou pais de amigos
- De Transporte público
- De Táxi/Mototáxi/Corrida por Aplicativo (Uber, 99, outros).

ANEXO 2

Roteiro para entrevista com informantes da pesquisa

Parte 1: dados pessoais e escolarização.

Onde você mora? Qual a renda aproximada da sua família? Quantas pessoas moram com você? Tem acesso à internet em casa? Tem trabalho remunerado? Participa ou participou de movimento social? Participou de alguma manifestação? Participa de algum grupo de jovens religioso/ social/ cultural/ outro? Onde estuda? Como foi estudar de forma remota na pandemia? Como eram as atividades escolares remotas? Quais as maiores dificuldades do ensino remoto?

Parte 2: dados sobre a pandemia de coronavírus e seus efeitos:

Durante o isolamento, teve algum sintoma de COVID-19 (tosse, febre, dor de garganta, falta de ar)? Testou positivo para COVID-19? Conhece alguém que testou positivo para COVID-19? Tem ou teve medo de se contaminar com o novo coronavírus? A pandemia afetou sua vida de algum modo?

Parte 3: sobre ser jovem da periferia:

O que é ser jovem? Como é ser jovem? O que pensa quando ouve a palavra juventude? Como os adultos veem os jovens? O que os jovens mais fazem para se divertir? Como é ser um jovem da periferia da cidade? Quais são as dificuldades do jovem da periferia? O lugar onde você mora influencia a sua juventude? Quais são seus maiores sonhos? Onde se vê daqui a dez anos?